



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POSTRAD**

**EN e Y nas traduções dos romances ‘O Africano’, ‘Pawana’ e
‘Refrão da fome’ de J.M.G. Le Clézio**

ANDRÉ DE CARVALHO MARTINS

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA-DF
SETEMBRO/2013**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POSTRAD**

**EN e Y nas traduções dos romances ‘O Africano’, ‘Pawana’ e
‘Refrão da fome’ de J.M.G. Le Clézio**

ANDRÉ DE CARVALHO MARTINS

ORIENTADOR: RENÉ G. STREHLER

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BRASÍLIA-DF

SETEMBRO/2013
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POSTRAD

**EN e Y nas traduções dos romances ‘O Africano’, ‘Pawana’ e
‘Refrão da fome’ de J.M.G. Le Clézio**

ANDRÉ DE CARVALHO MARTINS

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.**

Aprovada por _____

**Prof. Dr. René G. Strehler – Universidade de Brasília - UnB
Orientador e Presidente da banca**

**Prof^a. Dr^a Joice Armani Galli – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Membro titular da banca/Examinadora externa**

**Prof^a. Dr^a. Alice M. Araújo Ferreira – Universidade de Brasília – UnB
Membro titular da banca/Examinadora interna**

**Prof^a. Dr^a. Sabine Gorovitz – Universidade de Brasília – UnB
Membro suplente da banca**

BRASÍLIA/DF, 13 DE SETEMBRO DE 2013

Aos meus pais Hanani (in memoriam) e Abenice,
Aos meus irmãos Fabiana e Wilson,
À minha cunhada Natália e ao meu sobrinho Matheus,
À minha tia Ercília,
Por tudo o que vocês representam em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção de todos os dias, pela boa energia e pela Sua divina misericórdia.

Aos meus queridos pais, Hanani (in memoriam) e Abenice, pelo dom da vida, pelo amor incondicional, pelos ensinamentos transmitidos, pela compreensão e pela confiança.

À minha irmã Fabiana, pela solidariedade, pelas ideias e pelo apoio. Ao meu irmão Wilson e à minha cunhada Natália, pela compreensão e pela força. À minha tia Ercília, pela compreensão e apoio.

À minha amiga Maria do Rosário, pela troca de ideias e pelo apoio.

Ao meu professor, orientador e Dr. René G. Strehler, obrigado pela paciência, pelas ideias suscitadas e por ter me mostrado o caminho da pesquisa.

À professora Dra. Alice M. Araújo Ferreira, obrigado pela leitura da primeira parte do meu trabalho, pelos apontamentos e pela participação na mesa de apresentação do relatório de pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, especialmente para as professoras Dr.as Soraya Ferreira Alves, Júnia Regina de Faria Barreto e Germana Henriques Pereira de Sousa.

A todos da secretaria, meu muito obrigado.

Muito obrigado a todos!

“Sem a ‘participação’ do estrangeiro que é a tradução, a obra ‘se aborreceria em si mesma’, se esgotaria nos efeitos que ela produz enquanto obra em seu cenário linguístico. Nesse sentido, ela tem necessidade de ser traduzida, de ressurgir, toda juvenil, no espelho de uma língua estrangeira, para poder oferecer aos leitores de sua língua materna sua feição de maravilha, ou seja, sua feição de obra simplesmente”.

(Antoine Berman)

RESUMO

Os elementos linguísticos *en* e *y* são estruturas pertencentes à língua francesa. No caso de *en*, ele tem como função a de representar os complementos verbais direto e indireto, introduzidos pela preposição *de*, bem como substituir o complemento adverbial de lugar. No caso de *y*, ele tem como função substituir o complemento indireto, bem como o complemento adverbial de lugar, introduzido, principalmente pela preposição *à*. Classificados como pronomes adverbiais, para traduzi-los em outra língua, e no caso desta pesquisa, considerar a língua portuguesa do Brasil, é necessário que o tradutor apresente conhecimentos das línguas envolvidas no processo para dar tratamento a esses pronomes quando são traduzidos para a língua-alvo. Assim sendo, o presente estudo enfoca a análise da tradução dos pronomes *en* e *y* na língua portuguesa, tendo como *corpus* três obras literárias de Jean-Marie Gustave Le Clézio: *O Africano*, *Pawana* e *Refrão da fome*, cujas informações estabelecem um sentido que atravessa o processo de tradução e das estratégias aplicadas pelo trabalho do tradutor: Omissão, Correspondência Formal e Paráfrase. A partir de uma exposição quantitativa, o enfoque é administrado sobre o aspecto qualitativo, tendo em vista a importância particular dos referidos pronomes no francês e no português. Sob este contexto, permeia-se o fazer literatura do escritor Le Clézio que contribui incessantemente para a literatura francesa com seus ideais.

Palavras-chave: tradução, Hjelmslev, *en* e *y*, omissão, correspondência formal, paráfrase.

ABSTRACT

The linguistic elements *en* and *y* are structures belonging to French language. In the case of *en*, its function is to represent the direct and indirect verbal complements, introduced by preposition *de*, as well as substituting the adverbial complement of place. In the case of *y*, its function is to substitute the indirect complement, as well as the adverbial complement of place, introduced especially, by preposition *à*. Classified adverbial pronouns, in order to translate them in other language, and in the case of this project, to consider the Portuguese language of Brazil, the translator is required to have a great knowledge of involved languages in the process to get treatment to these pronouns when they are translated to the target language. Therefore, the present study concentrates attention on the analysis of translation of pronouns *en* and *y* in the Portuguese language, based on the three literary works of Jean-Marie Gustave Le Clézio: *L'Africain*, *Pawana* and *Ritournelle de la faim*, translated into the Portuguese language, whose informations establish a sense that goes through the process of the translation and strategies applied by work of the translator: Omission, Formal Correspondence and Paraphrase. From a quantitative exposition, the focus is conducted upon the qualitative aspect, in view of a particular importance of such pronouns in French and the way seemed by the translator in the works cited in Portuguese. In this context, permeates to do literature of the writer Le Clézio who contributes incessantly to French literature with his ideals.

Keywords: translation, Hjelmlev, *en* e *y*, omission, formal correspondence, paraphrase.

RÉSUMÉ

Les éléments linguistiques *en* et *y* sont des structures concernantes à la langue française. Par rapport à *en*, il a pour fonction représenter les compléments d'objet direct e indirect, introduits par la préposition *de*, aussi que remplacer le complément circonstantiel de lieu. Par rapport à *y*, il a pour fonction remplacer le complément d'objet indirect aussi que le complément circonstantiel de lieu, introduits par la préposition *à*. Classés comme des pronoms adverbiaux, pour les traduire en autre langue, cette recherche est située dans le cadre de la langue portugaise du Brésil, il faut que le traducteur ait des connaissances des langues impliquées dans le processus afin de leur donner traitement quand ils sont traduits à la langue-cible. Ainsi, cette étude se concentre sur l'analyse de la traduction des pronoms *en* et *y* dans la langue portugaise, ayant un *corpus* composé de trois œuvres littéraires de Jean-Marie Gustave Le Clézio: *L'Africain*, *Pawana* e *Ritournelle de la faim*, dont les informations constituent un sens qui traverse le processus de la traduction et des stratégies appliquées par le travail du traducteur: Omission, Correspondance Formelle et Paraphrase. À partir d'une exposition quantitative, l'attention s'arrange à l'aspect qualitative, étant donné l'importance particulière des pronoms référés en français et en portugais. Sous ce contexte, on imprégne le faire littérature de l'écrivain Le Clézio avec ses idéaux qui incessamment contribue à la littérature française.

Mots-clés: traduction, Hjeltslev, *en* e *y*, omission, correspondance formelle, paraphrase.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplos de tradução de <i>en</i>	53
Tabela 2 – Exemplos de tradução de <i>y</i>	54
Tabela 3 – Lugar dos pronomes complementos em uma frase no francês	77
Tabela 4 – Quantitativo de omissão	104
Tabela 5 – Quantitativo de Correspondência formal	106
Tabela 6 – Quantitativo de Paráfrase	107
Tabela 7 – Quantitativo isolado de <i>en</i>	107
Tabela 8 – Quantitativo isolado de <i>y</i>	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REVISÃO DA LITERATURA	15
1.1 Maurice Grevisse (1964)	16
Y	16
EN	17
Lugar de <i>en</i> e <i>y</i>	18
1.2 Pierre Le Goffic (1993)	19
1.3 Marc Wilmet (2003)	22
Y	22
EN	22
1.4 René Rioul et al. (2011)	24
Y	24
EN	24
1.5 Síntese	27
2 DISCUSSÃO TEÓRICA	28
2.1 A Tradução e as Formas EN e Y	28
2.2 Louis Hjelmslev e os Signos EN e Y	39
3 METODOLOGIA	48
3.1 A Escolha do objeto de trabalho	48
3.2 Função: Complemento Verbal	50
3.2.1 Complemento do Objeto Direto (COD)	50
3.2.2 Complemento do Objeto Indireto (COI)	51
3.3 Coleta e Seleção de Dados	52
3.4 Estratégias de Tradução	57
3.4.1 Omissão	58
3.4.2 Correspondência Formal	58
3.4.3 Referente e Paráfrase	59
3.5 Síntese	61
4 ANÁLISE DOS DADOS	62
4.1 Casos de Omissão e de Uso do Complemento do Verbo	64
4.1.1 Casos de Uso do Complemento Objeto Direto (COD)	65
4.1.2 Casos de Uso do Traço Estilístico como A Vírgula	69
4.1.3 Casos de Uso dos Complementos Partitivos	72
4.1.4 Casos de Uso dos Complementos Objeto Indireto (COI)	76
4.2 Casos de Uso da Correspondência Formal e Casos de Uso do Complemento Adverbial	86
4.3 Casos de Uso da Paráfrase	95
4.3.1 Casos de Uso de Complemento nominal	95
4.3.2 A Paráfrase e Casos de Complementos Verbais	99
5 CONCLUSÕES PRELIMINARES	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	113
I ANEXO – <i>CORPUS</i>	116
II ANEXO – <i>CORPUS</i> DA ANÁLISE DE DADOS	134
III ANEXO – TABELAS	141

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a análise das traduções das formas *en* e *y*, pertencentes à estrutura da língua francesa para o português do Brasil. São estruturas linguísticas que exercem um papel complementar na frase no francês tanto escrito quanto falado. Elas adquirem importância linguística na referida língua, desde que a situação contextual exija seu emprego. É neste momento que dispomos a perceber o olhar do tradutor para este caso. Isto significa que, para a análise, identificamos cada situação contextual destas formas, bem como a tradução ou a ausência no texto em língua portuguesa.

Embora o objeto de pesquisa não verse objetivamente sobre tais formas no contexto do ensino do francês como segunda língua (FLS) e/ou como língua estrangeira (FLE), podemos fazer uma ressalva de que a aprendizagem de *en* e *y* para os falantes de língua portuguesa não é tão fácil a compreensão nem simples a assimilação. Sabemos que o processo tradutivo já existe em cada falante-aprendiz, o que gera por assim dizer a tentativa de uma tradução que pudesse ser equivalente no contexto em que elas são inseridas.

Quando buscamos fazer tradução, tais formas podem exigir, assim como todo o processo tradutivo, uma discussão em torno de sua permanência ou não existência no texto traduzido. Neste caso, é importante elucidar as ideias propostas pelo tradutor.

Voltamos à atenção para *en* e *y*, a partir de leituras de textos narrativos traduzidos do francês para o português em que o tradutor, muitas vezes, ou permitia que eles aparecessem no texto traduzido ou os omitia.

Sabemos também que não podemos somente considerar o conhecimento linguístico e cultural do tradutor da língua-fonte (LF) e da língua-alvo (LA). Devemos levar em consideração também o fator subjetivo que, muitas vezes, é nitidamente expressivo e que envolve as escolhas do tradutor no processo tradutivo. Neste caso, a LA nos fornece algumas formas para a tradução de *en* e *y*, ou para a omissão deles. Para melhor compreensão, relacionamos a terminologia LE (Língua Estrangeira) à língua francesa e LM (Língua Materna) à língua portuguesa.

Assim sendo, é importante salientar discussões que envolvem a tradução, para que possam surgir as explicações possíveis em torno das ocorrências ou ausências de *en* e *y* no trabalho tradutivo, ou seja, os fatores que favorecem estas ocorrências e os que permitem a ausência.

Dedicamos o capítulo 1 à apresentação da concepção de *en* e *y*, com o intuito de abordar a classificação de cada uma deles no sistema linguístico da língua francesa. Deste modo, passamos à exposição de ideias claramente definidas à luz dos gramáticos Maurice Grevisse (1964), Pierre Le Goffic (1993), Marc Wilmet (2003) e René Rioul et al. (2011).

Expomos ainda o que eles têm a expressar em relação à função sintática que cada uma pode adquirir no contexto da frase e como se estabelece a relação com o verbo. Por meio de considerações dos autores, teremos a possibilidade de síntese de conclusões que podem alavancar o processo de análise dos dados.

O capítulo 2 tratará dos ideais teóricos em torno da tradução, estabelecendo uma ponte com as formas *en* e *y*. Tendo em vista que a tradução faz parte do objeto de pesquisa, temos a necessidade da abordagem do tema por meio da visão de autores como Antoine Berman (2002), Roman Jakobson (2010), Paul Ricœur (2011) que fornecem uma discussão significativa da tradução, para que possamos relacioná-la com as referidas formas, bem como demonstrar considerações concernentes ao tratamento que pode ocorrer da LF para LA.

Contemplamos ainda parte deste capítulo para relacionar *en* e *y* com a ideia de signo linguístico. Buscamos abordar sucintamente, a ideia de signo de Ferdinand de Saussure para, então, focar com mais precisão e detalhe a teoria de Louis Hjelmslev sobre forma e substância, aplicando às referidas particularidades da língua francesa que serve de auxílio para complementar a perspectiva que envolve o processo do trabalho tradutivo da LF para a LA.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia aplicada na análise dos dados. Neste momento, propomos uma justificativa da escolha do objeto de trabalho. É importante ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, dada a importância da interpretação dos dados durante a análise, torna-se relevante uma abordagem quantitativa do uso de *en* e *y* na LF e na LA.

Abordamos, também, as concepções linguísticas concernentes à função da estrutura sintática que *en* e *y* podem adquirir em um determinado contexto linguístico; por assim dizer, concepção dos complementos verbal e nominal, bem como do complemento adverbial que, segundo os linguistas citados neste trabalho, elas podem ser classificadas sintaticamente.

Dedicamos, também, neste capítulo algumas linhas para abordar informações necessárias acerca da fonte utilizada para a coleta dos dados. Trata-se de texto escrito do gênero narrativo, sendo três romances escritos por Jean-Marie Gustave Le Clézio: *L'Africain*, *Pawana* e *Ritournelle de la faim*, traduzidos para o português do Brasil nos anos de 2007 e 2009 por Leonardo Fróes, com os títulos: *O Africano*, *Pawana* e *Refrão da fome*.

Além disso, dentre as estratégias existentes conforme as dificuldades de tradução, enfocamos as ideias daquelas que estabelecem considerações que podem ser pertinentes para classificar as traduções de *en* e *y* para o português em conjunto com a terminologia utilizada para este caso: a omissão, a correspondência formal, a referencialidade no tocante à paráfrase. Ressaltamos, ainda, que tais estratégias contribuirão para as conclusões da análise dos dados.

O capítulo 4 trata da análise dos dados, atentando-se para a síntese que foi proferida no capítulo 1, referente às concepções gramaticais, e sendo instruída a partir da base teórica exposta no capítulo 2, contando ainda com o referencial teórico acerca das estratégias de tradução.

Consideramos também neste capítulo a abordagem dos seguintes aspectos: a) proposta de análise de *en* e *y* visando à função sintática a qual eles pertencem na língua-alvo percebendo a possível relação sintática na língua-fonte; b) proposta de análise dos dados, considerando *en* e *y* como signo linguístico e a relação da forma e substância apresentada por Louis Hjelmslev; c) proposta de análise dos dados, enfocando a terminologia proposta para as estratégias de tradução que apresentam considerações relevantes para com a tradução de *en* e *y*.

Quanto às Considerações Finais, apresentamos a conclusão das reflexões e da análise estabelecida no decorrer desta pesquisa, a fim de que o resultado que versa sobre as traduções propostas nesta pesquisa possa servir como consulta para alunos de FLS ou de FLE, e ainda, como sugestão para trabalhos de tradução do francês para o português ou vice-versa. Para compor esta estrutura, apresentamos as Referências que são utilizadas para fundamentar as ideias deste trabalho e a proposta de análise dos dados. Além disso, listamos três anexos: o primeiro contém o *corpus* formado de todas as ocorrências para esta pesquisa; o segundo contém o *corpus* formado dos exemplos utilizados no capítulo 4 – Análise dos Dados; e o terceiro reúne as tabelas que complementam as informações deste trabalho com dados relevantes.

1 REVISÃO DA LITERATURA

As línguas que são originadas do latim apresentam uma estrutura similar, não somente no que concerne à estrutura morfológica, como também sintática e fonológica, o que podemos dizer que as “línguas diferentes exprimem através de estruturas linguísticas diferentes fatos físicos idênticos, provando assim que a estrutura da linguagem não reflete automaticamente a do universo” (MOUNIN, 1975, p. 79).

Entretanto, cada língua possui particularidades, observando, neste caso, o léxico próprio e os traços morfossintáticos, inclusive, fonológicos que permitem expressar, também, a diferença existente entre elas, pois “a língua é primariamente um sistema de símbolos fonéticos para a expressão do pensamento e do sentimento comunicáveis” (PARK & SAPIR, 1971, p. 77). Ao pensar assim, temos a língua como um sistema e a fala como expressão que permite a comunicação entre os falantes deste sistema.

Vale ressaltar que, para este trabalho, não é importante perceber necessariamente as inúmeras diferenças entre as línguas, pois neste caso, seria outro trabalho minucioso, mas sim, refletir, neste contexto, sobre uma das particularidades inerente à língua francesa, *en* e *y*, que, em um trabalho de tradução para a língua portuguesa, requer uma atenção especial. Por outro lado, consideramos o fato de que estas formas são utilizadas na língua francesa para também evitar a repetição de termos e expressões, desenvolvendo, então, o papel de representação destes termos na estrutura linguística desta língua, quando forem observados os casos para esta funcionalidade.

Neste contexto, temos como o primeiro olhar destas formas o seu estudo linguístico apresentado por autores importantes da língua francesa que tratam de sua estrutura e de sua funcionalidade inseridos em contextos que demandam seu uso.

Cada um dos autores citados expõe um estudo envolvendo as formas – *en* e *y* – em frases não contextualizadas e até mesmo as contextualizadas que podem exemplificar cada ideia explicitada.

Os exemplos expostos foram retirados do *corpus* que será utilizado para análise de dados quando foi possível fazê-lo, reiterando assim o essencial de tais explicações. Ainda podemos considerar cada período extraído como uma situação contextualizada inserido em textos autênticos. No caso de não termos encontrado nenhum exemplo que pudesse ser usado para determinada explicação, foi utilizado o exemplo do próprio gramático.

1.1 Maurice Grevisse (1964)

Em um primeiro momento, etimologicamente, temos *en* e *y* como advérbios de lugar. Originados do latim, sendo o primeiro (*inde*) e o segundo (*ibi*), em francês significam, respectivamente, *de là* e *là* (GREVISSE, 1964, p. 435).

Por outro lado, tanto um quanto o outro possui o valor de pronomes pessoais complementos, sendo *en* equivalente a *de lui*, *d'elle(s)*, *d'eux*, *de cela* (em uma tradução para o português: “dele(s)”, “dela(s)”, “disso”); sendo *y* equivalente a *à lui*, *à elle(s)*, *à eux*, *à cela* (em uma tradução para o português: “nele”, “nela”, “nisso”; “a ele”, “a ela”, “a isso”).

Ainda como pronomes pessoais, *en* e *y* representam frequentemente animais, coisas e ideias abstratas.

Além disso, conforme Grevisse (1964, p. 437), ainda há o fato de que *en* e *y* podem também ser empregados para substituir complementos expressando pessoas. Lembrando que, nestes casos, o ideal é o emprego do pronome pessoal propriamente dito, seja com a preposição *de* ou com a preposição *à* (*de lui*, *d'elle*, *à lui*, *à elle*).

Com relação à *y*, não se deve utilizá-lo para representar seres animados em construções frasais com os verbos *penser* (pensar), *se fier* (confiar), *croire* (crer), *s'intéresser* (interessar-se). São verbos que estão relacionados diretamente a atitudes humanas.

Faz-se necessário tratar, inicialmente, cada um separadamente, especificando seus aspectos peculiares.

Y

Para o gramático, *y* é um pronome pessoal relativo que corresponde a um advérbio de lugar ou a um sintagma nominal preposicional, geralmente, introduzido pela preposição *à*. Pode-se corresponder também nos casos das preposições (*en*, *sur*, *sous*, *dans* entre outras). Neste caso, ele é, então, complemento de um verbo ou de um adjetivo, como no exemplo seguinte:

– La table était grise de poussière ; il Y écrivit son nom avec l'index.

Grevisse (1964, p. 436) trabalha com a ideia de *y* como um pronome neutro, representando uma ideia, uma ação, um fato qualquer. Assim sendo, significaria *à cela* (com tradução: “nisso” ou “a isso”).

Para ele, não é aconselhável utilizar *y* diante do futuro do presente do verbo *aller* (ir), como no exemplo:

Avez-vous été à Paris ? J’irai.

EN

Para o gramático, *en* possui valor adverbial, quando ele representa um advérbio de lugar, significando *de là* (com tradução “de lá”), como:

Vient-il de là-bas ? Oui, il EN vient.

En corresponde também a um advérbio de lugar, a um grupo nominal ‘partitivo’, bem como um sintagma nominal preposicional, introduzido pela preposição *de*. Neste caso, conforme Grevisse (1964, p. 435), *en* adquire o valor de pronome relativo.

Assim como *y*, *en* é um pronome neutro, quando representa uma ideia, uma ação, um fato qualquer, equivalendo a “de cela” (com tradução: “disso” ou “disto”):

— Vous chantiez ? J’EN suis fort aise. La Fontaine (*apud* GREVISSE (1964, p. 436).

Tanto *en* quanto *y* podem adquirir o status de um pronome pessoal relativo. No caso de *en*, corresponde a um grupo nominal introduzido pela preposição *de*. Assim, se manteria com “as principais relações marcadas por esta preposição” (GREVISSE, 1964, p. 435). No caso de *y*, corresponde a um grupo nominal construído com a preposição *à* ou “com uma preposição com sentido local (*en, dans, sur, sous, etc*)” (GREVISSE, 1964, p. 436).

Consideramos, então, a dificuldade que podemos ter para classificar *en* e *y* em uma determinada frase, tendo em vista a possibilidade de ser complemento direto ou indireto, ou ainda, percebê-los como complemento de um grupo nominal preposicional.

Lugar de *en* e *y*

O gramático dedica algumas linhas para expor a posição dos pronomes adverbiais *en* e *y* em uma frase.

Geralmente *en* e *y* são postos diante do verbo, se levar em consideração a estrutura frasal de base: Sujeito – Verbo – Complemento.

Parlez pour vous ! Moi, je n’Y mettrai jamais les pieds, dans vos cigares volants ! [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 84).

Entretanto, com o imperativo afirmativo, eles são colocados depois do verbo, unidos a ele por hífen.

Parlez-EN de votre Hitleur [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 72).

Com o imperativo negativo, eles se colocam antes do verbo.

Em uma construção frasal em que aparecem os dois pronomes adverbiais, *y* se coloca antes de *en*, sendo os dois antes do verbo:

En attendant, il Y EN a qui font des affaires, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 73).

É importante ressaltar que estes dois pronomes aparecerão juntos somente em construções com o *il y avoir*, cuja estrutura corresponde ao verbo “haver” na LA.

No caso do imperativo afirmativo, depois do verbo, obedecendo à mesma sequência de apresentação na frase.

1.2 Pierre Le Goffic (1993)

Para o gramático, *en* e *y* também podem representar sintagmas nominais preposicionais (LE GOFFIC, 1993, p. 178). Neste caso, *en* representa um sintagma nominal preposicional introduzido pela preposição *de*, e *y* representa um sintagma nominal preposicional introduzido pela preposição *à*.

Segundo LE GOFFIC (1993, p. 178), *y* pode ter a função de:

- Um complemento indireto essencial do verbo, como:

J'Y vais (= au bureau, à la boulangerie).

J'Y répondrai (= à cette objection).

Para o exemplo citado anteriormente “J'Y vais”, poderíamos classificar o complemento entre parênteses como um adverbial de lugar. Porém, para o gramático, só se tem um adverbial de lugar, quando o sintagma preposicional pode ser deslocado da posição posposta ao verbo, sem tornar a frase agramatical.

- Advérbio de lugar, como:

Ils Y sont très heureux. (=à Lyon, en Espagne).

- Complemento secundário antes do verbo, como complemento de um adjetivo:

J'Y suis prêt. (= prêt à ce sacrifice).

- Complemento de localização vaga, em locuções, como:

Ça Y est ?

Paul s'Y connaît en électricité.

Neste último referido caso, classificado pelo autor quanto à função, temos somente a demonstração da existência de *y* em estruturas, compondo expressões segundo as quais demandam um tratamento não apenas de ordem unitário (observando elemento por elemento), mas uma análise da expressão em si.

Podemos verificar também a sua relação com o verbo *être* (estar), apresentando função de complemento essencial ou de advérbio de lugar.

Segundo Le Goffic (1993, p. 179), *en* pode ter a função de:

- Complemento de um grupo nominal partitivo (complemento direto), como uma expressão de quantidade indeterminada:

Il est allé chercher dans sa pharmacie un flacon d'alcool à 90°, il EN a aspergé le scorpion et a gratté une allumette [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 40).

Aqui o gramático instaura uma dificuldade de classificar *en* quanto à função sintática, uma vez que teria a possibilidade de assimilá-lo a um complemento direto.

Embora esta dificuldade seja marcada pela presença da preposição *de* que faz parte também a expressão do partitivo (sendo uma contração da preposição *de* mais os artigos definidos) sobre a qual o gramático faz a referida análise, podemos entender que, neste caso, há um complemento direto, pois tal complemento é introduzido pelo artigo partitivo que acompanha o verbo *asperger*, desconsiderando a preposição *de* que poderia causar a dificuldade de classificação do complemento quando se tratar de um partitivo.

Por outro lado, em uma associação com expressão de quantidade, haveria uma dificuldade em distingui-lo como complemento de expressão de quantidade ou de qualidade, como:

Paul EN veut beaucoup (= beaucoup de vin, d'argent, d'enfants).

- Complemento indireto essencial, como:

Il EN vient. (= de là-bas).

Votre vie EN dépend. (= de quel régime vous suivez).

- Complemento secundário antes do verbo:

J'EN suis heureux. (= de votre succès).

J'en ai fait le tour. (= le tour du jardin).

- Representante de um complemento vago, seja como pronome seja como advérbio.

J'en ai assez.

Fais-en autant.

S'en aller, en venir à, s'en tenir à.

Vale ressaltar que os exemplos citados nesta última classificação quanto à função sintática correspondem às expressões de sintagmas cristalizados da LF, que demandam uma análise diferente desta a ser apresentada neste trabalho. Sua exposição se torna pertinente para somente termos a consciência da existência de *en* em expressões cuja estrutura é formada de signos e possui significado próprio.

1.3 Marc Wilmet (2003)

O gramático ressalta que a antiga gramática francesa nominava *en* e *y* de “pronomes adverbiais” ou de “advérbios pronominais”. Entretanto, a tendência atual é que eles pertençam aos pronomes pessoais (WILMET, 2003, p. 287).

Y

O gramático explicita que *y* vem do latim *ibi*, em francês *là*, e que seus empregos – complementares de “où” (onde) e simétrico de *en* (sintagmas preposicionais em *à*, *dans*, *en sur*) –, invadem tanto no francês popular quanto no francês de Québec o setor dos pronomes pessoais: *lui* – *à lui*, *à elle*; *leur* – *à eux*.

J’Y promets bien du plaisir.

Je LUI/LEUR promets du plaisir.

Neste caso, podemos observar *y* sendo utilizado para representar seres animados, contradizendo Sandfeld (*apud* WILMET, 2003, p. 66) que diz: “Os dativos *lui* e *leur* se empregam de preferência como representante de seres animados ou de coisas personificadas. Quando se trata de coisas, substitui-se pelo advérbio *y*”.

EN

Wilmet (2003, p. 266) ainda explora possíveis utilizações de *en*:

- 1) A sua intervenção quando há pronominalização dos determinantes *partitivos*, dada como objeto primeiro.

J’ai deux grands bœufs dans mon étable.

→ J'EN ai deux.

Combien de mètres a-t-il couru?

→ Pierre EN a couru MILLE.

- 2) A pronominalização de nomes a partir da preposição *de*, no caso de inanimados:

Pierre essuie les pieds DE LA TABLE.

→ Pierre EN essuie les pieds.

- 3) E a pronominalização de nomes de complementos verbais segundos, seja inanimado, seja seres animados:

Pierre s'empare D'UN CRAYON.

→ Pierre s'EN empare.

Pierre s'éprend DE MARIE.

→ Pierre s'EN éprend.

Observamos, neste caso, a aceitação de que se pode utilizar *en* para representar complementos verbais que são caracterizados por seres humanos.

Ainda sobre o exemplo que trata de complemento verbal caracterizado por seres animados, o gramático faz também referência à concorrência da representação de seres animados por *d'elle* (dela), uma vez que, possivelmente, para a sua representação, introduzido pela preposição *de* seria, então, *de lui*, *d'elle*, *d'eux*, *d'elles* e não *en* (WILMET, 2003, p. 66). Porém, ele explicita essa possibilidade com *en*.

Percebemos, ainda, a representação por *en*, quando se tratar de complemento circunstancial de lugar:

Pierre revient DE LA CAMPAGNE.

→ Pierre EN revient.

1.4 René Rioul et al. (2011)

Para os autores, *y* e *en*, consideradas antigos advérbios de lugar (daí, pronomes adverbiais), funcionam como formas sintéticas que amalgamam, respectivamente, às preposições *à* e *de* com a forma complemento do pronome da terceira pessoa (RIOUL et al., 2011, p. 369-370).

Os autores classificam as formas *en* e *y* no grupo das formas *conjuntas*¹.

Y

Este pronome representa complementos (geralmente inanimados) de verbos, de adjetivos ou de frases (complementos circunstanciais).

J'Y consens. / Il Y pénètre. / J' Y suis sensible.

Tendo em vista que os complementos introduzidos pela preposição *à*, complementos verbais que caracterizam seres animados, são pronominalizados pelas formas *à lui*, *à elle*, *à eux*, *à elles*, conforme o verbo em questão e sua natureza.

Il Y pense.

Il pense À LUI / À EUX.

EN

Neste caso, *en* apresenta um funcionamento mais complexo e diversificado. E ainda, representa, geralmente, o complemento inanimado de um verbo, de um nome ou de um adjetivo.

¹ - Em francês *formes conjointes et disjointes*.

Son dernier livre n'a pas eu de succès. Les journalistes m'EN ont pas parlé.

Ce restaurant vaut le détour. Je t'EN donnerai l'adresse.

Os autores ressaltam que o uso desta forma se estende aos complementos verbais caracterizando seres animados como:

Pierre, je méfie de lui, il est jaloux d'elle.

Pierre, je m'EN méfie, il EN est jaloux.

É importante perceber que RIOUL et al. (2011, p. 404) fazem a distinção da pronominalização quanto aos complementos: com o complemento inanimado a pronominalização se faz com *en*:

Il EN profite. (= de l'occasion)

Il EN sort.

E para o complemento caracterizando seres animados, a pronominalização ocorre com as formas *de lui, d'elle(s), d'eux*.

Il profite *D'EUX*. (de ses amis)

Ainda, esta forma representa também complementos de verbos precedidos de artigos partitivos (da língua francensa – *du, de la, de l', des*):

Tu as du feu / de la monnaie / des voisins?

– Oui, J'EN ai.

Além disso, há também os antecedentes nominais cuja substância nocional é quantificada:

As-tu des crayons ? Il m'EN fraudrait un.

Porém, os gramáticos afirmam que *en* é obrigatório no caso de complementos representativos de seres humanos não definidos:

Il s'occupe des enfants handicapés.

→ Il s'occupe D'EUX.

Il s'occupe d'enfants handicapés.

→ Il s'EN occupe.

No primeiro exemplo, os autores indicam a contração da preposição *de* mais o artigo definido *les*, formando *des*, enfocando seres animados. No segundo exemplo, eles apontam o complemento introduzido pela preposição *de*, o que caracteriza indefinição desse complemento, ainda que ele esteja caracterizado por seres animados. Neste caso, há a possibilidade do uso do pronome adverbial *en*.

Ressaltamos que, para este trabalho, serão consideradas as ideias apontadas por Pierre Le Goffic, pois sua abordagem acerca da classificação de *en* e *y* na função sintática de complemento verbal, adverbial e nominal são tomadas como ponto de partida para a análise dos dados. Salientamos também todas as informações apresentadas por Marc Wilmet e Rioul et al. que possam servir de suporte para esta análise.

Neste contexto, para a fixação de uma terminologia coerente, trabalhamos com o termo pronome adverbial para as formas *en* e *y*, baseado nas abordagens dos gramáticos citados, como referência para o trabalho de funcionamento de *en* e *y* na LF, para assim perceber como se apresenta a tradução destas formas na LA.

Para uma justificativa com relação à escolha desta terminologia, podemos entender separadamente o termo pronome adverbial. Enquanto pronome, *en* e *y* são considerados parte da categoria de pronomes pessoais como uma forma sintética (RIOUL et al., 2011, p. 369). E enquanto advérbio, *en* e *y* já caracterizavam a forma sintética como advérbio de lugar.

1.5 Síntese

Diante das ideias propostas pelos gramáticos, cabe neste momento fazer uma síntese, apresentando os aspectos mais importantes para este trabalho:

- i. As formas *en* e *y* recebem o nome de pronome adverbial.
- ii. Com relação à funcionalidade, *en* e *y* representam complementos verbais introduzidos, respectivamente, pelas preposições *de* e *à*, bem como advérbio de lugar.
- iii. Embora as formas sejam utilizadas em uma estrutura linguística para marcar complementos inanimados, há ressalva de uso para representação de complementos caracterizando seres animados.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 A Tradução e as Formas EN e Y

A tradução pode ser vista como uma atividade de passar uma mensagem de uma língua para outra assim como perceber que ela “é um contato de línguas, um fato de bilinguismo” (MOUNIN, 1975, p. 16). Este fator bilinguismo expressa-se pela figura do tradutor que conhece bem a LF como a LA.

Sua presença estreita duas línguas e apresenta, ao mesmo tempo, sua influência pessoal, de um lado adquirida pelo estudo de uma língua, por outro lado sua visão de mundo e capacidade linguística adquirida da sua língua materna (LM), uma vez que o

Sistema lingüístico de fondo de experiência (en otras palabras, la gramática) de cada lengua, no es simplemente un instrumento que reproduce las ideas, sino que es más bien en si mismo el verdadero formador de las ideas, [...] utilizado para el análisis de sus impresiones y para la síntesis de todo el almacenamiento mental con el que trabaja² (WHORF, 1971, p. 241).

O ato de traduzir torna, então, possível a aproximação entre duas línguas, contanto que se possa ter um olhar significativo para ambas do ponto de vista linguístico. Quando utilizamos a palavra língua, não podemos pensar somente como sendo um sistema da parte final do processo, bem como não podemos somente considerar o meio, a parte mediadora, quando se tratar de literatura, servindo de transmissão de uma experiência, seja de quem escreveu o texto como de quem o reescreveu em sua LM. A língua projeta-se, então, “como o próprio lugar da experiência [...] da própria língua” (MORAES, 2011, p. 39).

Desta forma, percebemos a idealização de critérios para uma boa tradução que não estivesse presa na LF nem na LA:

² - “Sistema lingüístico de fondo de experiência (em outras palavras, a gramática) que de cada língua que não é simplesmente um instrumento que reproduz as ideias, mas em si mesmo o verdadeiro formador de ideias [...], utilizado pelo indivíduo para a análise de suas impressões e para a síntese de todo o armazenamento mental com o qual trabalha” (Minha tradução).

Para que tal critério estivesse disponível, seria preciso que se pudesse comparar o texto de partida e o texto de chegada a um terceiro texto que seria portador do sentido idêntico que supostamente circula do primeiro ao segundo. A mesma coisa dita de um lado e de outro (RICŒUR, 2011, p. 46).

Se houvesse a possibilidade de um terceiro texto que passasse toda a mensagem de uma língua para outra sem desvio ou rompimento de entendimento e, ao mesmo tempo, sem se ater a uma ou a outra língua. Que este terceiro texto tivesse, talvez, a chance de focar na eliminação de problemas concernentes à tradução, que são inerentes à estrutura linguística e semântica de cada língua, pois “as línguas não são diferentes apenas pela sua maneira de recortar o real, mas também pelo modo de recompô-lo no âmbito do discurso” (RICŒUR, 2011, p. 61).

Após Babel, algumas línguas desenvolveram uma estrutura linguística bem peculiar, intensificando determinadas diferenças, mas também há línguas que possuem estruturas em comum a outras e apresentam também peculiaridades intrínsecas e inerentes a cada uma que as fazem também distinguir umas das outras, seja pelo contexto linguístico, seja pelo seu contexto histórico-cultural (BERMAN, 2002, p. 116).

Com relação à torre de Babel, trata-se de uma alegoria: ela representava uma edificação de um povo que a construía com a intenção de chegar ao céu e tornar o nome do homem importante. Porém, o deus desse povo, presenciando este feito, decidiu causar uma confusão, espalhando várias línguas, para impedir a comunicação entre as pessoas. Segundo Derrida (2006, p. 11-12), “A torre de Babel foi construída e desconstruída numa língua no interior da qual o nome próprio Babel podia, por confusão, ser traduzido por ‘confusão’”. Neste sentido, ele aborda os limites intransponíveis da tradução, sugerindo ao tradutor a incapacidade de transmitir o que o texto quer realmente passar.

Por outro lado, a tradução surge para que uma língua esteja próxima a outra, para que as ideias de uma língua possam ser levadas para outra língua, que se busque o quanto necessário o pensamento através dos fatores linguísticos de cada língua. “Ainsi la finalité de la traduction consiste en fin de compte, à exprimer le rapport le plus intime entre les langues”³ (BENJAMIN, 2000, p. 248).

³ – “Assim a finalidade da tradução consiste, no fim das contas, em expressar a relação mais íntima entre as línguas” (Minha tradução).

Quando pensamos neste processo tradutório entre línguas, entendemos que se trata de um processo de tradução interlingual (JAKOBSON, 2010, p. 81), em que há uma comunicação de interpretação por signos entre línguas.

Ainda que haja esse contato entre as línguas, não podemos realizar uma tradução perfeita, estabelecendo “uma equivalência completa, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de códigos ou mensagens estrangeiras” (JAKOBSON, 2010, p. 82).

Neste caso, o tradutor transmite a mensagem de uma língua para outra, através de códigos semelhantes, porém, com formas diferentes e “leva em conta o fato massivo da pluralidade e da diversidade das línguas” (RICŒUR, 2011, p. 33).

Ao tratar desta concepção de tradução, percebemos a relação que não se mantém intacta entre as línguas, a demonstração de modificação das palavras para expressar uma mesma ideia que surge com o contato entre elas a partir de uma realidade linguística “que constitui uma maneira particular de verificar a existência e o jogo das estruturas nas línguas” (MOUNIN, 1975, p. 18). Tendo em vista que cada realidade linguística mantém uma estrutura concreta e ideal de cada mensagem, seja ela uma coisa, uma ideia, seja ela um ser.

Ao ser inserido nestes dois sistemas linguísticos – tanto no da LF quanto no da LA –, ou por idealização, ou por designação, o tradutor traz à tona todo seu conhecimento sociocultural e linguístico com o intuito de estabelecer uma relação bem próxima e marcada entre as línguas. Ele utiliza o formato escrito como maneira de manter registrado e guardado o trabalho tradutivo, a fim de que se possa contribuir para outros trabalhos de tradução; uma vez que se trata de formato de registro escrito, é, por assim dizer, “uma exigência significativa, e provavelmente crucial, para a língua-padrão que ela seja escrita” (HAUGEN, 2011, p. 10).

Por outro lado, o tradutor precisa de discernimento para realce de seu texto, observando o público-alvo da LA, pois no campo da literatura encontram-se desvios e regionalismos que afloram dentro de um contexto social e que são elementos que não podem ser ignorados.

Conforme Harris (*apud* MOUNIN, 1975, p. 61), é o fato de que um mesmo indivíduo cuja experiência do mundo (isto é, cujo estoque de significações conhecidas ou adquiridas) aumenta e se modifica no decorrer dos anos, conserve sensivelmente uma mesma linguagem.

Tendo em vista que desde o nascimento o indivíduo modifica o conhecimento que tem do mundo, nova estrutura surge para dizer o que já existe, e isso acontece em todas as línguas.

Considerando que “toda língua já é em si mesma, aliás, uma arte coletiva de expressão e que se oculta nela o conjunto dado de fatores estéticos [...] que ela não partilha inteiramente

em comum com qualquer outra língua” (SAPIR, 1954, p. 220), atentamos neste trabalho para as formas *en* e *y* da língua francesa, que, conforme os gramáticos estudados nesta pesquisa, são chamadas de pronomes adverbiais.

Inicialmente, estes dois pronomes deixariam de ser um fator linguístico se o olhar estivesse direcionado somente para o efeito acústico que se produz pela combinação da vogal e da consoante (no caso de *en*) e pela vogal *y*, pronunciadas em certa ordem em um contexto frasal. Ou, ainda, pela percepção visual destas formas em uma página impressa, pois implica dessas experiências estarem associadas com outras para começar a tomar a feição de símbolo, de palavra, de elemento linguístico (SAPIR, 1954, p. 24-25). Tendo em vista que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. [...] É o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 1981, p. 36).

Apoiado em sua experiência humana e linguística – tendo como ponto de partida a ideia de que se traduz pelo fato de adquirir conhecimento da língua estrangeira (LE) e, além disso, pelo fato de aprender uma pouco mais a LM –, o tradutor percebe que estes pronomes, considerados elementos linguísticos, estão vinculados a um grupo mais amplo que suas próprias experiências individuais, pois se remetem a determinados casos existentes na estrutura linguística da língua francesa.

Convém ressaltar que para Peirce,

O mundo não é feito de coisas, de um lado, e de signos, de outro, como se as coisas fossem materiais e as linguagens, os signos, imateriais. Todo signo, segundo Peirce, está encarnado em alguma espécie de coisa, quer dizer, todo signo é também um fenômeno, algo que aparece à nossa mente (SANTAELLA, 2010, p. 33).

Isto significa que o signo possui uma ligação com o objeto representado que, por sua vez, desenvolve uma imagem na mente do falante.

Além disso, devemos refletir sobre o fato de que signos da língua portuguesa não conseguem manter uma relação direta com estes pronomes e traduzi-los inteiramente e com exatidão, pois os pronomes *en* e *y* não apresentam por si mesmos uma comunicação direta com um objeto representado, não há uma imagem para eles. O que podemos perceber destes pronomes é uma relação com a referência presente no contexto no qual eles estão inseridos. Mesmo que tenhamos a concepção de que para Pierce todo signo apresente uma relação icônica e que “se trata de legi-signos e de símbolos, pois toda língua é convencional, denotando seus referentes devido ao legi-signo ou convenção que lhe dá suporte” (SANTAELLA, 2010, p. 30). Para ele, o objeto aqui está relacionado com algo que vai além

do não-linguístico e que “determina o signo e o que o signo representa” (SANTAELLA, 2010, p. 23). O legi-signo representa a convenção que se estabelece no seio da sociedade, de maneira que o símbolo possa ter validade na língua.

Estabelecendo uma relação entre tais pronomes da língua francesa e a língua portuguesa, quando o tradutor detecta a presença dos referidos pronomes em um texto que será trabalhado na LA, requer uma atenção especial do tradutor, uma vez que são formas peculiares da LF.

Não podemos pensar em uma tradução direta do francês para o português, como se a palavra viesse do francês e depois fosse encontrada outra forma no português. Devemos perceber que há uma concepção deste fenômeno que vai além da estrutura linguística. Além disso, devemos pensar que há duas formas que passam a ter sentido na estrutura linguística, pois representam um sentido ou uma imagem, estabelecida por uma referência, que está presente no contexto da frase, de maneira que “o tradutor recodifica e transmite a mensagem recebida de outra fonte” (JAKOBSON, 2010, p. 82).

Para estabelecer uma comunicação compreensível, sobretudo, quando se trata de aproximação de duas línguas, é importante ter a consciência de que “ou o signo tem o mesmo significado para os sujeitos que se comunicam, ou a comunicação se torna inviável entre ambos por falta da compreensão indispensável” (FREIRE, 1977, p. 71).

Por assim dizer, em uma estrutura frasal da LF para a LA, o trabalho de tradução dos pronomes *en* e *y* se apresenta mais voltado para a ideia a que eles se referem no contexto ou a que eles se aplicam, pois “a visão que o tradutor tem do original é diacrônica, [...] e enquanto signo simbólico sua estrutura é, por natureza, incompleta” (PLAZA, 1987, p. 31).

Após Babel, cada língua estabeleceu sua própria estrutura ao longo de séculos. Essa estrutura representa “uma escritura reta, que não tenta ocultar seu conteúdo, não se decifra, mas se analisa e se traduz” (WHORF, 1971, p. 225). O problema se instaura neste contexto, pois a tradução atua na busca de aproximar o que é dito em uma língua expressando em outra, mantendo “uma relação íntima com seu original, ao qual deve sua existência” (PLAZA, 1987, p. 32).

Conforme Plaza (1987, p. 37), “todo traduzir é conceitual e cognitivo, mas a sua compreensão começa com o sentimento espontâneo de uma forma”. Ao pensar neste contato, levando em consideração o pensamento – inteligível e sensível (PLAZA, 1987, p. 36) – do tradutor, podemos dizer, então, que ele inicia uma relação com o estrangeiro. Ou se aproxima e se dirige para uma predominância do estrangeiro: perda do próprio (BERMAN, 2002, p. 73), ou tende a preservar o texto traduzido voltado para a estrutura linguística de sua LM.

Neste caso, tanto vale para um texto na língua francesa que se vê traduzido para o português quanto um texto em português que será traduzido para o francês.

Entretanto, o enfoque será do texto escrito na LF, identificando as ocorrências dos pronomes adverbiais *en* e *y* para a LA.

De acordo com os gramáticos estudados nesta pesquisa (citados no capítulo 1), os pronomes *en* e *y* veem do latim. Corrêa & Steinberg (1985, p. 106-107) apresentam uma tradução para cada uma deles. Segundo eles, *en* pode ser reconhecido em português como “*dele, deles, dela, delas e disso*”; para o pronome *y*, eles reconhecem como tradução “*a ele, nele, a ela, nela, a eles, neles, a elas, nelas e a isso, nisso*”. São estruturas projetadas no português do Brasil sob uma forma distinta, porém, expressando um significado similar.

Então, o tradutor não encontraria obstáculos para tradução dos referidos pronomes em nenhum gênero textual, uma vez que há registro deles no português que expressaria a ideia marcada pelo uso do *en* ou do *y* no francês. Porém, o desequilíbrio está estabelecido. É importante que o tradutor tenha conhecimento não somente da estrutura linguística de sua LM, mas tenha também conhecimento cultural, pois estes pronomes, inseridos em uma determinada mensagem que é marcada por determinado gênero textual podem apresentar marcas que reiterem ou não a presença na LA, uma vez que “se compreende melhor que o que é eficiente e belo numa língua, em outra pode ser um vício” (SAPIR, 1954, p. 223). Além disso, tal fator pode causar desestruturação do texto ou o empobrecimento da tradução.

Por outro lado, a relação com o estrangeiro pode significar para o tradutor a experiência que ele possui da sua própria língua e, ainda, demonstra ser também um conhecedor desta língua do texto da LF: o estrangeiro. Por assim dizer, “a relação com o estrangeiro é, pois, caracterizada pelo fato de que se busca nele uma diferença ela própria *determinada*” (BERMAN, 2002, p. 113).

De fato, o caso em questão não se concretiza no que Berman (2002, p. 109) expõe como intraduzível, mas é possível dizer que os pronomes *en* e *y* causariam estranheza e diferença na estrutura da LA, se somente fossem traduzidos, conforme as formas equivalentes do francês citadas por CORRÊA & STEINBERG (1985).

Por assim dizer, há a possibilidade de o tradutor marcar esta diferença – por se tratar de uma particularidade da língua francesa não objetivada no português do Brasil, e também por não apresentar um signo com estrutura similar que possa ser de fácil compreensão: não tem a mesma expressividade ao ser traduzido –, ou seja, os pronomes *en* e *y* na tradução para que o leitor perceba a sua existência na LA. Porém, diante da atitude de se propor a fazê-lo, existe a possibilidade de expressar a estranheza com que possa parecer o texto para o leitor.

Por outro lado, essa estranheza se torna aparente para o leitor que também tem conhecimento destes referidos pronomes na LF. Caso contrário, a leitura do texto traduzido com a presença de tais pronomes ou mesmo a ausência deles transcorreria de maneira tranquila, sem que eles ou a ausência deles causasse essa estranheza ao leitor da LA.

Ainda vale ressaltar que o tradutor demonstra um lado subjetivo que lhe permite, de certa forma, expressar seu olhar diante da tradução. A sensibilidade do tradutor para uma questão delicada como esta é imprescindível para não tornar a presença de *en* e *y* na tradução da LA uma participação equivocada e gerar um desconforto para a leitura e para a compreensão desta leitura. O tradutor assume o risco quando se apodera do desejo de traduzir e entra em contato com o estrangeiro (RICŒUR, 2011, p. 47).

O contato com os referidos pronomes da estrutura linguística do francês que representa também o contato com o estrangeiro permite ao tradutor pensar em dois lados que o fazem “renunciar ao ideal da tradução perfeita” (RICŒUR, 2011, p. 27) e, ao mesmo tempo, o insere em uma angústia, pois a ele “é incumbido de transmitir essas obras da ciência e da arte que fazem a vida histórica de uma língua” (BERMAN, 2002, p. 262). Como já foi exposto anteriormente, ele permeia entre duas línguas para transmitir o conteúdo da LF para a LA, sem que haja modificação do contexto e do sentido.

No entanto, essa transmissão do ideal se concretiza, estabelecendo a presença neste momento de um dos lados que está em jogo: o autor ou o leitor, ou seja, quando ele traduz os pronomes *en* e *y*, ele apresenta a estrutura francesa ao leitor da LA; quando ele não traduz os referidos pronomes, ele desenvolve um texto conforme a estrutura linguística da LA. De fato, tradutor busca uma maneira ou outra em momentos alternados do texto, sem que essa escolha seja imposta e única; ao contrário, ela se realiza naturalmente, conforme as ideias e as dificuldades impostas pela tradução.

Persistindo neste contexto concernente a essa aproximação com o estrangeiro, vale ressaltar como exemplo o gênero no inglês que possui uma mínima representação em morfemas, conforme Whorf (1971, p. 84):

Los procesos motores que efectúan la unión nominal son indiferenciados en género, pero la unión entre un proceso motor de esta clase y outro proceso motor, realizado por el pronombre personal ‘él’ o ‘ella’ (A) está diferenciado en género (B), un proceso no motor, desde el momento en que los dos procesos motores son contrarios e incluso pueden ir separados por un prolongado período de descanso⁴.

O linguista afirma que a marca de gênero dos nomes não possui nenhum sinal que distingue o gênero, porém, eles têm uma ligação invariável com o pensamento que os faz distinguir assim como as palavras “él” (ele) ou “ella” (ela). Ainda, ele se refere à classificação de sexo, ou seja, da marca do gênero, como sendo “una relación lingüística, que se distingue de una manifestación lingüística”⁵ (WHORF, 1971, p. 85). Ou seja, por uma relação linguística, a marca do feminino ocorre por meio de morfemas que relacionados a outras estruturas linguísticas, determina o gênero. Enquanto isso, identificamos a manifestação linguística como a ocorrência de fatos em um indivíduo em um contexto social passível de descrição e análise.

Ele se refere às línguas chinesa e hopi que não possuem marca de gênero, sugerindo então que esta marca fosse substituída, operando “alrededor de una palabra, de una percepción, de una imagen sexual, de un símbolo o de cualquier otra cosa”⁶ (WHORF, 1971, p. 86).

Neste ponto, surge um diálogo entre o tradutor e a tradução, em que se opera a significativa presença de uma estrutura linguística de uma das línguas: levar o leitor para interagir com o estrangeiro, ocorrendo uma percepção da estrutura linguística do outro. Deste modo, o texto da LF é traduzido, percebendo pelo leitor características que soam e se destacam do outro; ou o tradutor desenvolve um trabalho: transpor o ideal do texto original voltado para o entendimento linguístico do leitor.

Com relação aos pronomes *en* e *y* que mantêm uma forma no português, pode o tradutor tratá-las com empatia e querê-las em sua tradução. Neste caso, o leitor terá contato com algo significativo de uma cultura que não está presente na estrutura da LM (cabe aqui lembrar se tratar do português do Brasil). Tendo em vista que o tradutor reconhece a

⁴ - “Os processos motores que efetuam a união nominal são indiferenciados em gênero, mas a união entre um processo motor desta classe e outro processo motor, realizado pelo pronome pessoal ‘ele’ ou ‘ela’ (A) está diferenciado em gênero (B), um processo no motor, desde o momento em que os dois processos motores são contrários e, inclusive, podem ir separados por um prolongado período de descanso” (Minha tradução).

⁵ - “Uma relação linguística, que se distingue de uma manifestação linguística” (Minha tradução).

⁶ - “Ao redor de uma palavra, de uma percepção, de uma imagem sexual, de um símbolo ou de qualquer outra coisa” (Minha tradução).

importância dos referidos pronomes para a estrutura sintática e semântica da língua francesa e que não mais possuem o correlato idêntico no português moderno do Brasil.

É importante ressaltar que ao dizer que não existe mais um correlato idêntico aos pronomes do francês *en* e *y* no português moderno do Brasil, o que significa afirmar que as formas do português que representam a tradução de *en* e *y*, citadas por Corrêa & Steinberg (1985, p. 106-107), são consideradas como correspondentes. Porém, os referidos pronomes apresentados na LA não representam a mesma singularidade nem a mesma referência sónica dos referidos pronomes.

Insistindo em uma questão diacrônica, os autores abordam o assunto, explicitando que a forma *ibi* origina o locativo *y* do francês e a forma *aí* do português. De fato, percebemos neste contexto uma correspondência entre os signos, identificando, inclusive, a classificação quanto à função sintática na LE e na LM.

Entretanto, se houvesse uma preocupação de trabalhar um texto original para o português arcaico do Brasil, os pronomes adverbiais *en* e *y* teriam um signo idêntico nesta LA que representaria sem modificação de sentido a ideia do texto original.

Com a mesma função na frase, o “*aí*”, que no português arcaico teve uma variante simples *i* (como em francês *y*) é o locativo latino *ibi*, correspondente ao demonstrativo *is* (*ibi* > português arcaico *i*, francês *y*; [...]) (CÂMARA JR, 1975, p. 121).

Da mesma forma, ocorre com *en*, que no português arcaico do Brasil possuía uma forma para caracterizar o partitivo. Conforme Coutinho (1972, p. 214), “o arcaísmo sintático da preposição *de*, como segundo termo de comparação: ‘peior doutra rem’, ou como partitivo: ‘tomarom do pam’ [...]”; neste caso, quando se tratar da utilização de *en* como um representante de um partitivo.

Ainda que tenha sido relevante ressaltar a existência de tais pronomes no português (arcaico), não seria conveniente recorrer a esses dados para uma tomada de decisão, quando se tratar de um trabalho de tradução de textos contemporâneos, tendo em vista que a língua pressupõe um fator dinâmico, reiterado pela diacronia que promove a sua evolução: “a modificação de um sistema se faz pela ação de acontecimentos que não apenas lhe são estranhos, como também isolados sem formar sistema entre si” (SAUSSURE, 1995, p. 111). Mantendo este mesmo diálogo: “as línguas estão em constante processo de transformação, mas é razoável admitir que tendem a conservar por mais tempo o que é mais fundamental na sua estrutura” (SAPIR, 1945, p. 145).

Diante da possibilidade entroncada da tradução de *en* e *y*, podemos perceber que a vontade de traduzir da LF para a LA apresenta outra dicotomia ligada à tradução, que se

mostra sob o “dilema da fidelidade / traição” (RICŒUR, 2011, p. 46), uma vez que ao permanecer no campo da fidelidade, o tradutor será tentado a preservar a linguagem do estrangeiro.

De um lado, a intenção de fidelidade ligada ao olhar do tradutor para o texto da LF, como um sinal de obediência do que deve ser prevaletido em seu trabalho tradutivo. De outro lado, a fidelidade com outro sentido, ou seja, na própria figura do tradutor, estabelecendo o enfoque para o olhar dos referidos pronomes a serem traduzidos, bem como encontrar a forma que eles expressam no texto original.

Os pronomes adverbiais *en* e *y* como signos da LE estão no nível do pensamento, em que a “cadeia semiótica já se institui como processo de tradução” (PLAZA, 1987, p. 18), pois a sua ocorrência na estrutura linguística é ocasionada por determinadas situações que demandam a necessidade para o uso. Neste sentido, tais pronomes, considerados signos, pois “signo funciona, designa, significa” (HJELMSLEV, 1975, p. 49), determinam que o pensamento precisa ser traduzido, expressando a relação *significante* e *significado* de Saussure (1995, p. 81), da LF para a LA, com o intuito de preservar a mensagem do texto original.

Podemos observar, por assim dizer, mesmo que “todo signo difere da coisa significada, pois entre ambos não há identidade; o signo possui características e qualidades materiais próprias” (PLAZA, 1987, p. 22), que o signo possui uma forma própria que varia de um sistema para outro, expressando o mesmo sentido. Cada signo se associa à imagem da coisa significada por meio de uma convenção social.

Neste sentido, a questão se volta, então, para os pronomes adverbiais *en* e *y* que não expressam um *significado* em si. Sua representação esboçada no campo do pensamento institui a ideia de referência dentro de um contexto, mantendo uma relação mais semântica. Neste caso, ele é compreendido como a representação do signo o qual ele pretende substituir.

Devemos considerar o fato de que a forma do seu referente não é a mesma. Porém, quando traduzidas para o português, estas formas não são totalmente atingidas, ou seja, o pensamento fica restrito a uma vaga ou nenhuma ideia de suas existências no contexto da tradução, já que o que ocorre pode também estar ligado ao ideal que se representa pelo ponto de partida do referente e não o dos pronomes *en* e *y* em si. Estes pronomes adverbiais carregam consigo o pensamento proposto pelo contexto já em um processo tradutório que não evidencia somente a forma em si, mas também a concepção do referencial o qual eles representam.

Quando voltamos o olhar para o leitor, o tradutor busca por meio de sua LM retratar tais pronomes, podemos perceber uma dissimilaridade linguística. Além disso, o tradutor é marcado pela traição ao texto original, já que a busca pelo sentido pode promover o risco de uma correspondência linguística entre as línguas “que pode só ser procurada, trabalhada, presumida” (RICCEUR, 2011, p. 65).

Por outro lado, esse fator traição poderia ser suscitado como sendo mais um objeto de discussão, ou seja, questionar a ideia de que ela estaria somente ligada ao texto original, sem pensar que essa traição seria marcada também, quando o tradutor não se volta necessariamente para a estrutura de sua LM no trabalho tradutivo. Entretanto, não cabe nesta pesquisa incitar tal discussão, pois o seu objetivo não se apoia em uma discussão especificadamente sobre a tradução.

2.2 Louis Hjelmslev e os Signos *EN* e *Y*

Com relação à estrutura linguística dos pronomes *en* e *y*, é importante ressaltar estes pronomes adverbiais como signos linguísticos.

De acordo com Saussure (1995, p. 81), o signo não representa a união de uma coisa e uma palavra, mas é “uma combinação do conceito e da imagem acústica”, que ele mesmo substituiu essa nomenclatura por, respectivamente, *significado* e *significante*.

Em princípio, para *en* e *y*, o que se tem de concreto é o significante /ã/ e /i/. Mas para ser um signo, faz-se necessário o laço entre o significado e significante, inclusive, para que esse laço demonstre a arbitrariedade que se realiza, sobretudo, com a diferença entre as línguas.

Por outro lado, mesmo que não haja um conteúdo que seja representativo de cada pronome, podemos dizer que os referidos pronomes possuem um conteúdo, concedido pelo seu referencial, estabelecido pelo contexto do qual eles participam, compreendendo assim a ideia do signo referencial (GUIRAUD, 1989, p. 10).

Para melhor compreensão dos pronomes *en* e *y* como signos, abordaremos a teoria do linguista Louis Hjelmslev sobre o signo, a Glossemática (baseada na teoria de Saussure sobre o signo linguístico), estabelecendo uma relação com as considerações sobre as ideias de forma e substância, para que possamos compreender tais pronomes na análise do texto traduzido para a LA.

Louis Hjelmslev fundou o Círculo Linguístico de Copenhague e, junto com seu compatriota Viggo Bröndal fundou as *Acta Linguística*, subtituladas Revista Internacional de Linguística. Além disso, ele foi o fundador de uma escola radical de linguística estruturalista, conhecida como Glossemática. Com o título de *Prolegômenos a uma teoria da Linguagem* ele remodela a Glossemática, considerada uma importante escola de semiótica.

O linguista propôs construir uma teoria linguística que seria muito mais voltada para semiótica, “no desenvolvimento de uma teoria semiótica, mais do que de uma teoria linguística”, conforme Trabant (*apud* NOTH, 1999, p. 51). Seus fundamentos se baseavam na linguística estrutural e na semiologia de Saussure, percebendo o signo como resultado da relação do *significante* e do *significado*.

Para essa teoria, ele impôs três exigências metodológicas, chamadas de “princípio do empirismo” (HJELMSLEV, 1975, p. 11): “A descrição científica sobre a teoria da linguagem deve ser não-contraditória, exaustiva e tão simples quanto possível”. Ele visa estabelecer um

método para reconhecer e compreender um dado objeto, mas deve ser preditiva, ou seja, ser geral capaz de compreender todos os objetos possíveis da mesma natureza. Sua abordagem é puramente formalista e o linguista adotou o método dedutivo, uma vez que considera como análise o texto em sua totalidade, permitindo assim isolar unidades menos gerais até as possíveis indissociáveis unidades de base.

Neste ponto, podemos perceber que para sua teoria o ponto de partida é a linguagem “não somente a linguagem ‘natural’ mas ‘linguagem em um sentido bem mais amplo’, ou seja, qualquer estrutura análoga à linguagem, sendo definida como um sistema sígnico.” (NOTH, 1999, p. 52).

Em sua teoria, Hjelmslev atribui um caráter especial à linguagem verbal visto que “na prática, a língua é uma semiótica na qual todas as outras semióticas podem ser traduzidas.” (HJELMSLEV, 1975, p. 115). Assim, a comunicação verbal é um meio e não um fim, além de ser a expressão do indivíduo em uma comunidade.

Em seu caráter real a Glossemática visa “as estruturas imanentes da língua, as constantes que permanecem válidas em cada ato de uso da língua” (NOTH, 1999, p. 53). O ponto de partida é o processo linguístico de fala que resulta no texto que é o início da investigação da semiótica. As relações são denominadas de função: uma dependência, o que para o linguista é o ponto mais importante para sua teoria.

Buscando elaborar uma “álgebra imanente da linguagem” (HJELMSLEV, 1975, p. VIII), já que a ideia é estabelecer reagrupamento dos elementos do texto em classes conforme as possibilidades de combinação e que, assim, resulta em premissas que “permitem estabelecer um cálculo exaustivo das combinações possíveis” (HJELMSLEV, 1975, p. 16-17).

É importante ressaltar que a linguística hjelmsleviana pressupõe que todo *processo* corresponde a um *sistema* só existe em virtude do sistema subjacente. Entretanto, pelo contrário, um *sistema* não existe em função de um processo. Devemos entender que o *sistema* aqui citado refere-se à *língua*, enquanto o *processo* se refere ao *texto*. (HJELMSLEV, 1975, p. 8).

Além disso, no *processo* (texto) encontra-se uma relação de *e...e*, uma conjunção ou uma coexistência entre os fúntivos que dela participam (para a terminologia linguística, na sintagmática). No *sistema* (língua) existe uma relação *ou...ou*, uma disjunção entre os fúntivos que dele participam (para a terminologia linguística, na paradigmática). Estabelece-se no processo uma hierarquia relacional (relatos), enquanto no sistema há uma hierarquia correlacional (correlatos) (HJELMSLEV, 1975, p. 42-43).

Sobrepondo a dicotomia *processo/sistema* e buscando aperfeiçoar a dicotomia de Saussure (*langue / parole*), Hjelmslev propõe uma tricotomia analítica da análise dos sistemas semióticos: *esquema*, *norma* e *uso*. (HJELMSLEV, 1975, p. 83). O *uso* de Hjelmslev corresponde à *fala* de Saussure, ou seja, exprime a manifestação do sistema em atos linguísticos do indivíduo ou da sociedade. E a *língua* de Saussure corresponde ao *esquema* e à *norma* de Hjelmslev. Lembrando que para *esquema*, a Glossemática utiliza também o termo *sistema*. O *esquema* é a equivalência de todas as estruturas das formas possíveis de uma língua, bem como da classe de todas as estruturas que podem ser estabelecidas em um *sistema*. Enquanto que a *norma* permite selecionar e manter as estruturas que são usadas e possíveis de realização na *fala*. (NOTH, 1999, p. 55).

Com relação ao modelo sígnico proposto por Hjelmslev, em sua análise do texto ele retoma a dicotomia *significante* (“imagem acústica”) e *significado* (“conceito”) do modelo de signo de Saussure e os denomina de planos do signo: *plano de expressão* e *plano de conteúdo* (HJELMSLEV, 1975, p. 63).

Ele estratifica ainda esses dois planos em *forma* e *substância* semiótica. O que é importante ressaltar que o linguista faz uma oposição à forma e à substância de Saussure, uma vez que este propõe a sobreposição da substância pela forma, enquanto para aquele a substância recebe atenção, pois cientificamente é algo inacessível.

Considerando as línguas como tendo seu próprio sistema que difere um do outro, temos a ideia de que “as diferenças entre as línguas não provêm das realizações diferentes de um tipo de substância, mas de diferentes formas em relação a um sentido idêntico, porém, amorfo” (HJELMSLEV, 1975, p. 80). Assim sendo, o linguista está em consonância com Saussure, quando afirma que a semiótica é a ciência das formas, se interessa por restringir o termo signo ao estrato da forma e definida como essência das coisas (NOTH, 1999, p. 57).

O conteúdo linguístico possui uma forma que independe do sentido do conteúdo, a forma de conteúdo. Sua relação com o sentido é arbitrária, o que torna substância de conteúdo, ou seja, a substância de sentido, sendo informe no sentido próprio da palavra (MOUNIN, 1975, p. 44), o que o locutor tem em mente quando articula um enunciado ou palavra.

Para o linguista, temos a consciência da substância, que é amorfa, quando a forma é concreta e determinada:

A visão de Hjelmslev da primazia da forma sobre a substância parte de um ponto de vista sincrônico da cognição do mundo. De acordo com esta visão, a nossa estrutura semiótica ou cultural do mundo determina a nossa cognição das suas substâncias (NOTH, 1999, p. 63).

Partimos do ato da tradução para perceber a arbitrariedade da forma e a presença do sentido que mantém em comum entre as formas em diferentes sistemas.

Diante do modelo de estratificação do signo, retomamos a terminologia de Hjelmslev que apresenta de um lado, o *plano da expressão* cuja estrutura está subdividida em forma de expressão e substância de expressão; do outro, o *plano do conteúdo*, que apresenta forma de conteúdo e substância de conteúdo.

Quanto ao plano da expressão de uma língua falada, o sistema fonológico é sua substância de expressão, o ruído produzido pelas palavras ao saírem da boca. Por outro lado, para um linguista, a substância de expressão só lhe interessará quando analisada como forma de expressão que são os fonemas (MOUNIN, 1975, p. 96).

Para Hjelmslev (1975, p. 53), o termo signo compreende uma unidade que resulta da função significante, ou seja, a forma de conteúdo e a forma de expressão. “Por sua natureza, a palavra signo será sempre ligada à ideia de um termo designado” (HJELMSLEV, 1975, p. 62). Por isso que esta palavra deve ser utilizada em todos os contextos sem limitações e simplificações, já que ela representa a relação do signo com a coisa significada.

Para o linguista, a substância (conceito – manifestação da forma), constituída por si mesmo, antes de ser uma massa amorfa, não é passível de análise e escapa a todo conhecimento. O que leva a pensar que “a descrição das línguas não poderia, portanto, construir uma descrição da substância (de expressão e de conteúdo). A substância só poderia constituir objeto de exame depois de efetuada a descrição da forma linguística” (MOUNIN, 1975, p. 46).

Se a substância é uma massa amorfa, e desta maneira não é possível tratá-la como um signo, faz-se necessário da combinação de formas para a realização de signo de um determinado objeto no qual “a palavra signo será sempre ligada à ideia de um termo designado” (HJELMSLEV, 1975, p. 62), já que

Se se pensa sem falar, o pensamento não é um conteúdo linguístico e não é um funtivo de uma função semiótica. Se se fala sem pensar, produzindo séries de sons sem que aquele que os ouve possa atribuir-lhes um conteúdo, isso não é uma expressão linguística (HJELMSLEV, 1975, p. 54).

Assim sendo, a formação sígnica precisa apresentar uma forma e uma expressão em consonância de uma substância, para ser reconhecido e compreendido pelo locutor. Não se traduz a substância do conteúdo (o pensamento) (HJELMSLEV, 1975, p. 55), sem que haja projeção da formação deste pensamento.

Para a esfera pré-semiótica do mundo não estruturado semioticamente, o linguista apresentou o conceito dinamarquês *mening*. Essa *matéria* corresponde ao que Saussure chama de “substância amorfa” (NOTH, 1999, p. 58).

A matéria seria algo não formado, inacessível ao conhecimento – uma esfera amorfa. No plano do conteúdo da linguagem, a matéria de conteúdo é aquela massa de pensamento amorfa no que concerne a uma descrição semiótica. Acrescentamos também que, se é uma massa amorfa para uma análise semiótica, pode ser passível de ser estruturada e objeto de análise por outra área do conhecimento que se apodera de um padrão não-linguístico. No plano da expressão,

A matéria de expressão é o potencial fonético da articulação vocal humana, que é usado diretamente para formar os sistemas fonológicos das línguas naturais do mundo. Assim como pode ser potencial de comunicação gráfico usado para formar sistemas da escrita [...] (NOTH, 1999, p. 62).

Podemos observar que a abordagem de Hjelmslev, concernente à substância amorfa, permitiu reconhecer a possibilidade de interdisciplinaridade entre as ciências que analisam o mesmo objeto.

O linguista definiu o signo como uma entidade estabelecida por uma união indissolúvel entre a expressão e o conteúdo: “uma expressão é expressão somente pelo fato de que ela é expressão de um conteúdo, e um conteúdo é somente conteúdo pelo fato de ser conteúdo de uma expressão” (HJELMSLEV, 1975, p. 54). Entretanto, o signo não representa os constituintes finais de sistemas linguísticos. Há ainda elementos menores nos dois planos do signo (conteúdo e expressão), as figuras; que para o linguista são somente partes do signo.

A língua é uma semiótica porque opera nos dois planos (do conteúdo e da expressão). A análise linguística deve levar ao reconhecimento de uma hierarquia extralinguística (substância) que contrai uma função com uma hierarquia linguística (forma). Esta hierarquia denomina-se o *esquema* linguístico; aquela refere-se ao *uso* linguístico que é subordinado ao *esquema*. O *uso* manifesta o *esquema*. Portanto, a manifestação é uma função contraída pelo *esquema* e *uso*.

Percebemos, então, que a combinação de signos com as figuras possibilita a origem de novos signos, que fazem sentido, quando são inseridos no *uso*:

A linguagem é tal que a partir de um número limitado de figuras, que podem sempre formar novos arranjos, pode construir um número ilimitado de signos. Uma língua não fosse assim constituída não poderia preencher sua finalidade. (HJELMSLEV, 1975, p. 51).

Assim, um número econômico de figuras na construção de signos propõe um traço importante e essencial da finalidade da linguagem. Segundo esta finalidade, a linguagem é, senão, um sistema de signos. Deste modo, para que essa finalidade se cumpra, é necessária para a criação e a produção de novos signos e novas palavras, pois, assim, ela comunica um sentido.

Percebemos que a substância depende da forma e que esta é uma pressuposição essencial para aquela. A substância é funtivo complementar para a semiose, mas a forma é algo importante e constante. Definimos funtivo como os termos que em uma relação fundamental, mantêm uma relação de dependência entre eles (HJELMSLEV, 1975, p. 40).

Notamos, então, que Hjelmslev propõe um modelo sígnico denotativo. Mas há ainda o modelo metassemiótico, ou seja, uma metalinguagem na qual a linguagem que fala da linguagem (primária), a linguagem objeto (natural). Nessa concepção, a metalinguagem estabelece a formação de novos termos para esta linguagem-objeto inseridos em um plano de expressão. Porém, associado a este novo plano de expressão, o plano do conteúdo significa o vocabulário da linguagem-objeto, verificando, então, que seu plano de conteúdo é uma semiótica. Assim sendo

A metassemiologia deve-se, portanto, concentrar seus esforços não sobre a linguagem já descrita pela semiologia, língua na qual essa semiologia também está elaborada, mas sobre as modificações eventuais dessa língua ou sobre as adições que lhe traz a fim de produzir seu jargão especial. (HJELMSLEV, 1975, p. 127).

O objetivo da metassemiótica é tratar da Terminologia específica da semiologia. Neste caso, definimos o termo Terminologia como uma “área de estudos que se ocupa da natureza, da constituição dos termos e da multiplicidade de aspectos do seu funcionamento e que se caracteriza por sua natureza multidisciplinar” (KRIEGER, 2001, p. 24).

Além disso, o linguista propõe a semiótica conotativa “cujo plano de expressão é uma semiótica” (HJELMSLEV, 1975, p. 125). Uma vez que a conotação é acréscimo de um significado a um signo tomado como plano de expressão porque, para que o segundo

significado seja acrescentado, é preciso que ele tenha uma relação com o conteúdo ou com a expressão do signo denotado. Aliás, o conotador, que pertence a esta semiótica, “é um indicador que se encontra nos dois planos da semiótica.” (HJELMSLEV, 1975, p. 124). Ou seja, o conotador é uma unidade semiótica de estilo que é considerado uma semiótica “cujo plano de expressão consiste de elementos denotativos da língua e cujo plano de conteúdo consiste de valores estilísticos” (NOTH, 1999, p. 76). Assim,

Parece, portanto, legítimo considerar o conjunto dos conotadores como um conteúdo cujas semióticas denotativas são a expressão, e designar o todo formato por este conteúdo e essa expressão pelo nome de semiótica, ou antes, de semiótica conotativa. (HJELMSLEV, 1975, p. 125).

Observamos que os dois sistemas são secundários, mas enquanto a semiótica conotativa é uma semiótica cujo plano de expressão é uma semiótica, a metasemiótica é uma semiótica cujo plano de conteúdo é uma semiótica (HJELMSLEV, 1975, p. 121). E que ainda, é importante acrescentar que “se torna imediatamente evidente que uma metasemiótica pode e deve ser acrescentada à semiótica conotativa a fim de realizar a análise de seus objetos últimos.” (HJELMSLEV, 1975, p. 130).

Em sua proposta de estratificação do signo, o linguista estabelece que tanto a substância quanto a forma possui os dois planos (o de conteúdo – significado e de expressão – significante) e que a substância é distinta da forma e da matéria. Para assim, estabelecer a teoria da conotação que se tornou o fundamento de uma escola semiótica de estética e teoria literária.

Conforme Barthes (*apud* NOTH, 1999, p. 134), uma melhor compreensão desta teoria é apresentada da seguinte forma: em um determinado signo entende-se por E1 a sua expressão, por C1 o seu conteúdo, e por R1 a relação entre eles. Por esse signo denotativo (E1 C1 R1).

Em uma segunda forma de desvincular os sistemas, temos a formação de metalinguagens, em que o plano de conteúdo C2 é a constituição do signo denotativo em si, ou seja, a relação E1 – C1 – R1, tratando-se de uma semiótica sobre uma semiótica. Esta relação E1 – C1 – R1 denomina-se o sistema primário que é aquele de uma linguagem-objeto, e o sistema secundário (que surge a partir dessa relação e origina a relação E2 C2 R2) corresponde à metalinguagem. (NOTH, 1999, p. 135).

Então, a Glossemática de Hjelmslev propõe a perspectiva de inter-relação entre os sistemas capaz de produzir expressões ou conteúdos secundariamente a partir de referências denotativas de um sistema primário. (SOARES, 2006, p. 26)

Não podemos considerar a língua como um aglomerado de signos unicamente e, ainda, como um sistema que se diverge de outro sistema (língua), sem paralelismo linguístico que possibilite a tradução entre eles.

Pressupomos que cada língua possui seu sistema linguístico próprio, mas há de certa maneira “os universais da linguagem” que são inerentes à linguagem e “que reaparecem em todas as línguas particulares” (MOUNIN, 1975, p. 183).

Devemos ressaltar, no entanto, que o autor neste caso não trata de todas as línguas existentes no mundo. Embora as línguas apresente certo paralelismo seja ele no campo sintático, semântico seja no morfológico, cada língua apresenta suas vicissitudes inerentes a si mesmo.

Em se tratando de particularidades, atentamos para os pronomes *en* e *y*, percebendo-os como signos, segundo teoria hjelmsleviana.

Baseado nesta teoria, os pronomes *en* e *y* ganham presença em sua tricotomia – *uso*, *esquema* e *norma*. Eles estão presentes no contexto do *uso*, no discurso apresentado diariamente, já que, para o linguista, o *uso* representa fala em um determinado contexto social; eles estão fazendo parte do *esquema*, uma vez que pertencem a uma estrutura linguística particular – a da língua francesa; e são adequados e estabelecidos pela *norma*, existem regras para sua aplicabilidade no contexto social.

Com relação à formação de signos pela combinação, podemos perceber que há a possibilidade de combinação dos signos *e* e *n*, como em *ne*, uma marca possível e reconhecida na língua francesa, uma vez que a formação *en* é senão uma palavra, e “as palavras são criações humanas, e ao mesmo tempo, como a maior parte das criações do homem, elas têm sua vida própria; [...]” (GUIRAUD, 1989, p. 40). Elas sentem a necessidade da formação de outras palavras a partir das combinações da forma que variam de língua para língua e até mesmo no seio de uma determinada língua.

O linguista propõe o modelo sgnico com forma e substância, assim como Saussure. E ainda, ele estabelece que a substância é distinta da forma. Além disso, esclarece que a forma é imprescindível para a formação da substância.

Sob esta ótica, primeiramente, passamos para a abordagem do pronome *en*, conforme especificação da relação conteúdo e expressão da teoria hjelmsleviana.

Vendo como signo, possibilitamos compreender um signo a partir da junção de dois signos /e/ /n/. Quando juntos na formação do signo *en* este apresenta também uma expressão. Além disso, sua expressão é caracterizada pela figura de expressão /~/ que causa a nasalidade. Essa nasalidade é provocada pelo signo [ɲ]. A expressão E1 de *en* e conteúdo C1 (que neste caso não será evidente) proporciona uma relação R1 cuja recorrência na língua francesa adquire primeiramente uma postura.

Em seguida, propomos observar o pronome *y*. Em uma análise primeira, podemos dizer que esse signo, conforme o linguista, representa uma expressão, uma representação fonética, assim sendo [y], de y. Um traço fonético característico da língua francesa que não existe no quadro fonético da língua portuguesa. Como ocorre, por exemplo, em *salut* [saly]. Sua substância (o seu sentido) está ligada à forma de um signo para com seu objeto. Além disso, a forma de conteúdo pode apresentar uma variação de significação em alguns casos dependendo do contexto, no caso de estabelecer uma comparação entre as línguas francesa e portuguesa concernente a este signo. O conteúdo de *y* não existe em um primeiro olhar.

Outro ponto a ser considerado, segundo Hjelmslev, é que sua teoria está ligada à estilística, sendo o idioma um fator conotador. Neste caso, notamos que a tradução é bastante pertinente para o desenvolvimento da sua teoria e também para o enfoque de *en* e *y* a partir de sua referência. Ela permite que a comunicação seja estabelecida, neste caso, entre duas línguas (francesa e portuguesa), ressaltando tal particularidade de uma delas, os pronomes adverbiais *en* e *y*, de maneira que a postura do tradutor com relação a tais pronomes na língua portuguesa seja compreensível.

Quando observamos os pronomes *en* e *y*, compreendemos que tais estruturas não apresentam conteúdo, uma vez que são estruturas mínimas pertencentes à língua francesa. Sua função está restrita à estrutura gramatical. Se pensarmos no signo como “estímulo associado a um outro estímulo do qual ele evoca a imagem mental” (GUIRAUD, 1989, p. 16), *en* e *y* só têm estímulos, quando em evidência no *uso*.

De fato, percebemos o conteúdo destes pronomes, quando passamos para a estrutura frasal na qual eles são inseridos. Convém, então, expor que a referência de tais pronomes possui a forma e a substância, um conteúdo e uma expressão. E essa referência é reiterada pela presença de *en* e *y* na frase. É a referência que expressa uma forma (ainda que seja diferente da forma apresentada na LF) e substância (que deve ser a mesma tanto em uma língua quanto na outra) para o trabalho tradutivo.

3 METODOLOGIA

Neste momento, apresentamos a metodologia utilizada para a coleta, a seleção e a análise de dados. Mas é importante ressaltar, primeiramente, os motivos da escolha dos pronomes *en* e *y* como objeto de trabalho para esta pesquisa. Além disso, expor outros fatores e informações que giram em torno deste objeto de estudo que podem ser relevantes para a análise e considerações finais.

3.1 A Escolha do objeto de trabalho

Os pronomes *en* e *y* apresentam-se como parte complementar da estrutura sintática no contexto da língua francesa, definindo-as como pronomes adverbiais. Podemos perceber sua presença tanto na escrita quanto na oralidade.

Por meio da tradução, a língua francesa entra em contato com a língua portuguesa (do Brasil), para que a mensagem de uma língua seja transmitida para outra língua, pois “on ne traduit pas pour comprendre, mais pour faire comprendre”⁷ (MARTINET, 1968, p. 729). Consideramos ainda o fator sentido que deve ser mantido de uma língua para outra.

Trazendo a implicabilidade da tradução da estrutura da língua para o contexto mais particular dos pronomes adverbiais *en* e *y*, vale ressaltar que são estruturas que para a língua portuguesa pode ser verificada de forma diferente, enquanto formação destes signos.

Neste contexto, a atenção se volta para o processo de tradução com o intuito de preservar o sentido que cada pronome possui, uma vez que sua natureza semântica está ligada ao referente presente na frase.

Assim sendo, a pesquisa não se insere em um contexto universal, no qual seria inviável para o momento. Faz-se necessário a identificação da tradução dos referidos pronomes para a LA, conforme o olhar do tradutor, bem como o reconhecimento de estratégias no trabalho tradutivo, pois são fatores que chamam a atenção com o intuito de contribuir para o campo do estudo em tradução.

⁷ - “Não se traduz para compreender, mas para se fazer compreender”. (Minha tradução).

Ainda que a delimitação do *corpus* seja um aspecto importante a discutir, pois as fontes de um *corpus* podem caracterizar e influenciar para diferentes olhares em torno da tradução de *en* e *y*, para esta pesquisa limitamos a trabalhar com o gênero narrativo romance, na versão escrita.

A escrita exige do autor prudência e conhecimento relativo ao tratamento com a língua e assim como sua colocação. Neste caso, o aparecimento de *en* e *y* no texto da LF requer determinado tratamento quando estabelecido na tradução para a LA. Assim como exige do tradutor o mesmo sentimento e conhecimento de ambas as línguas, para que o sentido do texto da LF obtenha o mesmo sentido na LA.

A escolha dos pronomes *en* e *y* como Estudo em Tradução se mostra importante, na medida em que são estruturas próprias de um sistema que, interpostas a outro sistema, pressupõe uma discussão que se torna mediada pela figura do tradutor, ainda que possam ser considerados aspectos pormenores desse sistema.

3.2 Função: Complemento Verbal

Faz-se necessário explicar sobre este assunto, tendo em vista que os pronomes *en* e *y* exercem a função de complemento, inseridos no contexto do grupo verbal (GV), estrutura que junto com o grupo nominal (GN) formam a frase de base: $F \rightarrow GN + GV$ ⁸ (RIOUL et al., 2011, p. 389).

Podemos observar que o próprio complemento no qual esses pronomes representam são uma estrutura de grupo nominal (GN).

Outro motivo para esta explanação está no fato de uma possível relação entre a tradução de *en* e *y* e a sua função na frase, estabelecendo e favorecendo assim o olhar do tradutor para o trabalho tradutivo.

Por outro lado, o estudo deste caso é delimitado no que diz respeito à abordagem relacionado aos pronomes *en* e *y*, ou seja, tratamos das funções sintáticas nas quais tais pronomes são classificados.

3.2.1 Complemento do Objeto Direto (COD)

Em uma frase de base, os complementos do verbo (COD) são estruturas que complementam normalmente o sentido de verbos transitivos que demandam complemento seja ele direto seja ele indireto.

O complemento do verbo é substituído por formas correspondentes do pronome pessoal da 3ª pessoa (*le, la, les*) ou por *en* que, eventualmente, é marcado também pela presença de um pronome indefinido, quando for um caso de um objeto de uma determinação não definida (RIOUL et al., 2011, p. 398):

“Il y a ici des sauvages qui les attrapent pour les vendre à la vivisection. On m’*en* a déjà tué deux, [...]” (LE CLÉZIO, 2008, p. 162).

⁸ - $P \rightarrow GN + GV$, pensando nesta estrutura como o modelo de frase canônica reduzida, mantendo uma sequência ordenada em que P = phrase.

Percebemos que, neste exemplo, o pronome *en* está registrando a função de complemento do verbo *tuer* (matar), bem como, está substituindo um grupo nominal (GN), expresso no início do primeiro período (*des sauvages*), introduzido pelo artigo partitivo.

Além disso, o pronome mantém uma correlação com a expressão “*deux*”, que denota marca de quantidade.

3.2.2 Complemento do Objeto Indireto (COI)

Há ainda o complemento do objeto indireto (COI) que geralmente são introduzidos pelas preposições *à* e *de* (RIOUL et al., 2011, p. 402).

E como citado anteriormente, o pronome *en* representa os complementos introduzido pela preposição *de* com característica de inanimados. Por sua vez, *y* representa os complementos do verbo com característica de inanimados, introduzidos pela preposição *à*.

Neste caso, podemos perceber uma similaridade com relação à estrutura GV da língua portuguesa, quando se tratar também da função do complemento do objeto, bem como das preposições que introduzem os complementos indiretos nesta língua.

Por este ângulo, o que difere o COD do COI é, sobretudo, a presença das preposições (mais comumente as preposições *de* e *à*) que são inseridas logo após o verbo, separando assim o verbo de seu complemento.

Há ainda o complemento adverbial que se diferencia do complemento verbal, sendo outro grupo, pois possui uma mobilidade na frase estando ou anteposto ao sujeito ou posposto ao grupo verbal. Esta “independência” de mobilidade ocorre devido ao fato de que não depende de outro sintagma e não é regido por verbo (RIOUL et al., 2011, p. 260).

Porém, a pronominalização deste caso ocupa o mesmo lugar na frase assim como os demais pronomes complementos: antes do verbo seja ele a forma *en* seja a forma *y*.

Na análise dos dados, será explicitada a discussão sobre a obrigatoriedade do complemento verbal, nominal ou adverbial na estrutura da frase da LE, bem como o caráter obrigatório ou facultativo dessas formas como complemento, quando traduzidas para a língua portuguesa.

3.3 Coleta e Seleção de Dados

Estabelecemos a recolha dos dados para proporcionar a composição do *corpus* que serve de base para análise desta pesquisa. Sendo assim, a partir de leituras bem pontuais de cada texto literário, temos como objetivo selecionar as ocorrências dos pronomes adverbiais *en* e *y* para a constituição das bases para a análise deste trabalho.

A seleção consiste em obter no cerne da narrativa os casos do uso dos pronomes *en* e *y* como pronomes adverbiais, nomenclatura adotada a partir de considerações dos linguistas citados para referendar a revisão da teoria sobre tais pronomes.

De fato, é preciso salientar que a presença de *en* e *y* acompanhando verbos e expressões por assim dizer, tendo seu significado modificado, ou seja, com outro sentido, terá uma participação significativa como objeto parte integrante, bem como citação deste estudo para verificação da tradução dos referidos pronomes.

Embora seja importante entender que ao tratar de discurso, não podemos deixar de pensar na dicotomia *língua e fala* de Saussure (1993, p. 22), já que os pronomes *en* e *y* são estruturas linguísticas, logo fazem parte do sistema - *língua*, restringimos dizer que os dados foram coletados de fontes escritas, representativo do gênero narrativo romance da literatura francesa contemporânea dos anos de 1992, 2004 e 2008. E as traduções foram publicadas nos anos de 2007 e 2009.

Os dados que contêm a presença de *en* e *y* como pronomes adverbiais foram extraídos de três romances do escritor francês Jean-Marie Gustave Le Clézio: *L'Africain*, *Pawana* e *Ritournelle de la faim*. Em português do Brasil, respectivamente, com os títulos *O Africano*, *Pawana* e *Refrão da fome*, eles foram publicados pela Editora COSACNAIFY e traduzidos por Leonardo Fróes.

Sobre o autor, limitamos a citar que ele nasceu em Nice, na França. Suas obras têm um valor social, artístico e cultural, explicitados pelo seu gosto aprimorado e por sua visão de mundo. Sua importância para a literatura se confirma à medida que sua obra é reconhecida pela vontade de realçar as palavras do cotidiano com o intuito de perceber o que é essencial na realidade, deixando de lado traços de uma época existencialista.

Suas obras mais recentes retratam seu olhar para a cultura africana, bem como seu mundo de infância relacionado à sua memória e conflitos culturais. É de notório saber que ele é ganhador de prêmios como o prêmio Nobel de Literatura - 2008.

Quanto ao tratamento proposto aos dados retirados dessas obras, é importante perceber não a situação da narrativa somente em si, mas como os dados aparecem em cada situação do texto.

Neste ponto, precisamos, em princípio, organizar os dados coletados, observando as ocorrências dos pronomes *en* e *y* nas frases, bem como a representação traduzida na LA.

Neste momento, inicialmente parte da classificação a partir da aparição tanto no texto da LF e quanto no texto da LA: *ocorrência e tradução* (conforme tabelas 1 e 2). Há, ainda, uma terceira coluna que registra a classificação, conforme a estratégia identificada no trabalho tradutivo. Em seguida, relacionamos a função sintática dos pronomes *en* e *y* que eles recebem na estrutura frasal da LF com outros aspectos linguísticos que podem ser recorrentes e que influenciam diretamente na tradução de tais pronomes, possibilitando o surgimento de formas na LA para os dois pronomes.

Para isso, agrupamos as ocorrências em tabelas criadas no *Word Office*, propondo uma tabela para cada pronome, separando, assim, por romance (como mostram os exemplos das tabelas 1 e 2), para que se tenha melhor possibilidade de visualização dos dados, no caso de retornar ao texto narrativo para prévia consulta com o intuito de apreciar ou justificar a referência destas formas. As tabelas 1 e 2 representam um recorte, especificando como os dados foram distribuídos: primeiramente, organizamos os dados pertinentes ao pronome *en*, em tabelas específicas para cada romance. Em seguida, fizemos o mesmo procedimento com os dados do pronome *y*. Escolhemos os dados referente ao romance *L'Africain (O Africano)* a título de exemplificação.

L'Africain (O Africano)

EN

Tabela 1- Exemplos de tradução de *en*

Ocorrência	Tradução	Estratégia
Je m' <i>en</i> souviens bien [...] p. 14	[...] lembro-me bem: p.9	Omissão
Des orages tels que je n' <i>en</i> ai jamais vu ni rêvé depuis [...] p.20	Temporais como depois nunca vi, nem sequer em sonho [...] p.15	Omissão
Il est difficile d' <i>en</i> parler aujourd'hui, après tant de catastrophes et d'abandon.	Hoje é difícil falar dela, depois de tanto abandono, tantas catástrofes. p. 16	Correspondência formal
J'étais seulement un enfant, la puissance de l'Empire m'indifférait assez. Mais mon père <i>en</i> pratiquait la règle [...] p. 28	Eu era um menino, não mais que um menino, e o poderio do império me era muito indiferente. Mas suas regras eram postas em prática por	Paráfrase

	meu pai [...] p. 22	
Faisait-il chaud vraiment ? Je n' <i>en</i> ai aucun souvenir. p. 29	Fazia realmente calor ? Não, não me lembro mesmo. p. 23	Omissão
Nous frappions à nouveau jusqu'à <i>en</i> avoir mal aux mains [...] p. 32	Voltávamos a golpeá-las, até sentir as mãos doendo [...] p. 25	Omissão
J'ai pensé qu'il <i>en</i> aurait été autrement si nous étions restés à Ogoja, [...] p. 34	Pensei que tudo seria bem diferente se tivéssemos ficado para sempre em Ogoja, [...] p.29	Omissão
Nous ne savions pas que nous allions <i>en</i> repartir. p. 35	Não sabíamos que haveria um regresso. p. 29	Omissão
Je ne m' <i>en</i> souviens pas. p. 35	Não me lembro. p. 29	Omissão
Je n'ai pas remarqué le cratère qui signale l'entrée de la fourmière. Tout d'un coup, sans que je m' <i>en</i> sois rendu compte, [...] p. 36	Não notei a cratera que assinala a entrada do formigueiro. De repente, sem que eu me tenha dado conta, [...] p. 30	Omissão

L'Africain

Y

Tabela 2 – Exemplos de tradução de y

Ocorrência	Tradução	Estratégia
Quelqu'un qui aurait gardé la mémoire photographique du lieu serait étonné de ce qu'un enfant de huit ans pouvait y voir. p.18	Alguém que houvesse conservado a memória fotográfica do lugar se espantaria com o que um menino de oito anos era capaz de <i>á</i> ver. p. 13	Correspondência formal
À l'autre bout du terrain, il devait y avoir les cases des serviteurs: p.18	No outro extremo do terreno é que deviam ficar as choças dos serviçais: p. 14	Omissão
[...] la première ville administrative était Abakaliki, à quatre heures de route, et pour y arriver il fallait traverser la rivière... p. 22	[...] a primeira cidade administrativa era Abakaliki, a quatro horas de viagem, e para ir até <i>lá</i> era preciso atravessar o rio... p.17	Correspondência formal
Puis nous avons frappé à coups de bâton les murs, les hautes tours, pour voir s'étrouler la terre poudreuse, mettre au jour les galeries, les bêtes aveugles qui y vivaient. p. 31	A pauladas, atacamos depois as torres altas, para ver a terra esfarinhada ruir, para expor à luz as galerias e os bichos cegos que viviam <i>lá</i> dentro. p. 25	Correspondência formal
Peut-être que nous avons pensé, comme tous les enfants, que nous allions y mourir. p. 35	Talvez tenhamos pensado, como todas as crianças, que iríamos morrer <i>ali</i> . p. 29	Correspondência formal
[...] et cette sorte de distance ennuyée propre aux gros	[...] e essa espécie de distanciamento entediado típico	Correspondência formal

fumeurs l’isolaient dans un réduit où il s’enfermait à clef pour, justement, y fumer en paix son caporal. [...] p. 52	dos grandes fumantes o isolavam num reduto onde ele se fechava a chave, justamente para <i>aí</i> pitar seu mata-rato. [...] p. 45	
Mon père est né dans la même maison que son oncle, à tour de rôle ils y ont grandi, [...] p. 58	Meu pai e seu tio nasceram na mesma casa e, <i>aí</i> crescendo cada qual por sua vez, [...] p. 52	Correspondência formal

Ressaltamos que este trabalho se dedica a uma análise com relação às traduções dos pronomes adverbiais *en* e *y*, desconsiderando para o presente estudo qualquer caso de desvio de tradução apresentado no texto da LA.

Considerando a função sintática de complemento do verbo ou adverbial atribuída aos pronomes *en* e *y*, durante a análise dos dados, vale ressaltar a classificação de cada um deles quanto à função, com o intuito de poder estabelecer ou complementar justificativa (s) para o trabalho tradutivo destes pronomes da LF para a LA.

Além disso, é importante enfatizar durante a análise dos dados a relação dos referidos pronomes em francês com estratégias escolhidas pelo tradutor como possibilidade de tradução na língua portuguesa, como:

“J’étais seulement un enfant, la puissance de l’Empire m’indifférait assez. Mais mon père EN pratiquait la règle” (LE CLÉZIO, 2004, p. 28).

Para o português:

“Eu era um menino, não mais que um menino, e o poderio do império me era muito indiferente. Mas suas regras eram posta em prática por meu pai [...]” (LE CLÉZIO, 2007, p. 22).

Podemos perceber que neste exemplo o pronome *en* mantém uma relação de complementaridade do sintagma nominal “la règle” que está nesta frase como complemento verbal de “pratiquer” (praticar). Ele substitui o sintagma nominal “la puissance de l’Empire” (o poderio do império) que se encontra no período antecedente. Já no texto traduzido, o pronome *en* não aparece como complemento nominal.

O tradutor resolveu alterar a estrutura da frase, de modo que a construção frasal da tradução não apresentasse a mesma estrutura frasal do texto da língua-fonte. Essa alteração na ordem caracteriza mudança de estrutura (CATFORD, 1980, p. 86). O texto em francês está na voz ativa, enquanto o da tradução está escrito na voz passiva. Neste caso, o pronome *en* adquire a forma de pronome possessivo que faz parte do sintagma nominal “suas regras”, que tem a função de sujeito da passiva.

Nessa alteração de estrutura frasal, o tradutor modifica também a representação do pronome *en* no texto traduzido, construindo outra ocorrência de tradução para tal pronome.

Ainda que seja necessária uma quantidade expressiva de uso bem marcado dos pronomes *en* e *y* no texto da LF bem como sua estrutura formal no texto da LA, percebendo, inclusive, o desenvolvimento expositivo de natureza quantitativa, o mais valioso para este trabalho é estabelecer uma pesquisa de natureza qualitativa, observando a interpretação de tais pronomes que foi dada pelo tradutor e que se proporciona pelo uso de cada um deles, bem como sua apresentação no texto da LA.

3.4 Estratégias de Tradução

Em contato com o texto original, o tradutor encontra diferentes obstáculos que dificultam o trabalho tradutivo. Para esclarecer a natureza dos obstáculos, utilizamos as estratégias de tradução que reúnem aspectos que auxiliam no processo tradutivo.

Para esclarecimento da terminologia adotada nesta pesquisa, já que os termos adotados nas citações a seguir não são discriminados e nem fazem parte deste contexto, o que pode dificultar a compreensão, vale ressaltar que: entendemos texto da LF, a sigla TLO; no caso de LF (língua-fonte) e LO (língua original), adotamos LF; e para LM (língua-meta) e LT (língua de tradução), lemos LA.

Com relação às estratégias propostas por Martinet (1968, p. 737), não podemos deixar de abordar a omissão (neste caso dos pronomes *en* e *y* na LA), uma vez que é possível perceber tal ocorrência nos dados do *corpus*, como:

Je ne m'*en* souviens pas (LE CLÉZIO, 2004, p. 35).

Não me lembro (LE CLÉZIO, 2007, p. 29).

O tradutor não faz menção ao pronome *en* no texto traduzido para o português, ou seja, a frase traduzida não mostra nenhum elemento que represente o referido pronome na LA.

Dentre as estratégias sucitadas por Martinet (1968, p. 737), poderíamos aplicar na análise de dados desta pesquisa a estratégia de equivalência. Porém, notamos que é mais viável aplicar o termo de correspondência formal.

A estratégia de adaptação não convém ser aplicada para *en* e *y*, tendo em vista que, de acordo com o conceito, ela se enquadra “em casos onde a situação toda a que se refera ao TLO (texto da língua original) não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT” (BARBOSA, 1990, p. 76). Além disso, para a adaptação, há uma necessidade de saber além da cultura da língua-fonte não somente a estrutura linguística, mas também “conhecer perfeitamente a civilização material e a concepção filosófica das pessoas que falam a língua de onde se traduz” (MARTINET, 1968, p. 749).

Devido às tais circunstâncias, trabalhamos com as ideias que permeiam em torno do termo paráfrase que está ligada à referencialidade.

Na análise de dados, notamos que tais estratégias relacionadas aos pronomes *en* e *y* correlacionadas com outros fatores podem ter influenciado no resultado do trabalho tradutivo.

3.4.1 Omissão

Para Barbosa (1990, p. 68), esse procedimento ocorre quando o elemento linguístico da LF não se enquadra na LA, por serem “desnecessários ou excessivamente repetitivos”.

Ainda que os pronomes adverbiais *en* e *y* apresentem signos que os representam na LA, na análise de dados será proposta a adequação destes conceitos para o trabalho tradutivo de tais pronomes.

3.4.2 Correspondência Formal

Antes de abordar a teoria inerente à correspondência formal, vamos expor as ideias que permeiam o princípio da equivalência, para assim ficar justificada a escolha da terminologia ‘correspondência formal’, como estratégia para aplicação na tradução de *en* e *y*.

Para Martinet (1968, p. 746), a equivalência resulta de uma mudança que sai do domínio da fala e entra no domínio da língua. Para isso, o ponto inicial está centrado na situação para que se procure a solução.

Com relação ao conceito deste procedimento, Barbosa (1990, p. 67) define como “substituir um segmento de texto da LO (língua original) por outro segmento da LT (língua de tradução) que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente”.

Por assim dizer, a equivalência não marca a tradução literária, mas busca a mensagem tomada no sentido global (MARTINET, 1968, p. 746), estabelecendo uma relação

$$M_1 \leftarrow S = S \rightarrow M_2,$$

sendo M_1 e M_2 as mensagens linguisticamente correspondentes e entre elas está S que representa a situação em que se encontra a mensagem expressa pelo interlocutor.

Enquanto isso, a correspondência formal apresenta um correspondente formal que “é qualquer categoria da LM que se possa dizer que, tão aproximadamente quanto possível, ocupa na economia da LM o ‘mesmo’ lugar que a categoria considerada da LF ocupa na LF” (CATFORD, 1980, p. 35).

De fato, a correspondência formal mantém uma relação no nível do conceito com a equivalência. No entanto, estabelecemos a escolha desse termo que se aplica melhor ao que é proposto com a tradução de *en* e *y*, pois podemos identificar nos dados do *corpus* o conceito que se realiza, quando notamos a categoria na qual tais pronomes são classificados na LF que adquire a mesma categoria na LA.

3.4.3 Referente e Paráfrase

Quando tratamos os pronomes *en* e *y* como signos, devemos dar atenção à relação que estes signos mantêm com seu referente.

Quando estes pronomes são inseridos no discurso da língua francesa, como explanado anteriormente, eles substituem um complemento que já foi expresso. A forma que eles adquirem na LF assume o sentido da sua referência, pois eles não têm um sentido como a grande parte dos signos. Entretanto, os referidos pronomes possuem uma expressão, conforme a teoria de Hjelmslev sobre o signo (1975, p. 53).

A relação entre tais pronomes e o referente concerne ao nível semântico, uma vez que “a referência é semântica [...]” (RICŒUR, 2005, p. 331). Tendo em vista que a semântica se preocupa com a relação do signo com a coisa denotada.

Se tomarmos como ideia o princípio de Frege (*apud* RICŒUR, 2005, p. 333) sobre a relação signo – seu sentido – referência, temos uma relação regular, “de tal modo que ao signo que corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único signo”. Isto quer dizer que o signo adquire uma forma e também uma substância (a manifestação da forma), que expressa o sentido de uma referência que, por sua vez, tem um signo diferente. Muitas vezes, mantendo uma relação com outro signo, ele adquire um sentido diferente daquele inicial.

Na medida em que pensamos nos pronomes adverbiais *en* e *y* representando sua referência, atentamos para o fato de que esta referência pode não estabelecer uma relação somente com um único signo. O que quer dizer que pode surgir o mecanismo de coesão referencial: quando se tem “um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual” (KOCH, 1999, p. 30).

Enfocando o termo referência, entendemos que os elementos da referência “são itens da língua que não podemos ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação” (KOCH, 1999, p. 20).

Vale ressaltar a terminologia usada por Halliday & Hasan (*apud* KOCH, 1999, p. 20) para os tipos de referência (ou remissão): exófora e endófora, sendo que esta ainda se subdivide em anáfora e catáfora.

A anáfora consiste na posição do referente quando precede o item coesivo:

Y avait-il des fourmis avant Ogoja ? Je ne m'*en* souviens pas (LE CLÉZIO, 2004, p. 35).

Na catáfora, o referente se posiciona após o item coesivo:

Ah oui, parlons-*en* de l'âme boche! [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 73).

Já que os pronomes *en* e *y* estabelecem uma relação com seus referentes, podemos observar nesta relação durante o processo de tradução o mecanismo da paráfrase, quando “se tem um mesmo conteúdo semântico apresentado sob as formas estruturais diferentes” (KOCH, 1999, p. 52):

Nous ne savions pas que nous allions *en* repartir (LE CLÉZIO, 2004, p. 35).

Não sabíamos que haveria um regresso (LE CLÉZIO, 2007, p. 29).

Podemos perceber que, neste exemplo, o tradutor não se preocupou em tornar presente o pronome *en* na tradução, fazendo com que o texto traduzido se aproximasse mais do leitor. Esta aproximação ocorre a partir do momento que o referido pronome não é traduzido para a LA, ou seja, ele é omitido e a mensagem é compreendida pelo leitor. Ou então, quando o autor retoma o sentido da frase, reestruturando-a com signos distintos.

Neste caso, percebemos a paráfrase neste procedimento, quando o tradutor propõe uma tradução para o verbo “repartir”, traduzido para “regresso”, marcado alteração da forma.

3.5 Síntese

Neste capítulo, apresentamos os motivos para a escolha de *en* e *y* como objeto desta pesquisa, bem como a análise da tradução destes referidos pronomes.

Ressaltamos as ideias concernentes à classificação da função sintática de *en* e *y* na estrutura frasal da língua francesa.

Atentamos para a explanação sobre o procedimento escolhido para a coleta e seleção dos dados, bem como da fonte literária para composição do *corpus*.

Elaboramos as tabelas para agrupar os dados e separá-los em dois grandes grupos, segundo os pronomes adverbiais: um para o pronome *en* e outro para o pronome *y*. Os dados de cada grupo são organizados, obedecendo à ocorrência em cada romance. E cada tabela contém três colunas: uma para as ocorrências, uma segunda para a tradução e uma terceira para a classificação das estratégias utilizadas referentes às traduções de *en* e *y* na LA.

Discorreremos, ainda sobre as estratégias de tradução (inicialmente verificadas a partir de uma relação entre os referidos pronomes e a tradução para o português) que servirão de base para a análise dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo tem por objetivo compreender quais fatores que levam o tradutor a desempenhar o trabalho tradutivo dos pronomes adverbiais *en* e *y* para a língua portuguesa do Brasil. Ele obedece a seguinte ordem de estratégias utilizadas referentes às traduções dos referidos pronomes: omissão, correspondência formal e paráfrase. Os referidos pronomes serão classificados à luz das funções sintáticas já apresentadas neste trabalho.

Assim, primeiramente, serão analisados os casos relativos à omissão e ao uso dos complementos do verbo, sob o nome de “Casos de Omissão e de Uso do Complemento do Verbo”. Dentro desse item, serão vistos os “Casos de Complemento de Objeto Direto – COD”; os “Casos de Traço Estilístico como a Vírgula” e os “Casos de Complementos Partitivos”. Ainda nesta ótica serão analisados os “Casos de Uso do Complemento de Objeto Indireto – COI”.

Em seguida, serão apontados os casos relativos à correspondência formal e ao uso do complemento adverbial, com o subtítulo de “Casos de Correspondência Formal” e os “Casos de Complemento Adverbial”.

Por fim, o terceiro critério de análise referente aos “Casos de Paráfrase” por meio dos “Casos de Complemento Nominal” e por meio dos “Casos de Complementos Verbais”.

Para a exemplificação, as frases serão marcadas de 1 a 62 assim como suas respectivas traduções, a fim de corresponderem a cada um dos casos estudados. Para facilitar o manuseio, a mesma listagem encontra-se disponível no II Anexo.

Assim sendo, sentimos a necessidade de perceber o trabalho de tradução proposto pelo tradutor dos romances *O Africano*, *Pawana* e *Refração da fome*, por meio de concepções relativas à função sintática que cada forma assume no contexto da frase: complemento verbal e adverbial.

Este assunto será esclarecido a partir dos preceitos de RIOUL et al (2011) enquanto estrutura da língua francesa e buscando na estrutura frasal da língua portuguesa, com o auxílio do gramático AZEREDO (2008), expressamente traduzidas para saber a forma que os referidos pronomes assumem e se adquirem a mesma classificação de função sintática apresentada no texto da língua-fonte.

Desta maneira, buscamos compreender a tradução de *en* e *y* nos casos em que apresentam a obrigatoriedade do complemento na frase e nos casos em que a facultatividade se realiza.

A análise dos dados torna-se importante a partir destas ideias aqui presentes para abordar em um primeiro olhar a passagem do texto na LF para a LA.

Temos também como objetivo analisar os dados sob a ótica da omissão, da correspondência formal e da teoria da referencialidade envolvendo a paráfrase, buscando estabelecer uma relação com a função sintática que *en* e *y* assumem, bem como manter a relação com a postura de signo que tais formas expressam, sendo implementado a partir das ideias de HJELSMELV (1975), para melhor entendimento de tais estratégias propostas a partir do que foi traduzido pelo tradutor.

Propomos, ainda, a análise dos dados sob a postura linguística de verbos como *parler* (falar), *avoir* (ter) e *se souvenir* (lembrar-se) na língua francesa e portuguesa, por apresentar aspectos pertinentes para a tradução de *en* e *y*, bem como a relação social estabelecida, a fim de que se possa complementar justificativas para as referidas estratégias.

4.1 Casos de Omissão e de Uso do Complemento do Verbo

Conforme Barbosa (1990, p. 68), os casos de omissão ocorrem quando há elementos desnecessários ou excessivamente repetitivos no contexto da frase ou do período. Neste sentido, vale a pena verificar em que momento os pronomes *en* e *y* são omitidos na tradução para o português do Brasil das obras de Jean-Marie Gustave Le Clézio citadas no subcapítulo 3.3 desta pesquisa.

Dessa maneira, elucidamos os fatores que favorecem a omissão destes pronomes e estabelecemos considerações para esta análise a partir da estrutura geral que constitui a frase na LF que também possa apresentar estrutura semelhante na LA.

A estrutura da língua francesa é constituída de sintagma nominal (SN) e de sintagma verbal (SV). Enfocando o assunto mais particularmente para a função sintática, como já foi expresso no capítulo 3, o complemento verbal está inserido no SV. Este complemento é, na verdade, um sintagma nominal ou preposicional que faz parte do grupo verbal (RIOUL et al., 2011, p. 392).

Podemos ainda dizer que esta mesma estrutura apresenta também similaridade na LA, ainda que “haja para cada língua, um como que plano fundamental, um quadro determinado” (SAPIR, 1954, p. 123).

Em ambas as línguas, o complemento verbal se torna obrigatório, para que o sentido da frase seja completo. Neste caso, é importante ressaltar a ideia de complemento verbal posposto ao verbo (WILMET, 2003, p. 525):

(1) Ethel avait changé son caractère [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 39).

(2) Je garde le souvenir cuisant de ma première rencontre avec les fourmis [...] (LE CLÉSIO, 2004, p. 36).

As frases 1 e 2 representam exemplos que demonstram bem a estrutura básica de uma frase:

Sujeito (S) — Verbo (V) — Objeto (O) (WILMET, 2003, p. 582).

Assim sendo, por esses exemplos podemos perceber claramente que há complemento direto do verbo *garder* (guardar), bem como complemento direto do verbo *changer* (mudar).

A partir desta percepção, podemos ater à transitividade dos verbos, quando temos um verbo *transitivo* que tem um complemento do objeto (neste caso direto) e que aceita um complemento do objeto (WILMET, 2003, p. 519).

Pela tradução dessas frases para o português, mantemos a relação S — V — O:

(1.1) Ethel mudara de caráter [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 41).

(2.1) Guardo a pungente lembrança do meu primeiro encontro com as formigas [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 30).

Coincidentemente, apresentamos na tradução a mesma estrutura identificada nas frases da LF, considerando aqui a omissão do sujeito pelo tradutor na segunda frase traduzida para a LA, o que, neste caso, a omissão do sujeito não incide na incompreensão da mensagem. Já na língua francesa o sujeito é um termo parte integrante que não é omitido (RIOUL et al., 2011, p. 243).

4.1.1 Casos de Uso do Complemento Objeto Direto (COD)

Retomando os pronomes *en* e *y*, como COD e COI e também como processo de pronominalização (WILMET, 2003, p. 526), não considerando neste momento casos de complementos adverbiais, a posição destes referidos pronomes em um contexto frasal difere-se da ordem apresentada pela frase de base. Como complemento, estão antepostos ao verbo como posição obrigatória.

Enquanto os pronomes *en* e *y* são classificados em complemento verbais diretos e indiretos, obedecendo à tradição para a terminologia, respectivamente, COD e COI, vale ressaltar também sobre a transitividade do verbo: verbos transitivos e intransitivos. Aqueles se constroem com um complemento e estes não demandam complementos, pois têm seu significado explicado e limitado à própria estrutura verbal.

Neste momento, vale ressaltar a transitividade concernente ao verbo que demanda um complemento sendo ele *direto* ou *indireto*. Os verbos transitivos diretos possuem um COD

para formalizar seu sentido, e os intransitivos indiretos se constroem com um COI (WILMET, 2003, p. 523). Sendo o COI introduzido por uma preposição. Este elemento faz a diferença primeira entre COD e COI.

Por outro lado, ainda é possível haver deslocamento do objeto direto:

(3) Des orages tels que je n'en ai jamais vu ni rêvé depuis [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 20).

Então, é possível perceber que o complemento está sendo representado pelo pronome *en* que completa o verbo *voir* (ver).

Já na tradução para a LA, o tradutor trabalha com a mesma estrutura da frase na LF:

(3.1) Temporais como depois nunca vi, nem sequer em sonho [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 15).

Porém, o pronome *en* não aparece na frase (3.1), não possui nenhuma forma para identificá-lo. Deste modo, pode, primeiramente, o tradutor não ter se atentado para a importância que a forma *en* adquire neste contexto da frase na LF, ou preferiu aproximar o leitor do texto, trazendo a ideia da aproximação sugerida por Schleiermacher (*apud* BERMAN, 2002, p. 263): “[...] ou ele deixa o leitor o mais possível em repouso e faz o escritor se mover”. Ou seja, considerando os pronomes *en* e *y*, o tradutor leva o leitor a ter contato com a estrutura da LF, mostrando que cada língua tem suas peculiaridades na sua estrutura. Quando ele não os traduz, ele faz pequenos ajustes para a estrutura da LA.

Dando atenção à estrutura da frase traduzida para o português (3.1), devemos perguntar se realmente haveria a necessidade de alguma forma que expressasse a tradução de *en*, uma vez que a mensagem foi passada e os elementos da frase de base foram traduzidos e, inclusive, escritos tentando obedecer à mesma estrutura estabelecida na língua-fonte: O — S — V. O complemento do verbo *ver* foi traduzido: “temporais”.

Como *en* retoma a ideia do complemento do verbo *voir* na frase (3), se traduzido poderia causar pleonasma deste elemento na frase se pensarmos na perspectiva latim, francês assim como português, uma vez que o pronome *en* está representando o que já está sendo expresso no interior da frase. Para o francês fica nítida a necessidade do referido pronome no contexto da frase por uma questão de gramaticalidade: para expressar melhor o conteúdo, embora o pleonasma esteja marcado.

Desta maneira, o elo mantido entre a forma *en* e o complemento a que ele representa, ou seja, sua referência, está bem inserido dentro da frase: a ideia de que *en* retoma da palavra “temporais” que expressa como significação um dos fenômenos da natureza

Podemos, então, ilustrar com outros exemplos a ideia de facultatividade de *en* e *y* na tradução para o português do Brasil, onde se encontram os complementos verbais antepostos aos verbos a que eles se referem: O — S — V.

É importante ainda esclarecer que se trata de uma estrutura frasal prevalecida e cada vez mais presente tanto na prosa quanto na poesia. (WILMET, 2003, p. 582):

(4) Des musées, tu pourras toujours *en* voir, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 18).

(4.1) Museus você sempre vai poder ver, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 16).

(5) Un accident ! Les avions aussi, il *en* tombe tous les jours ! [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 82).

(5.1) Um acidente! Com os aviões também, todos os dias *cai algum*. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 94).

(6) Mais il ne pouvait pas être question d’espionnage, et il s’excusait tout de suite : ‘Oublie tout ça, même si tu *en* entends parler, oublie-le. Ce sont des bêtises, tu n’as pas à t’*en* mêler’. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 110).

(6.1) Mas, por não querer bancar o espião, logo em seguida ele se desculpava: ‘Ah, esqueça isso. Mesmo se ouvir falar a respeito, é melhor esquecer. São bobagens, você não tem que se meter’. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 123).

(7) Justine digne et droite, chapeauté, gantée, pour mieux *en* remonter aux boches. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 149).

(7.1) Justine aprumada e digna, enchapeada, enluvada, para melhor *se impor* aos boches. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 171).

- (8) Une voie nouvelle ! Vous y croyez, vous ? [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 75).
- (8.1) Uma via nova! E o senhor acredita *nisso*? [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 86).
- (9) La pièce avait un plafond bas, il faisait gris, ça sentait la pisse de chat et la misère. Justement, il y *en* avait, des chats. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 162).
- (9.1) O quarto tinha teto baixo, estava escuro, o cheiro era de pobreza e de urina de gato. *Gatos*, de fato, havia ali *em profusão* [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 187).

Inicialmente, podemos perceber na frase (5.1) que *en* aparece com outra forma (“cai algum”) que se remete ao sentido denotativo do complemento, acompanhado de um indefinido “algum” (que não é expresso no texto em francês), e que ainda representa o signo “les avions” (5). Além disso, o complemento – o signo “les avions” – aparece antes do verbo na estrutura da frase.

No período (6), encontramos *en* em dois momentos com sua referência em “ça” na sua primeira aparição que, por sua vez, se remete ao signo “espionnage”. Na segunda aparição, o referido pronome está complementando o sentido do verbo “mêler”, também tendo como referente o signo “espionnage”.

Porém, no texto da língua-alvo o tradutor não permitiu que ele aparecesse em nenhum dos dois momentos citados. Percebemos que o verbo “falar” (6.1) foi conduzido em consonância da locução preposicional “a respeito de”, sem haver um complemento para tal verbo.

Ser facultativo fica mais expresso na ideia gramatical que se tem quando utiliza o verbo em um determinado contexto.

Ligado semanticamente ao pronome neutro *isso*, *en* representa uma ideia que é expressa em um contexto frasal mais que uma palavra.

Já na frase (7), *en* é representativo de um sintagma nominal que está também separado por vírgula e que não é traduzido em (7.1).

Neste caso, não há indício substancial da retomada do pronome *en* no contexto da língua-alvo, já que, possivelmente, o tradutor preferiu utilizar o verbo “impor-se” que, de certa maneira, não traz necessidade de pedir um complemento.

4.1.2 Casos de Uso do Traço Estilístico como A Vírgula

Neste momento, vamos expor o papel da vírgula como um traço estilístico que favorece a omissão do pronome *en* na tradução, conferida nos exemplos anteriormente citados.

No exemplo (4), o complemento verbal “des musées” está anteposto ao verbo “voir” (ver), sendo assim separado por vírgula. Por isso, pressupõe gramaticalmente a necessidade do emprego do pronome *en*. Já na tradução (4.1), a estrutura frasal é obedecida, inclusive, com a anteposição do complemento do verbo “ver”. Porém, não identificamos um termo para a tradução de *en*, já que o sentido da frase está completo e que não exige a sua presença.

Verificamos também que no período (6), há outra ocorrência de *en*, marcando uma relação breve com a palavra “bêtises”, uma vez que, como vimos anteriormente, a referência para a segunda ocorrência de *en* é a palavra “espionnage”. Entretanto, temos o seu substituto imediato de caráter de opinião sobre tal signo “espionnage”.

Esta palavra está anteposta ao verbo e separada por vírgula, sinal de pontuação que poderia ser substituído pelo elemento “que”. Provavelmente o autor o quis assim para marcar uma pausa no elemento textual que estaria em evidência e que o tradutor preferiu manter a mesma estrutura. Conforme Rioul et al. (2011, p. 725), esta estrutura introduzida pelo elemento “que” é denominada de “phrase clivée”, isto é, uma estrutura frasal que serve para pôr em evidência determinado componente do período. Por estar em evidência, esta estrutura está no início do período.

Observando esta estrutura linguística, percebemos de que se trata de um caso anafórico (KOCH, 1999, p. 20) e, ainda, podemos identificar que a vírgula está sendo usada para separar uma frase que contém uma estrutura que tem por finalidade o destacamento, ou seja, pôr em evidência determinado elemento constitutivo da frase.

Por sua vez, apresentamos um corte no exemplo (6), onde se insere tal estrutura:

[...] Ce sont des bêtises, tu n’as pas à t’*en* mêler (LE CLÉZIO, 2008, p. 110).

O tradutor tentou obedecer a mesma ordem, enfocando também a estrutura de “phrase clivée”:

[...] São bobagens, você não tem que se meter [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 123).

Segundo Rioul et al. (2011, p. 148), “la virgule marque une faible pause. Sa valeur légère est contrebalancée par la complexité de son utilisation en français, en grande partie déterminée par de raison stylistiques”⁹. E ainda, “elle permet d’isoler des groupes fonctionnels. [...] Groupes qui sont détachés du reste de la phrase, dans une position syntatique plus ou moins inhabituelle”¹⁰ (RIOUL et al., 2011, p. 149-150), assim como complementos verbais postos no início da frase.

Neste caso, na tradução *en* não aparece nitidamente, pois representa uma palavra que já aparece no texto da LA. De fato, está explícito o complemento do verbo “meter-se” (6.1), posicionado no início da frase.

Não podemos deixar de citar que na frase (5), o complemento anteposto ao verbo também está separado por vírgula. E que se não houvesse vírgula, possivelmente não haveria a necessidade do uso do pronome *en*. Consequentemente, expomos mais um motivo que tornaria possível a não tradução deste pronome na frase. Porém, em (5.1), o tradutor propôs uma indicação que pode apresentar ligação como tradução do pronome *en*, ou seja, “algum”.

No exemplo (8), o complemento está separado por um ponto de exclamação, sendo retomado por *y* anteposto ao verbo *croire* (acreditar).

Embora o tradutor tenha retomado a ideia com a expressão “nisso”, podemos dizer que o ponto de exclamação não impede que se traduza o *y* sem causar sua omissão ou mesmo o estranhamento, devido ao recurso estilístico de redundância que o pleonasma apresenta (8.1).

Relevamos outro caso com o uso da vírgula que está presente na frase (9). Entretanto, a vírgula como se pode perceber, separa o complemento após o verbo, uma vez que *en* está evidente na frase retomando a palavra *chat*. Este mesmo complemento (*des chats*) está posposto ao verbo *il y a*, retomado pelo complemento do objeto *en*. Para ser mais exato, a frase *il y en a* (9) se encontra entre vírgulas.

⁹ - “A vírgula marca uma fraca pausa. Seu leve valor é contrabalanceado pela complexidade de sua utilização em francês em grande parte determinada por razões estilísticas” (Minha tradução).

¹⁰ - “Ela permite isolar grupos funcionais. [...] Grupos que são destacados do resto da frase, em uma posição sintática mais ou menos inabitual” (Minha tradução).

Mais uma vez o tradutor não menciona *en* no texto da LA após verbo (9.1), reestrutura a frase, trabalhando o complemento posposto ao verbo (*gatos*), colocando-o antes do verbo, separado pela vírgula e entre vírgula ele põe o advérbio.

Em todo caso, “la liberté du traducteur de se mouvoir à son aise dans le texte LA s’exprimera donc par des divergences de forme, de longueur du texte, de disposition graphique ; seuls, le message et ses éléments sémanthiques et stylistiques doivent être respectés”¹¹ (MARTINET, 1968, p. 737)¹².

Mais um caso de uso da vírgula pelo autor que sugere a omissão do pronome *en* no trabalho tradutivo para a LA. E por assim dizer, entendemos que esta estrutura anafórica, que se constitui quando o complemento verbal é anteposto ao verbo, favorece também a omissão do pronome *en* na tradução para LA, pois pelo que é demonstrado no texto traduzido se torna mais fácil para o tradutor utilizar tal estratégia com o objetivo de tornar a leitura mais fácil e mais compreensível para o leitor. E também pressupõe evitar a tradução de *en* com as mesmas formas em português: “isso”, “disso” ou “daquilo”.

Verificamos também que a maioria dos casos de anáfora do complemento verbal com a presença da vírgula no texto da LF está relacionada com o pronome *en*, já que o caso do pronome *y* apontado como substituto do complemento que está anteposto ao verbo, não com a presença da vírgula, mas sim do ponto de exclamação, apresenta tradução do *y* em uma forma em português do Brasil que mantém o sentido o mais geral possível, isto é, o pronome “nisso”.

Por outro lado, observamos os casos de omissão do pronome *y* na tradução (10.1) para o português, quando o referente deste pronome estiver presente na frase posposto ao verbo, indicando caso de catáfora, como em (10):

(10) Parlez pour vous ! Moi, je n’y mettrai jamais les pieds, dans vos cigares volants ! [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 84).

¹¹ - “A liberdade do tradutor de se mover a seu dispor no texto LA se expressará, então, por divergências de forma, de tamanho do texto, de disposição gráfica; a mensagem e seus elementos semânticos e estilísticos são os únicos que devem ser respeitados” (Minha tradução).

¹² - É importante esclarecer que o autor do trecho citado utiliza o termo LA como *langue d’arrivée*, que corresponde ao termo usado neste trabalho: língua-alvo (LA).

- (10.1) Viaje o senhor, se quiser! Quanto a mim, jamais porei os pés nesses seus charutos voadores! [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 96).

Percebemos ainda que o complemento adverbial está separado por vírgula ainda a frase esteja na ordem de base.

Ou, ainda, identificamos a omissão da tradução do pronome adverbial *y*, quando houver o complemento adverbial anteposto ao verbo que neste caso não está separado por vírgula:

- (11) Ethel, en sortant de chez elle, avait eu un léger haut-le-coeur à l'idée que dans ce bric-à-brac il pouvait *y* avoir une bague ou des boucles d'oreilles données autrefois par Alexandre, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 167).

É o que ocorre em (11.1) com o pronome adverbial *y*: a sua omissão:

- (11.1) Ao sair da casa dela, Ethel tivera uma leve sensação de repulsa diante da ideia de que naquele bricabreque pudesse haver um anel ou brincos presenteados outrora por Alexandre, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 193).

4.1.3 Casos de Uso dos Complementos Partitivos

Na estrutura da língua francesa, encontramos termos para expressar o partitivo como sendo GN. Os artigos partitivos, assim chamados, são formados da contração do artigo definido (*le, la e les*) com a preposição *de*.

São usados diante de nomes que têm características materiais e os ditos “abstratos”, na forma masculina *du e de l'*, na forma feminina *de la e de l'* e no plural *des* (RIOUL et al., 2011, p. 295).

O pronome *en* está empregado nesta frase para representar uma destas expressões no processo de pronominalização. Assim neste exemplo:

(12) La tranche de pain fondant, nuageux, que j'enforce dans ma bouche et à peine avalée j'*en* demande encore, encore, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 11)

(12.1) A fatia desse pão farelento, que se desmancha, que enfio na boca e do qual, assim que a engulo, peço mais e sempre mais; [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 10).

podemos notar que o pronome *en* aparece em (12) para representar o complemento de sentido material “la tranche de pain”. Porém, o tradutor não faz a tradução de *en*. Fica no texto em português subtendido o complemento do verbo pedir (12.1), mas o sentido da frase fica incompleto.

Conforme a sequência dos exemplos abaixo, podemos notar o mesmo fenômeno:

(13) Il est allé chercher dans sa pharmacie un flacon d'alcool à 90°, il *en* a aspergé le scorpion et a gratté une allumette. [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 40).

(13.1) Foi buscar no seu armário de remédios um vidro de álcool de 90°, derramou um pouco na fêmea de escorpião e riscou um fósforo. [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 34).

(14) [...] du riz, du sucre, de la couenne de porc si dure qu'on aurait pu *en* faire des semelles, de la chicorée, des rations de graisse que les chats lapaient goulûment comme si c'étaient de la crème. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 164).

(14.1) [...] um pouco de arroz ou de açúcar, uns torresmos que de tão duros dariam para fazer solas de sapatos, chicória, rações de gordura que os gatos lambiam gulosamente como se fossem creme. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 190).

(15) L'or s'*en* va quand Blum arrive. [...] De toute façon le Front n'*en* a plus pour longtemps. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 72).

(15.1) Quando Blum aparece, o ouro some. [...] Seja como for, muito tempo é que o front não aguenta [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 83).

Ao olhar para o período (13), vamos encontrar mais uma ocorrência de *en*, expressando quantidade, relacionando-se com o complemento “un flacon d’alcool”. Por sua vez, o verbo “asperger” demanda o complemento direto, representando por *en*.

Conforme o texto do autor não há indício de outra palavra que exprima quantidade e que mantenha uma relação próxima e estabelecida com o pronome *en*. Entretanto, no texto traduzido (13.1), percebemos que o tradutor utiliza de um recurso para deixar registrado sutilmente o referido pronome com uma expressão de quantidade (“um pouco”) para manter a relação estreita com *en*, ainda que aquela expressão citada não esteja descrita no texto da LF. Embora não seja objeto de estudo do presente trabalho, mencionamos somente o fato de que o tradutor especifica o sexo do escorpião, enquanto no texto da LF aparece somente “scorpion”.

Ainda é possível identificar também no período (14.1) a “ausência” de *en* que substitui “du riz, du sucre, de la couenne de porc” em (14). O tradutor não faz menção ao pronome *en* que também está na frase com o sentido de quantidade, utilizando nenhuma palavra para tanto. Mas ele se faz de outro recurso, o pronome relativo “que”, que de certa forma recupera a ideia do complemento “um pouco de arroz ou de açúcar, uns torresmos” citado na frase. Assim sendo, percebemos que o tradutor dispensou o uso de uma forma sígnica que identificasse o pronome *en* na tradução com mais precisão. E mais uma vez, identificamos a anáfora, visto que o complemento está se encontra anteposto ao verbo, que explicita o caso de omissão de *en* na tradução.

Já no período (15), autor recorre ao pronome *en* para representar o complemento “l’or” do verbo “avoir” na segunda parte do período. Neste contexto, podemos considerar que o verbo em si pré-determina o sentido de quantidade que o autor exprime. Em outro ponto do período, temos a expressão “l’or” que representa o sujeito do verbo “s’en aller” na primeira oração da primeira parte do período.

Embora identifiquemos o pronome *en* na estrutura verbal “s’en aller”, não cabe dedicar algumas linhas para análise, pois se trata de um caso de expressões cuja significação vai mais além da análise de cada elemento separadamente. Devemos olhar para a expressão na sua estrutura mais extensa e não somente para o pronome *en* como destaque.

No texto traduzido (15.1), o tradutor trabalha com a primeira parte do período, expressando cada palavra, conforme apresentado no texto em francês. Porém, na segunda

parte do período, ele altera a estrutura de frase e não faz menção ao pronome *en*, uma vez que constatamos o aparecimento do verbo “aguentar” como tradução e sem seu complemento. Ele não traduz o verbo “avoir” como seria em português – verbo “ter”. Ele recorre a outro signo para expressar o sentido que a frase tem no texto da LF, estabelecendo uma linha bem tênue que realça a tradução, aproximando o texto do leitor.

Além disso, ele não determina nenhuma palavra que possa fazer valer o sentido do complemento nesta parte do período, nem de nenhum signo para determinar uma certa quantidade que recupere o pronome *en*, já que é possível a ligação entre *en* que substitui um complemento verbal e expressão de quantidade.

E ainda, fazendo somente um adendo ao trabalho tradutivo, o profissional não traduziu a palavra “Front”, que aparece na tradução com letra minúscula. Um termo que tem como referente um movimento popular no governo de L. Blum no ano de 1936.

Mais uma vez, deparamos com o pronome *en*, sendo um caso de partitivo, mantendo uma relação com uma expressão de quantidade:

(16) Il y a ici des sauvages qui les attrapent pour les vendre à la vivisection.
On m’*en* a déjà tué deux, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 162).

(16.1) Por aqui há uns selvagens que os pegam para vendê-los para vivissecção. Já mataram dois, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 188).

Quando se trata da tradução (16.1), o tradutor buscou salientar a quantidade expressa na frase da LF “deux” (dois), porém, não estabeleceu tradução para o pronome *en*.

Que em muitos casos tal pronome poderia ser representado por “deles” sem perda de “sentido” para o complemento do verbo “tuer” (matar), aproximando uma significativa relação com *en* do francês; porém sabemos que “la transmission originale du message perd toujours quelque chose en traduction”¹³ (MARTINET, 1968, p. 730).

O tradutor poderia também expressar o referente do pronome *en* de outra maneira, já que sabemos que este pronome se refere à palavra “selvagens”. Para este apontamento, há estruturas significativas como sinônimo para esta referência que poderiam ser uma saída para evitar que *en* não fosse traduzido.

¹³ - “A transmissão original da mensagem perde sempre qualquer coisa na tradução”. (Minha tradução).

Observamos que o pronome *en* como indicador de artigo partitivo na língua francesa não é contemplado pela tradução em nenhum dos exemplos analisados.

Ao ir mais longe, percebemos que se torna difícil traduzir *en* quando está na categoria de artigo partitivo, seja classificado como COD ou COI, porque este caso não apresenta uma similaridade na estrutura linguística com a LM. Salvo os casos em que encontramos expressões que denotam quantidade, pois há registro da tradução em português destas indicações, facilitando a compreensão da mensagem pelo leitor. Como se trata de partitivo, aqui não inclui o pronome *y*.

Pressupomos também que a classificação de complemento verbal direto ou indireto para o pronome *en*, quando for partitivo não é o elemento importante que influencia na omissão deste referido pronome na tradução para o português.

4.1.4 Casos de Uso do Complemento do Objeto Indireto (COI)

Outro caso importante relacionado aos pronomes *en* e *y* é dos verbos transitivos indiretos nos quais temos a ideia de que o verbo pede um complemento indireto, ou seja, o verbo neste caso é regido de uma preposição, o que faz mostrar a diferença entre um objeto direto e indireto.

Embora tenhamos as preposições *à* e *de* para introduzir o COI (*Complément d'Objet Indirect*), ainda é possível encontrar outras com o mesmo papel. (WILMET, 2003, p. 528). Este complemento é denominado por Wilmet (2003, p. 528) como *objet second* (segundo objeto), estabelecendo uma sequência traçada por Rioul et al. (2011, p. 405): V — N₁ — Prép — N₂, sequência esta pertencente ao GV (Grupo Verbal).

Neste caso, identificamos uma estrutura com dupla pronominalização que pode ser encontrada comumente na estrutura da língua francesa.

Isto quer dizer que a frase contém um verbo que demanda dois objetos, sendo um objeto direto e outro objeto segundo como, por exemplo, o verbo “parler” (RIOUL et al., 2011, p. 408) no exemplo a seguir:

(17) Bien entendu, il ne nous *en* parlait jamais. (LE CLÉZIO, 2004, p. 107).

(17.1) Claro está que ele nunca nos falou a respeito *disso*. (LE CLÉZIO, 2007, p. 107).

O exemplo anterior (17) traz o verbo “parler” com os dois objetos com os quais mantém relação que completa o seu sentido. Podemos observar, neste caso, COD e COI, respectivamente, que se fazem presente pela dupla pronominalização: *en* e *nous*.

Quanto à ordem dos complementos na frase, obedecemos à ordem normal “[cod + coi], [...]” (RIOUL et al., 2011, p. 406). Entretanto, quando se trata de caso de pronomes complementos, esta ordem é modificada, conforme a tabela a seguir (RIOUL et al., 2011, p. 372):

Tabela 3 – Lugar dos pronomes complementos em uma frase no francês

I	II	III	IV	V	VI
<i>je</i>					
<i>tu</i>					
<i>il</i>	<i>me</i>				
<i>elle</i>	<i>te</i>	<i>le</i>	<i>lui</i>		
<i>on</i>	<i>se</i>	<i>la</i>	<i>leur</i>	<i>y</i>	<i>en</i>
<i>nous</i>	<i>nous</i>	<i>les</i>			
<i>vous</i>	<i>vous</i>				
<i>ils</i>					
<i>elles</i>					

Fonte: RIOUL et al. (2011)

Consideramos, então, que cada coluna desta tabela (3) estabelece a posição marcada que cada pronome deve ocupar antes do verbo em uma frase de base canônica. Especificamos que a primeira coluna se refere aos pronomes do caso reto, representativos sintáticos de sujeito (RIOUL et al., 2011, p. 373), equivalente aos do português *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles* e *elas*. Sendo o *on* também a tradução de *a gente*; *você* e *vocês* a tradução correspondente para *tu* e *vous* no português contemporâneo.

Retomando o enfoque para os pronomes *en* e *y*, podemos notar pela estrutura da língua francesa que é possível a combinação de tais pronomes com outros de outras colunas, quando se tratar de casos de dupla pronominalização em francês (RIOUL et al., 2011, p. 373). Entretanto, é somente permitida a dupla pronominalização com *en* e *y* em uma mesma frase,

quando estiverem inseridas na estrutura “il y a” (RIOUL et al., 2011, p. 373) que na LM temos o verbo “haver” conjugado “há”.

No período em português (17.1), o tradutor conseguiu desenvolver um trabalho de maneira que passa essa mesma relação do verbo “falar” com os complementos. O pronome *en* está representado pela forma na LM “disso” que mantém uma tradução de “de cela” da LE e mantém também uma equivalência presumida.

A mesma ideia de forma de HJELMSLEV (1975) aparece aqui, quando temos o signo “disso” como representante de um referente. Ele possui uma forma, possui expressão mais não possui substância. A sua substância é estabelecida através do seu referente.

E ainda, podemos perceber a estratégia correspondência formal, pois *en* é um pronome e sua tradução “disso” também é um pronome, ou seja, tais formas pertencem à mesma categoria linguística.

Entretanto, notamos que essa tradução se repete, pois o tradutor não representa na frase traduzida em (18.1) a relação entre o verbo e os complementos que completam essa relação, expressando uma forma para ambos os pronomes. Ao contrário, ele não traduz, neste caso, o pronome *en* e expressa somente o COI “te” contido em (18).

(18) Je ne t'*en* ai pas parlé, tu sais à quel point ton grand-oncle t'aimait, tu étais pour lui comme sa petite-fille, il avait toujours souhaité te laisser une grande partie de son patrimoine, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 66).

(18.1) Não lhe falei, mas você sabe como o seu tio-avô gostava de você, sabe que para ele você era como uma neta. Ele sempre quis lhe deixar boa parte do seu patrimônio, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 74).

Para o tradutor, o pronome “te” em (18) se traduz para “lhe” em (18.1), talvez pelo pouco uso dos pronomes pessoais “tu” e “vós” pela maioria dos falantes do português contemporâneo e o uso mais acentuado do pronome “você” (AZEREDO, 2008, p. 175).

Embora seja o mesmo caso de dupla pronominalização como em (17) e (17.1), o tradutor preferiu não intervir na tradução do pronome *en*, omitindo-o do texto traduzido. Ou ele preferiu assim, pois percebeu que ficaria repetitivo o uso de “disso” para os casos de dupla pronominalização, o que não tornaria a tradução um texto bem escrito. Além disso, o pronome *en* retoma seu referente que está posposto à frase onde ele se encontra. Quer dizer que a

omissão não é marcada necessariamente pela questão da dupla pronominalização, mas pelo fato de que o signo referente do pronome *en* está contido no período.

Em mais um exemplo, podemos notar este mesmo caso, no caso de se tratar do verbo “parler” (falar) (19), deixando o verbo sem o complemento que pudesse representar no português (19.1) o pronome *en* em francês. Embora ele pudesse utilizar do mesmo recurso do exemplo (17.1), quando representou *en* pela tradução “disso”.

Por outro lado, este recurso caberia em todos os casos de tradução do pronome *en* e, além disso, permitiria tornar o texto mais simples sem sua clássica desempenho literário, condicionando-o assim para uma estilística de pouco valor literário se comparado ao texto da LF:

(19) Mais si, je suis au courant, bien sûr, papa m’*en* a parlé quand j’ai signé le pouvoir, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 95).

(19.1) Quer dizer, estou a par, sim é claro. Papai me falou quando assinei a procuração, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 107).

Ainda nesta análise, observando como se comporta o pronome *en*, quando relacionado em uma estrutura de dupla pronominalização, temos o verbo “laisser” em (18) que demanda dois complementos exemplificados por “lui” e “en”.

Por sua vez, o tradutor preferiu adotar a postura de traduzir somente um deles que fosse mais conveniente para o português (20.1). Neste caso, ele preferiu corresponder em seu texto o dativo “lui” para o português “lhe”, evidenciando a ausência do pronome *en* no contexto da tradução. Mesmo que a tradução de *en* fosse importante para complementar a ideia da frase, esse sentido fica subtendido, senão oculto para o leitor do português como LM:

(20) Laurent restait silencieux à reprendre son souffle, il allait s’excuser, toujours aussi gauche, presque honteux, mais Ethel ne lui *en* laissait pas le temps. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 131).

(20.1) Laurent ficou em silêncio, recuperando o fôlego, já ia se desculpar, sempre desastrado, quase envergonhado, mas Ethel não lhe deu tempo. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 148).

Assim fica evidente que quando se trata de dupla pronominalização da qual *en* e *y* fazem parte, surge, neste momento, uma atenção dada a um dos pronomes na tradução para o português, seja na literatura clássica e outros textos escritos, seja na oralidade popular ou erudita.

Embora seja importante saber que na língua portuguesa encontramos a mesma estrutura de dupla pronominalização, não se aplica mais esta estratégia no português contemporâneo do Brasil. Por isso, pensamos assim ser uma explicação para a ausência de *en*, quando acompanhado de outro pronome em uma tradução para o português. O que se significa recusar a estranheza do estrangeiro em virtude da possibilidade de compreensão da mensagem pelo leitor de língua portuguesa como LM.

Outro caso interessante de omissão do pronome *en* aparece com o verbo “se souvenir”. Neste caso, o tradutor não especificou *en* em nenhum dos casos em que o verbo “se souvenir” (lembrar-se) aparece e nem determinou alguma forma com uma modificação da frase traduzida para que *en* se manifestasse.

(21) L’entrée dans Obudu, je m’*en* souviens bien : la route sort de l’ombre de la forêt et entre tout droit dans le village, en plein soleil [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 14).

(21.1) Da entrada em Obudu, lembro-me bem: a estrada sai da sombra da floresta e penetra diretamente na aldeia, em pleno sol [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 9).

No período (21), retomamos a questão da presença da vírgula que separa o complemento anteposto ao verbo, e ao mesmo tempo encontramos uma frase apositiva que serve para explicar o pronome *en*.

O pronome *en* não é manifestado pelo tradutor, o verbo “lembrar-se” (21.1) se completa, pois há um complemento que está anteposto ao verbo, também separado por vírgula, lembrando ser estrutura da frase em francês que é mantida pelo tradutor.

Ainda ressaltamos que este complemento – o pronome *en* – está representando semanticamente um objeto concreto “a entrada da cidade”. Porém, se nos concentrarmos na ideia de que o pronome *en* reitera o complemento “l’entrée das Obudu [...]: la route sort de l’ombre de la forêt et entre tout droit dans le village, en plein soleil [...]”, podemos perceber que o pronome *en* não foi traduzido, pois o sentido da frase está pleno.

No período (22), temos *en* como representação de um fenômeno da natureza que não é recuperado pela tradução (22.1). Neste caso, não temos o verbo “se souvenir”, mas o verbo “avoir” formando uma expressão com o substantivo “souvenir”, e que o tradutor expressou tal construção frasal com o verbo “lembrar-se”, desconsiderando uma tradução para o pronome *en* que reiterasse a ideia na frase interrogativa.

(22) Faisait-il chaud vraiment ? Je n'*en* ai aucun souvenir (LE CLÉZIO, 2004, p. 29).

(22.1) Fazia realmente calor? Não, não me lembro mesmo (LE CLÉZIO, 2007, p. 23).

Considerando “des fourmis” como complemento de “se souvenir” representado por *en* (23), poderia o tradutor ter tratado esta forma com um termo que estivesse ligado ao complemento “des fourmis”, de maneira que evidenciasse o pronome *en* na tradução (23.1):

(23) Y avait-il des fourmis avant Ogoja ? Je ne m'*en* souviens pas (LE CLÉZIO, 2004, p. 35).

(23.1) Antes de Ogoja, já havia formigas? Não me lembro. (LE CLÉZIO, 2007, p. 29).

No período (24), o pronome *en* substitui uma impressão dada por um sentimento. Que poderia ser recuperado na tradução até mesmo pela palavra “sentimento” (24.1).

(24) L'affreuse impression, la hantise d'être mangé vivant. Cela dure quelques secondes, des minutes, un temps aussi long qu'un cauchemar. Je ne m'*en* souviens pas, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 37).

(24.1) A terrível impressão, o pavor de ser devorado vivo. Tudo dura alguns segundos, talvez minutos, um tempo tão extenso quanto o de um pesadelo. Não me lembro mais, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 30).

Da mesma maneira que (23), podemos compartilhar da mesma análise para o período (25) que remete *en* para a representação de algo concreto; muito embora o pronome *en* estivesse reiterando a ideia de um complemento posposto ao verbo que se apresenta logo em seguida, separada por vírgula.

(25) C’était un peu avant l’été. Ethel s’*en* souviendra, il faisait une langueur anormale, la ville semblait endormie [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 118).

(25.1) Foi um pouco antes do verão. Ethel haverá de se lembrar, reinava um langor anormal, a cidade parecia adormecida [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 132).

No caso do período (26), *en* retoma a ideia do pronome neutro *cela*, que, por sua vez, representa no discurso um determinado lugar. Neste ponto, o tradutor trabalhou a frase onde se insere *cela* de maneira que esta expressão aparecesse no texto traduzido (26.1). Porém, quando se trata do pronome *en* o tradutor preferiu não expressá-lo, deixando o verbo com o sentido incompleto.

(26) C’est ce qu’ils disaient, ils racontaient tous cet endroit, comme s’ils l’avaient vu. Et moi, sur les quais de Nantucket, j’écoutais *cela* e je m’*en* souvenais moi aussi, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 28).

(26.1) Isso era o que eles diziam todos descreviam este lugar como se o tivessem visto. E eu, no cais de Nantucket, ouvia o que contavam e me lembrava também, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 18).

Mais uma vez em (27) no terceiro período, temos o pronome *en* como complemento do verbo “se souvenir”, mas o tradutor não o expressou na tradução (27.1), o que poderia ter como sugestão o sintagma preposicional “deste fato”, sem alterar também a regência do verbo. E assim, trabalharia com a ideia de um signo que abordasse de uma maneira geral o sentido do referente: “tudo”:

(27) C’est ce qu’ils disaient, ils racontaient tous cet endroit, comme s’ils l’avaient vu. Et moi, sur les quais de Nantucket, j’écoutais *cela* e je m’*en*

souvenais moi aussi, [...] Et maintenant, tout a disparu. Je m'*en* souviens, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 28).

(27.1) Isso era o que eles diziam todos descreviam este lugar como se o tivessem visto. E eu, no cais de Nantucket, ouvia o que contavam e me lembrava também, [...] Agora, tudo desapareceu. Lembro-me, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 18).

Neste outro contexto, a representação acontece de uma lembrança de um momento vivido. Neste caso, retomada pelo pronome *en* na frase (28). E mais uma vez, o tradutor não marca tal pronome na tradução em (28.1), deixando, inclusive, a regência do verbo incompleta (faltando assim a preposição *de*), fenômeno que acontece em todos os casos explicitados do verbo “lembrar-se” com o pronome *en*.

(28) Nous avons abordé sur la plage et nous avons couru à travers les dunes jusqu'à ce que nous soyons face à la pleine mer. C'était la fin de l'après-midi, au mois de juin, je m'*en* souviens très bien, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 31).

(28.1) Atracamos na praia e corremos pelas dunas até diante do mar aberto. Era um fim de tarde, no mês de junho, e eu me lembro muito bem , [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 20).

Ao buscar a representação de *en* neste período (29), podemos dizer que se trata de uma representação de um fato ligado a algo concreto (“la tombe”). Mais uma vez, o tradutor não recupera esta ideia:

(29) La tombe était si étroite que les bras restaient accrochés aux cailloux, je m'*en* souviens, [...] (LECLÉZIO, 1992, p. 86).

(29.1) Uma cova tão estreita que os braços ficaram agarrados nos seixos, eu me lembro, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 47).

No trecho abaixo (30), temos duas ocorrências do pronome *en* complementando o sentido do adjetivo “sûre” e de “envie”. Na primeira ocorrência, podemos perceber a função de complemento nominal desse adjetivo. Já na segunda ocorrência, temos *en* como complemento verbal indireto, pois, neste caso, registramos a expressão verbal cristalizada “avoir envie de”:

(30) Le mariage avec Daniel n'avait pas eu lieu. Elle *en* était sûre. La famille du futur hésitait. Leur fils était un prix précieux qu'il fallait mériter. Et lui *en* avait-il envie ? [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 119).

Na tradução (30.1), podemos perceber que o tradutor busca a mesma estrutura do francês para o português, porém, ele omite o pronome *en*, tendo em vista que para o português a frase onde se insere o referido pronome possui sentido completo, mantendo implícito o complemento de “certeza”. Quanto ao complemento verbal ele também o omite, deixando a sensação de faltar um complemento e ao mesmo tempo, para o leitor ele já está expresso no contexto do período:

(30.1) O casamento com Daniel não se concretizara. Ela tinha certeza. A família do futuro hesitava. O filho do casal era um trunfo precioso que era preciso merecer. E teria ele vontade? [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 133).

Observamos que o pronome *en* classificado de complemento verbal indireto ou indireto presente em uma estrutura de dupla pronominalização não é traduzido para o português. O tradutor preferiu conter este pronome no texto da LA, preservando somente a tradução do outro pronome que faz parte também da estrutura frasal. Ou quando é traduzido, torna-se mais fácil para o tradutor usar a forma em português “disso”. Embora não tenha feito parte desta análise, já que estamos tratando de casos de omissão, restringimos dizer que temos no *corpus* exemplos com o pronome *y* como complemento indireto traduzido para “nisso”.

Observamos também que nestes exemplos explicitados e analisados com o verbo “lembrar-se” todos ligados ao pronome *en* como COI deste verbo, o tradutor não evidencia a sua tradução no texto em português.

Pressupomos que esta relação de omissão entre o pronome adverbial *en* e o verbo “se souvenir” (lembrar-se) se realiza por se tratar de contatos que para leitor estão bem definidos:

o complemento se realiza internamente no nível do pensamento, não há necessidade de expressão para ser evidenciado. Quando deixamos de focar o nível linguístico e passamos para o nível não-linguístico, onde se situa o pensamento, percebemos que o leitor da LA detém, sem problema de estranhamento, a mensagem proposta que se torna clara para ele. Assim sendo, não há necessidade de tradução de *en*, que não se mostra essencial como nos casos em que são empregados na LE.

Além disso, podemos perceber que não é por conta da não exigência do verbo em si, mas por uma questão de estilística do tradutor, considerando um fator social que envolve o discurso, tornando-o mais próximo do discurso coloquial na LM e, conseqüentemente, mais próximo do leitor.

De certa maneira, entendemos que pode ser por influência da própria estrutura do verbo em francês que, para Tesnière (*apud* WILMET, 2002, p. 531), o verbo “se souvenir” faz parte de um grupo de verbos cujos complementos são considerados de ‘circonstant’, ou por ser construídos pela preposição *de* ou por ser construídos no genitivo (como, por exemplo, em latim).

Tratados como ‘circonstant’, estes complementos não, necessariamente, causam a dependência dos actantes a fim de estreitar a relação com o complemento para completar o sentido do verbo.

Como um recurso gramatical da língua francesa, os pronomes adverbiais *en* e *y* têm a função sintática de complementos pronominais. Quando empregados em uma frase por um falante desta LE, se constituem antes no nível do pensamento com a ideia de utilização por uma questão da norma gramatical, já que eles se realizam na estrutura linguística, obedecendo aos casos propostos. Os referidos pronomes possuem uma forma cada um, mas sem sentido – a substância de conteúdo denominado por HJELMSLEV (1975).

Por outro lado, percebemos que na tradução para o português do Brasil, tais pronomes adverbiais são omitidos, pois no nível do pensamento o que se revela presente é o conteúdo dos seus referentes. Na estrutura linguística do português, verificamos que o tradutor omitiu tais pronomes, pois o sentido do referente, ou seja, o complemento verbal com o qual eles mantêm uma relação está explícito na frase, não havendo a necessidade de reforçá-lo.

4.2 Casos de Uso da Correspondência Formal e Casos de Uso do Complemento Adverbial

O complemento adverbial (CA) integra a estrutura de SPrep (sintagma preposicional) cuja preposição especifica o tipo de relação que a une ao resto da frase (RIOUL et al., 2011, p. 262). Além disso, é uma estrutura que pode ser eliminada (sendo assim facultativa), e é uma estrutura que pode se locomover no interior da frase (RIOUL et al., 2011, p. 260):

$$CA - S - CA - V - C - CA,$$

onde S representa o sujeito; V, o verbo; e C, o complemento verbal.

Instituída como uma função sintática, este complemento representa os advérbios conforme seu sentido na estrutura da língua. Conforme Goosse (*apud* WILMET, 2003, p. 532), “os circunstanciais representam oito tipos: tempo, lugar, modo, medida, oposição, finalidade, causa e condição”.

Para esta pesquisa, temos a necessidade de restringir a dimensão deste domínio para o referido complemento que está intimamente ligado com os pronomes *en* e *y*. De acordo com os dados apresentados (no II Anexo), podemos encontrar *en* e *y* representando os complementos adverbiais de lugar.

A partir de alguns exemplos retirados do *corpus*, podemos ter uma dimensão mais precisa desta classificação sintática para os referidos pronomes:

(31) Mon père est arrivé en Afrique en 1928, après deux années passées en Guyane anglaise, comme médecin itinérant sur les fleuves. Il *en* est reparti au début des années cinquante, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 45).

(31.1) Meu pai chegou à África em 1928, após dois anos passados na Guiana Inglesa como médico itinerante nos rios. Saiu *de lá* na década de 1950, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 39).

(32) Puis nous avons frappé à coups de bâton les murs, les hautes tours, pour voir s'étrouler la terre poudreuse, mettre au jour les galeries, les bêtes aveugles qui y vivaient (LE CLÉZIO, 2004, p. 31).

(32.1) A pauladas, atacamos depois as torres altas, para ver a terra esfarinhada ruir, para expor à luz as galerias e os bichos cegos que viviam *lá* dentro (LE CLÉZIO, 2007, p. 25).

Nestes exemplos, temos *en* e *y* na função sintática de complementos adverbiais de lugar: sendo *en* representando a expressão “en Afrique” (31) e anteposto ao verbo “repartir”; sendo *y* o pronome que representa “Abakaliki” (32) e ainda anteposta ao verbo “vivre”. A regência destes verbos é indicada, respectivamente, pelas preposições *de* e *à*. Trata-se de verbos intransitivos, ou seja, quando não são transitivos e não demandam complementos (WILMET, 2003, p. 521).

O tradutor marcou tanto um pronome quanto o outro com expressões que permitissem manter no texto traduzido a mesma estrutura linguística do texto da LF. O pronome *en* foi representado por “de lá” (31.1) e *y*, por “lá” (32.1).

Na busca de uma tradução para os referidos pronomes, quando se tratar de complementos adverbiais, podemos observar que não há uma palavra no português do Brasil que evoque a mesma combinação sígnica dos pronomes adverbiais *en* e *y* e com a mesma função no processo de pronominalização.

Neste caso, retomamos a ideia de uma relação com signos que possam expressar um sentido semelhante. Quando pensamos nesta semelhança, de característica semântica, percebemos a existência de uma breve equivalência, ainda que seja presumida, já que “aqui a mensagem é tomada no seu sentido global; não se traduz unidade, mas sim o conjunto de suas unidades” (MARTINET, 1968, p. 746).

Por outro lado, deixamos de trabalhar com a terminologia “equivalência” e preferimos empregar a terminologia “correspondência formal” (CATFORD, 1980, p. 35) como estratégia para esta pesquisa, tendo em vista que esta terminologia se aplica para os casos encontrados, já que baseado no seu conceito desenvolvido, as duas línguas operam a mesma categoria para os pronomes adverbiais *en* e *y* e a tradução proposta no texto da LA: ambas são consideradas advérbios.

Assim sendo, *en* mantém uma relação com “de là” e *y* com “lá-bas” ou “là” para que chegasse ao português com a mesma semelhança sígnica: “de lá” e “lá”. Houve, então, a

necessidade de um signo que intermediasse essa relação entre as formas *en* e *y* da LE e as representações na LM.

Ressalvamos ainda que o termo “forma”, empregado em alguns trechos refere-se ao ideal defendido por HJELMSLEV (1975) como uma formação *sígnica* que possui forma e substância. E, ainda, este termo mantém relação com as traduções propostas para o pronome adverbial *y* e *que*, posteriormente, foram classificadas gramaticalmente como complementos adverbiais.

Em (33), *y* representa o complemento adverbial de lugar “Afrique équatoriale”, que foi traduzido pelo tradutor para “ali” em (33.1), obtendo assim outra forma *sígnica* para *y* no português do Brasil.

(33) [...] pour vivre en Afrique équatoriale, au bord d’une rivière boueuse, encerclés par la forêt. [...] Peut-être que nous avons pensé, comme tous les enfants, que nous allions *y* mourir (LE CLÉZIO, 2004, p. 35).

(33.1) [...] para viver na África equatorial, circunscritos pela floresta, à beira de um rio lamacento. [...] Talvez tenhamos pensado, como todas as crianças, que iríamos morrer *ali* (LE CLÉZIO, 2007, p. 29).

Já em (34) o pronome adverbial *y* reitera o complemento adverbial de lugar “dans un réduit”, introduzido pela preposição “dans”. Embora seja mais comum na língua francesa que tal complemento seja introduzido pelas preposições *de* e *à*, “sob a forma de advérbios e de grupos nominais geralmente introduzidos por preposições ou locuções preposicionais” (RIOUL et al., 2011, p. 264).

Em (34.1) o tradutor apresenta outra tradução para *y*: a palavra “aí” para representar o termo traduzido “num reduto”.

(34) [...] et cette sorte de distance ennuyée propre aux gros fumeurs l’isolaient dans un réduit où il s’enfermait à clef pour, justement, *y* fumer en paix son caporal [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 52).

(34.1) [...] e essa espécie de distanciamento entediado típico dos grandes fumantes o isolavam num reduto onde ele se fechava a chave,

justamente para *ai* pitar seu mata-rato [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 45).

No período (35.1), o pronome *y*, citado em (35) para representar os lugares conhecidos, foi traduzido pela expressão “por lá”, direcionando para mais um caso de representação do referido pronome em francês cuja estrutura em português não causa estranheza ou dificuldade de compreensão para o leitor.

(35) [...] jusqu’à la fin de sa vie il aura gardé la marque et la trace de ces collines, de ces forêts et de ces herbages, et des gens qu’il y a connus [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 82).

Ao contrário, soma, assim, mais uma forma que mantém o sentido espacial, reiterando os lugares citados no período. Assim, vivenciamos mais uma vez os dizeres de Schleiermacher (*apud* BERMAN, 2002, p. 263), quando “o tradutor obriga o autor a se despojar de sua estranheza para se tornar familiar ao leitor”. O tradutor se preocupou com a estrutura do texto da LF, reiterando o pronome *y* no texto da LA, de maneira que o leitor tivesse conhecimento da presença do advérbio de lugar, relacionado ao referente expresso na mesma frase, tornando a leitura mais compreensível.

(35.1) [...] até o fim de seus dias há de ter conservado as marcas, vestígios daqueles morros, das florestas, dos matagais e pessoas que *por lá* conheceu [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 76).

Observamos o exemplo (36) e percebemos que o tradutor não traduziu o pronome *y* que aparece no terceiro período que se refere à cidade de Banso.

(36) Je me souviens comme si je l’avais connu de l’assistant de mon père à Banso, le vieux Ahidjo, [...] Il n’était pas payé pour le travail qu’il faisait. Sans doute y gagnait-il du prestige, du crédit: [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 93).

(36.1) Lembro-me, como se o tivesse conhecido, do ajudante de meu pai em Banso, o velho Ahidjo, [...] Pelo trabalho que fazia, não era

pago. Ganhava, sem dúvida, prestígio e crédito: [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 90).

No período (37), o pronome *y* representa o complemento adverbial “l’atelier de la rue Geoffroy-Marie” que está complementando o verbo “penser” na primeira parte do período. O tradutor mantém a mesma estrutura frasal do texto da LF, bem como traduz o pronome *y* pela forma “lá” (37.1). Mais uma vez, podemos identificar a correspondência formal entre o pronome *y* e “lá” como sendo a tradução proposta para este contexto.

(37) Ethel avait bien pensé à l’atelier de la rue Geoffroy-Marie, mais elle n’avait pas eu le courage d’y retourner. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 121).

(37.1) Ethel bem que pensara no ateliê de costura da Rue Geoffroy-Marie, mas não tivera coragem voltar lá. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 135-136).

Conforme apresentado no contexto do trecho (38), temos o pronome *y* substituindo um fato ligado à infância de Ethel. E o tradutor exprime o referido pronome no trecho traduzido (38.1) com a forma de advérbio “ali”, que marca, inclusive, a distância temporal entre o presente e o passado.

(38) Ehtel les regardait attentivement, elle cherchait à les rattacher au passé, au temps de son enfance. Mais l’esprit n’y était plus [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 195).

(38.1) Ethel olhava-as atentamente, procurando ligá-las ao passado, à época de sua infância. Mas o espírito já não estava presente ali [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 226).

No exemplo seguinte (39), o pronome *y* aparece duas vezes substituindo “chacun de ces lieux” que está se referindo no contexto da narrativa a vários nomes de lugares. Na tradução (39.1), o pronome *y* é retomado pela forma ‘ali’ na primeira aparição e “lá” na

segunda aparição, demonstrando a ideia marcada pela distância dos lugares e como cada acontecimento ligado a estes lugares são reforçados a lembrar.

(39) Il faudrait aller partout, connaître chacun de ces lieux, comprendre comment la vie y a repris, les arbres qu'on y a plantés, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 203).

(39.1) Seria preciso ir por toda parte, conhecer cada um desses lugares, entender como a vida foi *ali* retomada, as árvores que *lá* se plantaram. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 237).

Nesta frase em (40), o pronome *y* está retomando o seu referente, considerando tratar-se de “dans l’endroit” e “dans le secret de la terre”. Na tradução proposta (40.1), temos outra forma para o pronome *y*: o termo “nele”:

(40) Elles (les baleines) venaient au monde dans l’endroit où la vie avait commencé, dans le secret de la terre. Sans cesse recommencé, et il ne devait pas y avoir de fin [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 92).

Ainda que o tradutor tenha adquirido outra forma para expressar a tradução de *y*, podemos perceber que se trata também de um caso de correspondência formal, pois esse termo faz parte da mesma categoria que o referido pronome, retomando a ideia de lugar, na categoria de advérbio:

(40.1) Vinham ao mundo no lugar onde a vida começou, no segredo da terra. Incessantemente recomeçado, e que *nele* não deveria ter fim. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 54).

Em princípio, podemos constatar as formas que servem de tradução para o pronome adverbial *y*. São formas que “designam um lugar reconhecível pelos interlocutores relativamente ao espaço em que acontece a enunciação” (AZEREDO, 2008, p. 285).

Percebemos também que há uma relação entre os complementos adverbiais apresentados tanto no texto da LF quanto no texto da LA e a estratégia correspondência

formal, pois são termos pertencentes à mesma categoria no francês e no português, classificados de advérbios.

Quando temos o pronome *en* como complemento adverbial, atentamos para o verbo e para sua regência, ou seja, quando ele é regido pela preposição *de*. É o caso do trecho (41), que apresenta o verbo “repartir”, por tratar-se de um verbo intransitivo e que demanda um complemento adverbial de lugar introduzido pela preposição *de*. O pronome adverbial *en* está neste contexto, representando o complemento adverbial “en Afrique”:

(41) Mon père est arrivé en Afrique en 1928, après deux années passées en Guyane anglaise, comme médecin itinérant sur les fleuves. Il *en* est reparti au début des années cinquante, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 45).

No trecho traduzido (41.1), o tradutor empregou “de lá” para marcar o complemento adverbial de lugar que tem como referente “à África”. Este termo marca também a posição conhecida pela interlocutora no discurso, estabelecendo uma distância entre a posição em que ela se encontra e aquela tida como referente para o pronome *en*:

(41.1) Meu pai chegou à África em 1928, após dois anos passados na Guiana Inglesa como médico itinerante nos rios. Saiu *de lá* na década de 1950, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 39).

Vale ressaltar que é possível constatar também a ocorrência da estratégia correspondência formal sobre o pronome adverbial *en* quando empregado como complemento adverbial de lugar.

Pressupomos que há um número acentuado de registro do pronome adverbial *y* classificado como complemento adverbial. Conforme os exemplos propostos, percebemos também que, para a estrutura da língua portuguesa, o pronome adverbial *y* pode ser simplesmente expresso por “lá” (no sentido geral, indicando ao mesmo tempo uma posição qualquer). Desse modo, podemos notar fácil tradução, pois há correspondentes na LA, quando *en* e *y* são classificados como complemento adverbial e ainda, mantém a similaridade de classificação da mesma categoria proposta na língua francesa.

Além disso, podemos observar que no *corpus* há também casos de complemento verbal indireto em que identificamos a correspondência formal:

(42) *En* parlait-il ? [...] D’où me vient cette instinctive répulsion que j’ai ressentie depuis l’enfance pour le système de la Colonie ? (LE CLÉZIO, 2004, p. 69).

(42.1) E ele falava *disso*? De onde me vem essa repulsa instintiva que desde a infância eu senti pelo sistema colonial? [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 64).

O pronome *en* se refere a seres inanimados e que, por exemplo, pode ser traduzido pelas formas “dela”, “disso” (42.1), “daquilo”, “aquilo”, “nisso”, “nele”, conforme a regência do verbo em questão, pressupondo que esta estratégia não se limita somente a uma função sintática ou que ela não seja um parâmetro para comprometer a tradução ou a não existência do referido pronome. O contexto pode permitir que haja correspondência formal, conforme o verbo utilizado no discurso e sua regência.

Entretanto, não encontramos casos de complementos verbais diretos que pudessem estar adequados conforme os princípios desta estratégia.

Notamos que neste caso proposto (43), o pronome *en* representa o referente do signo “les boîtes de métal”, complemento nominal do então sintagma “des navires de guerre”. Porém, em (43.1), o tradutor reorganizou cada elemento de forma diferente, fazendo surgir uma tradução para o pronome *en*, ou seja, o complemento do verbo “transformar”: “las”:

(43) Je mange le Spam américain. Longtemps après, je garde les boîtes de métal ouvertes à la chef, pour *en* faire des navires de guerre [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 12).

(43.1) Eu como o Spam americano. Muito tempo depois, guardo as latas abertas com uma chave para transformá-*las* em navios de guerra [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 10).

Não é um caso considerado comum no *corpus*, pois há registro de quatro casos em que a tradução apresenta esta forma dos pronomes pessoais do caso oblíquo para servir de tradução para os pronomes *en* e *y*. Ressaltamos ainda que a função sintática destes pronomes

no texto da LF é diferente da que foi apresentada no texto traduzido da LA. Mas ainda assim mantêm a correspondência formal por pertencerem à mesma categoria de pronome.

4.3 Casos de Uso da Paráfrase

Consideramos a ideia de que o signo seja arbitrário, sendo possível “na medida em que não existe entre o significante e o significado qualquer relação além de uma pura convenção dos locutores” (GUIRAUD, 1989, p. 27). Além disso, segundo Hjelmslev (1975, p. 82) o signo é a relação de forma e substância, sendo “forma a forma linguística e substância, como sentido”. Neste sentido, podemos perceber que os pronomes *en* e *y* possuem forma, mas não substância, ou seja, não têm significado nem na LF a qual pertence como parte da estrutura linguística, nem adquire nenhum valor linguístico para as demais.

Entretanto, vamos ressaltar que os referidos pronomes estão relacionados com seus referentes, substituindo-os quando são empregados na estrutura linguística do francês. Desse modo, não se traduz necessariamente *en* e *y*, mas o seu referente conforme uma representação da forma na LA.

Por assim dizer, percebemos que o tradutor se serviu da estratégia paráfrase, seja para, em alguns casos, tornarem presentes *en* e *y* no texto traduzido, resguardando o autor, seja para omití-los, reestruturando a frase de maneira que o leitor compreenda o sentido.

Neste sentido, vamos nos ater aos pronomes *en* e *y*, relacionando-os à função sintática de complemento nominal, percebendo a proposta de tradução para cada um deles, bem como identificaremos a estratégia para cada aparição.

Ressaltamos que no *corpus* constam exemplos que podem ser classificados como complementos verbais e que conferem o emprego da paráfrase nas respectivas traduções. Então, pressupomos que a paráfrase é uma estratégia que se torna mais ampla, quando nos atentamos para a estrutura linguística, pois ela pode estar presente não somente nos casos de tradução dos pronomes adverbiais *en* e *y*, quando forem classificados como complementos, mas também quando forem classificados como complementos verbais direto e indireto.

4.3.1 Casos de Uso de Complemento nominal

O complemento nominal (CN) também integra a estrutura de SN, que pode ser constituído de dois nomes N1 e N2 ligados por uma preposição cuja estrutura responde ao esquema: [Determinante – N1 – preposição – N2]. Constatamos que o N2 é o complemento

de N1 (RIOUL et al., 2011, p. 346). Além disso, esta estrutura pode fazer parte também da estrutura do SV.

Toda preposição ou locução preposicional é passível de introduzir um complemento do nome. Devemos observar que a interpretação do complemento nominal depende não somente do sentido próprio da preposição, mas, sobretudo, do conteúdo semântico dos elementos que ela une (RIOUL et al., 2011, p. 347).

Outra questão importante em torno do complemento nominal é o emprego da preposição *de*, considerando que ela pode introduzir o complemento previsto (não necessariamente realizável), pela maioria de nomes relacionais de parentesco ou de *status*; e pode instaurar uma relação de categorização discursiva entre um nome de valor geral classificável e o referente particular designado por outro nome que encabeça o complemento (RIOUL et al., 2011, p. 348). Notamos que há necessidade de verificação sintática para que não se faça confusão com outros complementos que também possam ser introduzidos pela preposição *de*.

Assim sendo, separamos alguns trechos do *corpus* onde se inserem tais pronomes, a fim de analisá-los em consonância da estratégia paráfrase.

No exemplo (44), o pronome *en* representa o sintagma “une anecdote” que se contempla na formação da estrutura do complemento de “la marque”, introduzido pela preposição *de*. Na tradução (44.1), observamos que o pronome *en* é expresso pela forma de adjetivo possessivo “suas”, entendendo ser uma paráfrase, pois “consiste em refazer um texto fonte em função de seu conteúdo” (AZEREDO, 2008, p. 99).

(44) Une anecdote, une simple anecdote. D’où vient que j’*en* garde la marque, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 37).

(44.1) Uma historieta, uma simples historieta. Por que terei conservado então suas marcas, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 31).

Em (45), temos o pronome *en* inserido em uma frase entre parênteses que dá a ideia de um comentário ou uma ponderação. E ainda poderíamos entender que o pronome mantém uma relação com a expressão “encore”. Porém, ele é empregado na frase como representante do complemento nominal “les fameuses cartes” do sintagma “un exemplaire”.

(45) Mon père fait donc imprimer les fameuses cartes (j'*en* ai encore un exemplaire) [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 48).

Na tradução (45.1), o pronome é parafraseado para a forma do pronome relativo “dos quais”, alterando a estrutura frasal, mas que mantém o sentido da referência.

(45.1) Meu pai então manda imprimir esses famosos cartões (um exemplar dos quais ainda tenho comigo) [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 42).

Na frase (46), o pronome adverbial *en* representa o sintagma “une photo” que, unido ao signo “tableau” pela preposição *de*, seria um sintagma com função de complemento nominal.

Em (46.1), o tradutor parafraseou o pronome *en*, modificando a estrutura do texto da LF, porém, mantendo o sentido e tornando o pronome implícito na frase “pôr num quadro”. Para o leitor, torna-se evidente o que será posto em um quadro, não havendo necessidade de explicitar o objeto proposto no exemplo.

(46) [...] il y a une photo qui m'émue particulièrement, parce que c'est celle qu'il a choisi d'agrandir pour *en* faire un tableau. [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 71).

(46.1) [...] há uma que me comove particularmente, porque foi a que ele escolheu para ampliar e pôr num quadro. [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 68).

Na frase (47), o pronome *en* complementa o adjetivo “endurci”, representando o “un archaïsme”. Na tradução (47.1), percebemos a reestruturação frasal de maneira que o referente do pronome *en* tenha seu sentido implícito na frase e ao mesmo tempo desfazendo a estrutura de complemento nominal.

(47) Il y avait un archaïsme dans cette façon, cela ne ressemblait pas à ce que connaissaient mes camarades. J'ai dû *en* ressortir endurci, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 111).

(47.1) Havia, nesse modo de agir, certo arcaísmo, algo que não se assemelhava ao que era conhecido por meus colegas. Devo porém ter ficado calejado, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 111).

Neste trecho (48), encontramos o pronome *en* completando o sentido de um adjetivo, e tendo como referente o signo “pão”. Mais uma vez, o tradutor reestruturou a frase em que se encontra o pronome *en*, tornando o sentido do referente que ele representa implícito:

(48) [...] (le pain) et si ma grand-mère ne le rangeait pas dans son armoire fermée à clef, je pourrais le finir en un instant, jusqu’à *en* être malade. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 11).

(48.1) [...] (o pão) Se minha avó não o guardasse no armário fechado e chave, num instante eu acabaria com tudo, até passar mal. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 10).

Nesta frase proposta (49), temos o pronome *en* complementando o substantivo “regard”:

(49) Elle avait fixé la nouvelle venue, impossible d’*en* détacher son regard, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 30).

Já na tradução (49.1), é proposta uma reestruturação da frase escrita em francês, tornando implícito o pronome *en* que tem como referente o signo “la nouvelle venue”:

(49.1) Fixava a recém-chegada, não conseguia desviar o olhar e, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 31).

Neste exemplo (50) o pronome *en* está envolvido no contexto complementando o sentido do adjetivo “étrange”. Porém, em português (50.1), ao mesmo tempo em que o tradutor modifica a forma da estrutura frasal ele omite tal pronome, pois não provoca estranhamento do sentido da frase com a sua ausência.

(50) Il était revenu régulièrement, mince et élégant, tellement différent des autres jeune gens qu’Ethel croisait dans Paris, tellement étranger qu’il *en* était étrange. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 62).

(50.1) Aparecia regularmente, delicado e elegante, e era muito diferente dos outros jovens com os quais Ethel cruzava em Paris, sendo estrangeiro quanto estranho. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 67).

No trecho seguinte (51), o pronome *en* está inserido em uma frase estabelecendo dupla pronominalização com o pronome *y*, o que vale ressaltar que este é o único caso em que os dois pronomes são combinados. Além disso, encontramos o pronome *en* ligado a um pronome indefinido “quelques-uns” que, por assim dizer, expressa quantidade.

(51) Les hommes restaient un peu à l’écart, sans rien dire. Puis, il y *en* a eu quelques-uns pour creuser une tombe, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 86).

A tradução deste trecho (51.1) não apresenta a tradução do pronome *en*, somente do pronome indefinido “alguns” que expressa quantidade. Além disso, o tradutor reestruturou a forma desta frase mantendo o sentido, modificando a forma para “il y a” (que tem como tradução a forma “há”) e estabelecendo para ela a forma “se dispuseram”.

(51.1) Os homens ficaram mais afastados, sem dizer nada. Depois alguns se dispuseram a cavar uma cova, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 47).

4.3.2 A Paráfrase e Casos de Complementos Verbais

Abaixo, listamos mais exemplos tirados do *corpus* que exprimem a “remissão a outro(s) elemento (s) do universo textual” (KOCH, 1999, p. 30) para a tradução dos pronomes *en* e *y*. Cada caso apresentado contém uma reestruturação frasal proposta pelo tradutor já citada na análise anterior ou mesmo outra alteração da estrutura da forma, mas que visa o sentido expresso no texto da LF.

Percebemos na tradução (52.1) que o tradutor reestrutura a frase, traduzindo o pronome *en* que tem a função de complemento do verbo “ressentir”, como sujeito da frase com a forma “isso”:

(52) De la jalousie simplement. Xénia avait mis ce poison en elle. Elle *en* ressentit du dépit, de la colère envers elle-même. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 37).

(52.1) Simplesmente ciúme. Xénia havia instigado esse veneno nela. E *isso* a fez indignar-se consigo, sentir raiva de si mesma. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 39).

Em (53.1), a frase que consta o pronome *en* foi traduzida, sendo reestruturada para melhor se adequar ao sentido expresso em (53). Observamos que o pronome *en* é o complemento do verbo “remettre”, mas em português é como se dissipasse com o fenômeno da paráfrase:

(53) Tu sais, Ethel, la vie réelle est déjà bien assez difficile comme ça, on n’a pas besoin d’*en* remettre. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 39).

(53.1) Sabe, Ethel, a vida real já é bem difícil em si, melhor *não piorar ainda mais as coisas* [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 41).

(54) Alexandre en arrivant de Maurice avait en effet accompli ses études de droit, mas il n’*en* avait rien fait. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 47).

No trecho (54.1), que representa a tradução de (54), o tradutor utiliza a paráfrase para reestruturar o verbo “avoir” com o complemento *en*, traduzindo tal verbo para o português “servir”, com intuito de manter o sentido do período:

(54.1) Ao chegar da ilha Maurício, Alexandre de fato tinha se formado em direito, *mas o diploma não lhe servira para nada*. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 51).

Neste período (55), o pronome *en* mantém uma relação com o verbo “se sortir” como seu complemento:

(55) La ruine, l’angoisse, du futur, la maladie d’Alexandre, l’incapacité où étaient ces deux femmes de s’*en* sortir. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 120).

A tradução (55.1) nos mostra que houve uma modificação do signo de verbo para substantivo, tornando implícito o pronome *en*:

(55.1) A ruína, a angústia com o futuro, a doença de Alexandre, a incapacidade daquelas duas mulheres de encontrar uma saída. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 134).

(56) Et Chemin ? Et Talon ? Ethel était bien sûre qu’ils s’*en* étaient sortis. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 18).

Com o mesmo intuito de maneira a preservar o sentido da frase (56), o tradutor passa para o português (56.1) a estrutura em que se encontra o pronome *en*, trabalhando com outras formas:

(56.1) E Chemin? E Talon? Ethel esta convencida de que haviam se safado. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 214).

(57) Ils n’*en* ont pas parlé le reste de la journée, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 189).

Neste caso (57.1), o tradutor não omite o pronome *en*, que surge como o signo “assunto”, classificado como complemento do verbo “falar” assim como em francês (verbo “parler”), que engloba de maneira ampla o referente do contexto:

(57.1) Não voltaram a falar *no assunto* nem no restante daquele dia [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 220).

Podemos perceber tal fenômeno também no trecho (58.1), porém o signo “assunto” complementa o verbo “pensar”:

(58) C’est comme un rêve. Quand elle y pense [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 23).

(58.1) É como um sonho. Quando ela pensa *no assunto* [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 22).

No exemplo (59), temos a ocorrência do pronome *y* como complemento adverbial de lugar, substituindo “dans la cour de l’hôpital”:

(59) Les femmes et les enfants n’ont pas leur place dans la cour de l’hôpital, il est interdit d’y allumer du feu pour faire la cuisine. [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 98).

No trecho traduzido (59.1), percebemos que o tradutor buscou trabalhar com a paráfrase, para expressar o pronome *y* em português, através do pronome relativo “onde”:

(59.1) As mulheres e crianças não têm mais seu lugar no pátio do hospital, *onde* é proibido acender fogo para cozinhar. [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 97).

(60) Elle découvrait cette faiblesse, [...] mais elle ne savait pas y résister. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 36).

Neste trecho (60.1), o tradutor passou para o português (“*lhe*”) o pronome *y*, dando o sentido de personificação para a sua referência. E ainda, recorre à reestruturação da frase, ou seja, de “résister” ele traduz para “opor resistência”:

(60.1) Descobria essa fraqueza em si, [...] mas não sabia como *lhe* opor resistência. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 38).

(61) ‘Oui, toutes ces parlotés, ces cancans ! Il devait y avoir les mêmes dans le salon du *Titanic* quand il a coulé’. (LE CLÉZIO, 2008, p. 77).

Neste exemplo (61.1), o tradutor se serviu da modificação de alguns elementos da frase para propor uma tradução para o texto em francês (61) cujo sentido permanece e o pronome *y* parece ser traduzido:

(61.1) ‘Ah, sim, todo aquele falatório, aquela tagarelice! No salão do *Titanic*, quando o navio afundou, devia ser *a mesma coisa!*’ (LE CLÉZIO, 2009, p. 90).

No trecho (62.1), o tradutor apresentou uma reestruturação da frase onde se encontra o pronome *y*, considerando a omissão deste pronome e buscando fazer valer o sentido do texto:

(62) Sans doute de la fatigue, de part et d’autre, et Ethel avait imaginé que c’était Xénia qui se lassait les difficultés de la vie y étaient pour quelque chose. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 93).

(62.1) Um pouco de cansaço, sem dúvida, de parte a parte, e Ethel imaginara que era Xénia que estava cansada dela. As dificuldades da vida *também tinham certo peso*. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 105).

Pressupomos nesta análise enfocando a estratégia paráfrase, que o tradutor apresentou formas específicas (HJELMSLEV, 1975, p. 57) para representar os pronomes *en* e *y*, sendo ele o responsável por “deixar o mais possível o escritor em repouso e fazer o leitor se mover em direção a ele” Schleiermacher (*apud* BERMAN, 2002, p. 263).

O tradutor condiciona o discurso de modo que, ora os referidos pronomes estejam presentes na tradução, muitas vezes com o cuidado, para que não haja estranhamento do leitor para com a mensagem que vem do estrangeiro; ora ele propõe modificação dessa estrutura linguística que está presente no texto da LA, apresentando outras combinações de signos linguísticos com o intuito de transmitir a mensagem do discurso, evitando perder o sentido, estabelecendo o contato com a estrutura linguística do estrangeiro, e ainda, sem provocar o estranhamento para o leitor.

5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

O objetivo desta pesquisa consistiu em fazer uma análise da tradução dos pronomes adverbiais *en* e *y* que fazem parte da estrutura da língua francesa. Sendo assim, escolhemos três obras do escritor Jean-Marie Gustave Le Clézio – *O Africano*, *Pawana* e *Refrão da fome* – de onde retiramos os exemplos para a constituição do *corpus* deste trabalho segundo os quais constatamos 180 ocorrências, disponíveis no II Anexo. Porém, fizeram parte do capítulo analítico deste estudo, por considerarmos satisfatória, a amostra de 62 ocorrências, conforme é possível visualizar no I Anexo, ambos disponíveis ao final da dissertação.

Analizamos os referidos pronomes, conforme as funções sintáticas nas quais são classificados: complemento verbal direto e indireto e adverbial. Além disso, estabelecemos três estratégias de tradução que serviram de critérios para conduzir tal análise: Omissão, Correspondência Formal e Paráfrase.

Esclarecemos que no *corpus* apresentado, registramos um número maior de ocorrências com o pronome adverbial *en*.

Primeiramente, demonstramos as ocorrências de omissão. Coincidentemente, notamos que esta estratégia se mostra presente quando o pronome *en* é classificado de complemento verbal direto e indireto. O *corpus* não mostra nenhum caso de complemento verbal direto com o pronome *y* direcionando para esta estratégia. Por outro lado, encontramos duas ocorrências deste pronome como complemento verbal indireto do verbo “croire” (acreditar) em que ele foi omitido na tradução.

Expressando esta relação de maneira quantitativa, obtemos os seguintes números:

Tabela 4 – Quantitativo de omissão

ESTRATÉGIA	EN		Y	
	Com referência	Sem referência	Com referência	Sem referência
OMISSÃO	34 ocorrências	33 ocorrências	7 ocorrências	9 ocorrências

Primeiramente, consta que a estratégia Omissão registra o maior número de ocorrências, totalizando 83 ocorrências das 180 contabilizadas, gerando um percentual de, aproximadamente, 46%.

Podemos verificar nesta tabela 4 que registramos quantitativamente os dados, observando ainda outro fator que se torna importante para ampliar esta discussão: trata-se da omissão dos referidos, quando há o referente na frase ou no mesmo período ou quando ele não está disposto na frase. Embora possa parecer um fator de pouca influência para esta análise, porém, vale ressaltar que o número de ocorrências com o registro de omissão, contendo o referente na mesma frase ou período onde também estão tais pronomes, supera os casos em que o referente de *en* e *y* se encontram em outro período do discurso.

Ainda ressaltamos que dentre os casos registrados com relação ao referente no mesmo período que *en* e *y*, encontramos um número mais elevado em circunstâncias de anáfora (cerca de 80%). Consequentemente, temos registro de poucos casos em circunstância de catáfora. Já que temos registrado mais casos em circunstância anafórica, poderíamos pressupor que este fenômeno seja um fator que influencia o tradutor a omitir *en* ou *y*. Desta maneira, esclarecendo que no olhar da LM do tradutor (neste caso a língua portuguesa), evidenciamos somente o referente de *en* e *y*.

Verificamos também que o fator função sintática apresenta uma influência considerável, principalmente nos casos de dupla pronominalização e com o verbo “se souvenir” (lembrar-se), onde o pronome *en*, para ser mais específico, não é traduzido. Por sua vez, esclarecemos que não há registro de dupla pronominalização com o pronome *y* e outro complemento pronominal que não seja o pronome *en*. Neste caso, não podemos sugerir uma determinada predisposição para omitir também o pronome *y*.

Por outro lado, identificamos a omissão em todas as classificações sintáticas nas quais são submetidos os pronomes adverbiais *en* e *y*. No caso do complemento nominal notamos ter poucas ocorrências. O que presume neste contexto que não há uma relação substancial entre função sintática dos pronomes *en* e *y* e esta estratégia que seja significativa para a tradução.

Em uma segunda etapa, verificamos as ocorrências de *en* e *y* com relação à estratégia Correspondência Formal.

Para esta estratégia, temos 54 ocorrências das 180 registradas, o que equivale a 30% do total. Esclarecemos ainda que o número de ocorrências com esta análise para o pronome *y* é maior que o que foi registrado com o pronome *en*, como demonstra a tabela 5:

Tabela 5 – Quantitativo de Correspondência formal

ESTRATÉGIA	EN	Y
CORRESPONDÊNCIA FORMAL	23 ocorrências	31 ocorrências

Neste contexto, verificamos que o pronome adverbial *en* foi traduzido para o português, adquirindo algumas das formas em português demonstradas por CORRÊA & STEINBERG (1985) e citadas anteriormente no capítulo 2 (Revisão Teórica), ou seja, “dela (s)”, “isso”, “disso”, “nisso”, “daquilo”, “daquela”, “nele (s)” e variações, conforme a preposição que rege o verbo em português, seja na função sintática de complemento direto ou indireto.

Por ventura, registramos ainda os pronomes pessoais do caso oblíquo “las”, “os”, “la”, “los” (estruturas linguísticas modificadas porque estão em próclise com o verbo no infinitivo), como complemento verbal direto, mas que mantêm a correspondência formal com *en*, porque pertencem à mesma categoria de pronome.

Com relação ao número maior de casos registrados com o pronome *y* traduzido para o português, compreendemos se tratar de complemento adverbial de lugar, em que *y* adquire a forma de “aí”, “ali”, “lá” (acompanhado de preposição), nesta língua, condicionando a ideia de que parecem ser mais convenientes as traduções propostas para o referido pronome, pressupondo levar em consideração também a relação diacrônica que se estabelece entre o latim, o francês e o português (capítulo 2) na tradução de uma língua para a outra, como é o caso deste trabalho: do francês para o português. Além disso, observamos também que o pronome *en* como complemento adverbial de lugar está ligado ao verbo “repartir” (sair) e foi traduzido para “de lá”.

Apresentamos uma exceção no que diz respeito às formas que *y* possa adquirir no português no caso de ser classificado como complemento adverbial de lugar. Trata-se da forma adquirida “ela”, que combinada com a preposição “até” se revela como um sintagma preposicional, indicando lugar.

Em um terceiro momento, separamos os casos em que *en* e *y* adquirem formas na tradução para o português através da Paráfrase. São formas diferentes daquelas listadas por CORRÊA & STEINBERG (1985), tratadas no capítulo 2. A intenção do tradutor consiste em adequar o sentido do referente de *en* e *y* que se revela na frase. Observamos que em alguns

períodos a estrutura está reescrita de uma maneira que se entende ter a noção de omissão de tais pronomes. Em outros casos de tradução, o pronome *en*, com mais evidência, aparece subtendido em outras estruturas linguísticas de categorias pronominais, que tornam implícito tal pronome.

Entendemos também ser a estratégia menos recorrida pelo tradutor, com cerca de 24% do total das ocorrências:

Tabela 6 – Quantitativo de Paráfrase

ESTRATÉGIA	EN	Y
PARÁFRASE	32 ocorrências	11 ocorrências

Notamos que há muitos casos de tradução dos pronomes adverbiais *en* e *y* como complemento nominal, identificados com esta estratégia. Dentre esses casos, verificamos alguns que apresentam função sintática diferente daquela em que *en* e *y* são classificados no francês, ou seja, de complemento nominal.

Ressaltamos também muitos casos em que há o verbo “parler” (falar) foram traduzidos, recorrendo a sinônimos deste verbo. Consequentemente, encontramos *en* também traduzido em expressões que mantêm o sentido do referente de tais pronomes. Do mesmo modo, temos um caso com o verbo “s’intéresser à” no qual o pronome *y* aparece traduzido.

Quando isolamos os dados concernentes a cada pronome adverbial, envolvendo as estratégias abordadas, encontramos os seguintes dados:

Tabela 7 – Quantitativo isolado de *en*

EN		
Estratégias	Ocorrência	Valor quantitativo
Omissão	67 casos	54,9%
Correspondência formal	23 casos	18,9%
Paráfrase	32 casos	26,2%

Conforme a tabela 7, podemos perceber que a Omissão é a estratégia com maior número de ocorrências: 67 casos, correspondendo a 54,9%.

Identificamos as ocorrências em que o pronome *en* não é traduzido, sendo condicionado por fatores: a) a presença da vírgula que separa o complemento anteposto ao verbo. Neste caso, identificamos também que a presença da vírgula está relacionada com anáfora, uma vez que este sinal de pontuação é utilizado para separar o complemento anteposto ao verbo, bem como em alguns casos com a catáfora; b) as ocorrências de partitivo em que o tradutor não expressa uma forma em português, mesmo quando este pronome mantém uma relação com as expressões de quantidade. O que o tradutor faz é expressar a quantidade do texto em francês, e omitir o pronome *en*.

Com relação às informações inerentes ao pronome adverbial *y*, obtemos:

Tabela 8 – Quantitativo isolado de *y*

Y		
Estratégias	Ocorrência	Valor quantitativo
Omissão	16 casos	27,6%
Correspondência formal	31 casos	53,5%
Paráfrase	11 casos	18,9%

De acordo com a tabela 8, os casos de omissão do *y* apresentam um número bem menor em relação aos casos de *en*: 16 casos, o que corresponde a 27,6% dos dados obtidos.

Em alguns exemplos do *corpus*, constatamos que o complemento ao qual faz referência o pronome adverbial *y* se encontra na frase da LF, o que pode ter proporcionado ao tradutor a escolha da omissão na LA. Em contrapartida, encontramos um número elevado de Correspondência Formal com o referido pronome, perfazendo um percentual de 53,5%. Considerando a necessidade do tradutor de expressar tal pronome, quando se tratar de um adverbial de lugar.

Podemos concluir que para esta pesquisa a estratégia mais recorrente pelo tradutor foi a omissão, por assim dizer subtendendo ser um recurso que apresenta menor complexidade para a tradução de *en* e *y*.

Ainda que sejam pertinentes e até mesmo recorrentes, as formas do português “isso”, “disso”, “dele (a) (s)” (e variações conforme a preposição que as acompanha) continuam sendo um recurso para tradução quando se tratar de *en* e *y*, ainda que possam pouco enobrecer o texto traduzido.

Por outro lado, a paráfrase se torna um recurso mais complexo e menos utilizado pelo tradutor, pois dele exige certa criatividade, bom conhecimento tanto da LF quanto da LA, para

que ele sinta necessidade de traduzir os referidos pronomes adverbiais, sem torná-los inconvenientes no discurso.

É importante salientar que em alguns trechos do discurso da LF onde se encontram presentes os pronomes *en* e *y*, ora o tradutor aproxima o texto do leitor, quando os omite (nesta pesquisa estratégia mais recorrida, quando se refere ao quadro total das ocorrências); ora ele preserva o autor do LF, quando os traduz. Pressupondo que a omissão permite tornar o texto mais próximo do leitor, sendo um recurso que familiariza a estrutura do texto da LF à estrutura do leitor da LA. Em contrapartida, a paráfrase exige mais atenção do tradutor para a elaboração de estruturas que possam representar os referidos pronomes no texto da LF na LA.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos as traduções dos pronomes adverbiais *en* e *y* que aparecem nos romances de Jean-Marie Gustave Le Clézio – *O Africano*, *Pawana* e *Refrão da fome*. Para conduzir o desenvolvimento de nossas análises, utilizamos as ideias precisas dos gramáticos GREVISSE (1964), LE GOFFIC (1993), WILMET (2003) e RIOUL et al. (2011), o ideal teórico de BERMAN (2002), de RICŒUR (2005), de HJELMSLEV (1975), de BARBOSA (1990) e de CATFORD (1980). Além disso, estes pressupostos teóricos nos auxiliaram na medida em que apontaram elementos importantes e suficientes para confirmar nossas considerações a partir da observação empírica dos dados.

No capítulo 4, demonstramos uma análise da tradução de *en* e *y*, a partir da função sintática estabelecida pelos referidos gramáticos para cada um em um processo de pronominalização, bem como das estratégias propostas de tradução cabíveis nestas circunstâncias.

Assim ficou subtendido que *en* e *y* podem ser classificados como complementos verbais direto e indireto, complemento nominal e adverbial de lugar. Quanto às estratégias utilizadas, propomos a Omissão, a Correspondência Formal e a Paráfrase (a partir da teoria da referencialidade). Constatamos, também, que o *corpus* é formado por maior incidência de ocorrências de *en* que as de *y*.

No que concerne à Omissão, verificamos que foi a estratégia mais recorrente, ou seja, mais escolhida pelo tradutor e que, ainda, encontramos as ocorrências dos referidos pronomes nas frases da LF, classificados em complementos verbais direto e indireto, complemento nominal e adverbial de lugar.

Por meio do entendimento desta estratégia, verificamos que alguns fatores linguísticos influenciaram neste processo, de maneira que o tradutor recorresse a essa estratégia: a) a anteposição do complemento verbal na maioria dos casos separado pela vírgula; b) *en* representando partitivo; c) a presença do referente no mesmo período que se encontra *en*, posposto ao verbo.

Devido a estes fatores, verificamos que a Omissão é entendida com maior ocorrência nos casos de tradução que envolvem o pronome *en*, quando classificado como complemento verbal direto ou indireto. Ainda que, com pouquíssimos casos registrados, percebemos o mesmo fenômeno com o pronome *y*. Por outro lado, não podemos afirmar que a estratégia

omissão dos pronomes adverbiais *en* e *y* está condicionada à função sintática de complemento verbal.

Quanto à Correspondência Formal, apresentamos nossa proposta de descrição das ideias em torno desta estratégia, propondo uma relação com as traduções de *en* e *y*.

Ficou evidente a tradução dos pronomes adverbiais *en* e *y*, corroborando o que se anunciava com relação à equivalência das formas já determinadas do francês “de lui”, “d’eux”, “d’elle (s)”, “à lui”, “à elle”, ou seja, em português “dele (a) (s)”, “nesse (a) (s)”, “isto”, “isso”, “aquilo” (também combinadas com algumas preposições).

São casos registrados que estão dispostos independentemente da função sintática dos referidos pronomes na frase, embora tenhamos encontrado a maior incidência de *y*, classificado como complemento adverbial de lugar, com as seguintes traduções: “aí”, “ali” e “lá”. Neste caso, percebemos um condicionamento apropriado e utilizado pelo tradutor, sem demonstrar dificuldade no trabalho tradutivo desse referido pronome.

Verificamos também que houve uma relação entre *en* e *y* e tais formas pronominais, com a função de substituir complementos que se referem a seres inanimados. Não houve registro de *en* e *y* substituindo complementos cujos referentes são seres humanos.

Com relação à Paráfrase, registramos ser a estratégia a qual o tradutor menos recorreu. Obtivemos um resultado que identifica a presença desta estratégia em todos os casos de *en* e *y* independente da função sintática, na qual eles são classificados. Notamos também a maior incidência do pronome *en* relativa a esta estratégia.

Diante dos fatos analisados, concluímos que houve uma predisposição do tradutor para a estratégia omissão, condicionado por outros fatores linguísticos que estão presentes no nível do pensamento do autor e do tradutor, mas que no nível linguístico da língua portuguesa não determinaria problema de compreensão da mensagem.

A partir dos resultados obtidos, observamos que o presente estudo proporciona importantes contribuições para os estudiosos da língua francesa em torno da tradução, inclusive, para os trabalhos de tradução entre a LE e LM, envolvendo os pronomes adverbiais *en* e *y*.

Para os estudiosos da língua francesa em torno da tradução, o estudo empreendido é importante na medida em que os resultados obtidos são pertinentes para ter ciência de que a tradução destes pronomes não se revela pelas formas linguísticas deles, mas pelo referente ao qual eles se relacionam no nível do pensamento e se realizam no nível linguístico em francês, e como demonstrado, também no nível linguístico em português.

Para os trabalhos de tradução, o presente estudo se torna importante, uma vez que demonstra as possibilidades de formas existentes que podemos adquirir de *en* e *y* nos textos em língua portuguesa, bem como os fatores que levam o tradutor a omiti-los do texto.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. São Paulo: PubliFolha, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- BARBOSA, Héloisa G.. *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*. São Paulo: Pontes, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *La tâche du traducteur*. In: **Œuvres I**. Paris: Gallimard, "Folio Essais", 2000.
- BERMAN, Antoine. *A Prova do Estrangeiro*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- CAMARA JR, J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1975.
- CATFORD, J. C. *Uma Teoria Linguística da Tradução*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CORRÊA, Roberto Alvim & STEINBERG, Sary Hauser. *Gramática da Língua Francesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1985.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.
- GREVISSE, Maurice. *Le Bon Usage*. Paris: Éditions J. Duculot, 1964.
- GREVISSE, Maurice & GOOSSE, André. *Nouvelle Grammaire Française*. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 1995.
- GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- HAUGEN, Einar. *Dialeto, Língua, Nação*, In: BAGNO, Marcos [org.]. *Norma Linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2010.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 1999.
- KRIEGER< Maria da Graça. *A face linguística da Terminologia*, In KRIEGER, Maria da Graça. MACIEL, Anna Maria Becker. *Temas de Terminologia*. Porto Alegre: Humanistas – Editora da Universidade – UFRGS, 2001.
- LE CLÉZIO, J. M. G. *L'Africain*. Paris: Éditions Mercure de France, 2004.

- _____. *Pawana*. Paris: Éditions Gallimard, 1992.
- _____. *Ritournelle de la Faim*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.
- _____. *O Africano*. SP: COSAC NAIFY, 2007.
- _____. *Pawana*. SP: COSAC NAIFY, 2009.
- _____. *Refrão da Fome*. SP: COSAC NAIFY, 2009.
- LE GOFFIC, Pierre. *Grammaire de la Phrase Française*. Paris: Hachette, 1993.
- MARTINET, André. *Le langage*. Paris: Éditions Gallimard, 1968.
- MORAES, Marcelo Jacques de. *Viver entre Línguas: língua, lugar/tradução da experiência?*, In: ALENCAR et al. *Tradução Literária: a vertigem do próximo*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2011.
- MOUNIN, Georges. *Problemas Teóricos da Tradução*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- NOTH, Winfried. *A Semiótica no Século XX*. Anna Blume Editora, 1999.
- PAES, José Paulo. *Tradução: A ponte necessária – Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- PARK, Robert E. & SAPIR, Edward. *Comunicação, Linguagem, Cultura*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 1971.
- PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- RICŒUR, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- RICŒUR, Paul. *Sobre a Tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- RIOUL, René et al. *Grammaire Méthodique du Français*. Paris: PUF, 2011.
- RÓNAI, Paulo. *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- SOUZA, Lúcia Soares de. *Introdução às Teorias Semióticas*. Petrópolis, Salvador: Vozes, 2006.
- WILMET, Marc. *Grammaire Critique du Français*. Bruxelles: Editions Duculot, 2003.
- WHORF, Benjamin Lee. *Lenguaje, Pensamiento y Realidad*. Barcelona: Barral Editores, 1971.

ENDEREÇO ELETRÔNICO

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/nobel-da-literatura-para-o-escritor-frances-jeanmarie-gustave-le-clezio-1345433>.

I ANEXO – O CORPUS

Extraímos os dados de três romances do escritor francês renomado Jean-Marie Gustave Le Clézio, dentre os quais listamos os títulos *L’Africain*, *Pawana* e *Ritournelle de la faim*, que compõem o *corpus* cujas informações são pertinentes para a análise da tradução dos pronomes adverbiais *en* e *y* para o português do Brasil.

Permeamos a análise por um viés que mostra as informações agrupadas de maneira quantitativa, seguindo as estratégias descritas no subcapítulo 3.4 – “Estratégias de Tradução”. A partir dos resultados obtidos nesta classificação, podemos conferir uma reflexão qualitativa, a fim de que esta análise qualitativa pudesse contribuir para futuras pesquisas, envolvendo a tradução dos pronomes adverbiais *en* e *y* para o português do Brasil.

Propomos uma tabela que está dividida em três colunas: uma expõe as ocorrências de *en* e *y*; a outra registra as traduções; e uma terceira registra a classificação das estratégias propostas envolvendo a tradução dos referidos pronomes.

Para manter determinada organização dos dados, registramos separadamente as ocorrências do pronome *en* em cada romance. Em seguida, ordenamos as ocorrências de *y*, separadas também por romance.

EN

L’Africain (O Africano)

Ocorrência	Tradução	Estratégia
L’entrée dans Obudu, je m’ <i>en</i> souviens bien : la route sort de l’ombre de la forêt et entre tour droit dans le village, en plein soleil[...] p. 14	Da entrada em Obudu, lembro-me bem: a estrada sai da sombra da floresta e penetra diretamente na aldeia, em pleno sol. p.9	Omissão
Des orages tels que je n’ <i>en</i> ai jamais vu ni rêvé depuis [...] p.20	Temporais como depois nunca vi, nem sequer em sonho [...] p.15	Omissão
Pour l’enfant que j’étais, la violence était générale, indiscutable. Elle donnait de l’enthousiasme. Il est difficile d’ <i>en</i> parler aujourd’hui, après	E, para a criança que eu era, a violência era generalizada, indiscutível. Dava entusiasmo. Hoje é difícil falar dela, depois de tanto abandono, tantas	Correspondência formal

tant de catastrophes et d'abandon. p.21	catástrofes. p. 16	
J'étais seulement un enfant, la puissance de l'Empire m'indifférait assez. Mais mon père en pratiquait la règle [...] p. 28	Eu era um menino, não mais que um menino, e o poderio do império me era muito indiferente. Mas suas regras eram postas em prática por meu pai [...] p. 22	Paráfrase
Faisait-il chaud vraiment ? Je n' en ai aucun souvenir. p. 29	Fazia realmente calor? Não, não me lembro mesmo. p. 23	Omissão
Nous frappions à nouveau jusqu'à en avoir mal aux mains [...] p. 32	Voltávamos a golpeá-las, até sentir as mãos doendo [...] p. 25	Omissão
J'ai pensé qu'il en aurait été autrement si nous étions restés à Ogoja, [...] p. 34	Pensei que tudo seria bem diferente se tivéssemos ficado para sempre em Ogoja, [...] p.29	Omissão
Nous ne savions pas que nous allions en repartir. p. 35	Não sabíamos que haveria um regresso. P. 29	Omissão
Y avait-il des fourmis avant Ogoja ? Je ne m' en souviens pas. p. 35	Antes de Ogoja, já havia formigas? Não me lembro. p. 29	Omissão
Je n'ai pas remarqué le cratère qui signale l'entrée de la fourmière. Tout d'un coup, sans que je m' en sois rendu compte, [...] p. 36	Não notei a cratera que assinala a entrada do formigueiro. De repente, sem que eu me tenha dado conta, [...] p. 30	Omissão
L'affreuse impression, la hantise d'être mangé vivant. Cela dure quelques secondes, des minutes, un temps aussi long qu'un cauchemar. Je ne m' en souviens pas, [...] p. 37	A terrível impressão, o pavor de ser devorado vivo. Tudo dura alguns segundos, talvez minutos, um tempo tão extenso quanto o de um pesadelo. Não me lembro mais, [...] p. 30	Omissão
Une anecdote, une simple anecdote. D'où vient que j' en garde la marque, [...] p. 37	Uma historieta, uma simples historieta. Por que terei conservado então suas marcas, [...] p. 31	Paráfrase
Il est allé chercher dans sa pharmacie un flacon d'alcool à 90°, il en a aspergé le scorpion et a gratté une allumette. [...] p. 40	Foi buscar no seu armário de remédios um vidro de álcool de 90°, derramou um pouco na fêmea de escorpião e riscou um fósforo. [...] p. 34	Omissão
Mon père est arrivé en Afrique en 1928, après deux années passées en Guyane anglaise, comme médecin itinérant sur les fleuves. Il en est reparti au début des années cinquante, [...] p. 45	Meu pai chegou à África em 1928, após dois anos passados na Guiana Inglesa como médico itinerante nos rios. Saiu <i>de lá</i> na década de 1950, [...] p. 39	Correspondência formal

De longues années d'éloignement et de silence, pendant lesquelles il a continué d'exercer son métier de médecin dans l'urgence, sans médicaments, sans matériel, tandis que partout dans le monde les gens s'entreuaient – cela devait être plus que difficile, cela devait être insoutenable, désespérant. Il n' <i>en</i> a jamais parlé. [...] p. 46	Longos anos de afastamento e silêncio, durante os quais continuou a exercer seu trabalho de médico de emergência, sem remédios, sem material, enquanto no mundo, por toda parte, as pessoas se matavam – situação que, mais que difícil, deve ter sido insuportável, desesperadora. Ele nunca falou a respeito. [...] p. 40	Omissão
Mon père fait donc imprimer les fameuses cartes (j' <i>en</i> ai encore un exemplaire) [...] p. 48	Meu pai então manda imprimir essas famosos cartões (um exemplar dos quais ainda tenho comigo) [...] p. 42	Omissão
Ma mère n'a pas vécu là-bas (elle est née à Milly), mais elle <i>en</i> a toujours entendu parler par son père, [...] p. 58	Mina mãe não viveu lá (ela nasceu em Milly), mas sempre ouvir falar a respeito, por seu pai, [...] p. 52	Omissão
<i>En</i> parlait-il ? [...] D'où me vient cette instinctive répulsion que j'ai ressentie depuis l'enfance pour le système de la Colonie ? p.69	E ele falava <i>disso</i> ? De onde me vem essa repulsa instintiva que desde a infância eu senti pelo sistema colonial? [...] p. 64	Correspondência formal
[...] il y a une photo qui m'émeut particulièrement, parce que c'est celle qu'il a choisi d'agrandir pour <i>en</i> faire un tableau. [...] p. 71	[...] há uma que me comove particularmente, porque foi a que ele escolheu para ampliar e pôr num quadro. [...] p. 68	Paráfrase
Aimé surtout, parce que, même s'il <i>en</i> parlait pas, s'il n' <i>en</i> racontait rien, [...] p. 81	E sobretudo amado, já que, mesmo que não falasse <i>disso</i> , mesmo que ele nada contasse [...] p. 76	Correspondência formal Omissão
C'était un livre de militaire, comme j'ai imaginé que les soldats d'autrefois pouvaient lire les <i>Pensées</i> de Marc Aurèle sur le champ de bataille. Bien entendu, il ne nous <i>en</i> parlait jamais. p. 107	Era um livro de militar, como suponho que os soldados de outrora pudessem ler no campo de batalha as <i>Meditações</i> de Marco Aurélio. Claro está que ele nunca nos falou a respeito <i>disso</i> . p. 107	Correspondência formal
Peut-être qu'un autre homme, je veux dire un de ces 'oncles' qui fréquentaient l'appartement de ma grand-mère, se serait contenté d' <i>en</i> rire. Nous avons pris d'un coup qu'un père pouvait être redoutable, qu'il pouvait sévir, aller couper des cannes dans le bois et s' <i>en</i>	Outro homem, talvez, quero dizer, um daqueles 'tios' que frequentavam o apartamento de minha avó, teria se contentado em rir. Aprendemos de uma vez para sempre que um pai podia ser temível, que era capaz de punir com todo o rigor, de ir cortar varas no mato e usá- <i>las</i>	Omissão Correspondência formal

servir pour nous frapper les jambes. [...] p. 107	para açoitar nossas pernas. [...] p. 107	
Tout ce que je pouvais faire, c'était casser ses bâtons, mais il allait <i>en</i> couper d'autres [...] p. 110	Tudo o que eu podia fazer era quebrar suas varas, mas ele ia cortar outras [...] p. 111	Omissão
Il y avait un archaïsme dans cette façon, cela ne ressemblait pas à ce que connaissaient mes camarades. J'ai dû <i>en</i> ressortir endurci, [...] p. 111	Havia, nesse modo de agir, certo arcaísmo, algo que não se assemelhava ao que era conhecido por meus colegas. Devo porém ter ficado calejado, [...] p. 111	Omissão

Pawana

Ocorrência	Tradução	Estratégia
Ils <i>en</i> parlaient, comme d'une cachette, comme d'un trésor. À Nantucket, ils <i>en</i> parlaient tous, [...] p. 27	Falavam <i>disso</i> como se fosse um esconderijo, um tesouro. Em Nantucket, todos conversavam sobre <i>este lugar</i> [...] p. 17	Correspondência formal Paráfrase
C'est ce qu'ils disaient, ils racontaient tous cet endroit, comme s'ils l'avaient vu. Et moi, sur les quais de Nantucket, j'écoutais cela et je m' <i>en</i> souvenais moi aussi, [...] p. 28	Isso era o que eles diziam todos descreviam este lugar como se o tivessem visto. E eu, no cais de Nantucket, ouvia o que contavam e me lembrava também, [...] p. 18	Omissão
Et maintenant, tout a disparu. Je m' <i>en</i> souviens, [...] p. 28	Agora, tudo desapareceu. Lembro-me, [...] p. 18	Omissão
Nous avons abordé sur la plage et nous avons couru à travers les dunes jusqu'à ce que nous soyons face à la pleine mer. C'était la fin de l'après-midi, au mois de juin, je m' <i>en</i> souviens très bien, [...] p. 31	Atracamos na praia e corremos pelas dunas até diante do mar aberto. Era um fim de tarde, no mês de junho, e eu me lembro muito bem, [...] p. 20	Omissão
L'enfant paraissait réfléchir. Je ne sais pourquoi je dis : 'Moi, je suis venu pour chercher de l'or. Je n' <i>en</i> ai pas trouvé, alors j'ai affrété ce navire pour la chasse. [...] p. 58	O rapaz tinha ares de que pensava. Eu, não sei por quê, disse: - Pois eu vim em busca do ouro. Como não encontrei, fretei este navio para caçar baleias. [...] p. 34	Omissão
Nous allions revenir immensément riches, ce serait peut-être la dernière campagne. Pourtant, personne n' <i>en</i> parlait. [...] p. 59	Íamos voltar imensamente ricos, essa devia ser a nossa última aventura. No entanto, ninguém tocava <i>no assunto</i> . [...] p. 34	Paráfrase

L'eau grise nous est apparue, couverte de marques noires qui glissaient lentement. Je ne pouvais <i>en</i> croire mes yeux, [...] p. 63	A água cinza apareceu, coberta de manchas negras que deslizavam lentamente. Quando eu vi, nem consegui acreditar nos meus olhos, [...] p. 38	Omissão
Les hommes restaient un peu à l'écart, sans rien dire. Puis, il y <i>en</i> a eu quelques-uns pour creuser une tombe, [...] p. 86	Os homens ficaram mais afastados, sem dizer nada. Depois alguns se dispuseram a cavar uma cova, [...] p. 47	Omissão
La tombe était si étroite que les bras restaient accrochés aux cailloux, je m' <i>en</i> souviens, [...] p. 86	Uma cova tão estreita que os braços ficaram agarrados nos seixos, eu me lembro, [...] p. 47	Omissão

Ritournelle de la faim (Refrão da fome)

Ocorrência	Tradução	Estratégia
La tranche de pain fondant, nuageux, que j'enforce dans ma bouche et à peine avalée j' <i>en</i> demande encore, encore, [...] p. 11	A fatia desse pão farelento, que se desmancha, que enfio na boca e do qual, assim que a engulo, peço mais e sempre mais; [...] p. 10	Omissão
[...] et si ma grand-mère ne le rangeait pas dans son armoire fermée à clef, je pourrais le finir en un instant, jusqu'à <i>en</i> être malade. [...] p. 11	[...] se minha avó não o guardasse no armário fechado e chave, num instante eu acabaria com tudo, até passar mal. [...] p. 10	Omissão
Je mange le Spam américain. Longtemps après, je garde les boîtes de métal ouvertes à la chef, pour <i>en</i> faire des navires de guerre [...] p. 12	Eu como o Spam americano. Muito tempo depois, guardo as latas abertas com uma chave para transformá-las em navios de guerra [...] p. 10	Correspondência formal
Des musées, tu pourras toujours <i>en</i> voir, [...] p. 18	Museus você sempre vai poder ver, [...] p. 16	Omissão
Pour contrer les projets d'Alexandre, il avait fait d'Ethel sa légataire. Évidemment elle n' <i>en</i> a rien su. [...] p. 24	Para contrapor-se aos projetos de Alexandre, tornara Ethel sua herdeira. Evidentemente ela não soube de nada. [...] p. 23	Omissão
Mais il n' <i>en</i> a plus reparlé. [...] p. 25	Mas nunca ele tocou <i>no assunto</i> . [...] p. 23	Paráfrase
Elle avait fixé la nouvelle venue, impossible d' <i>en</i> détacher son regard, [...] p. 30	Fixava a recém-chegada, não conseguia desviar o olhar e, [...] p. 31	Omissão
Là, une ceinture à paillettes pour une robe bleue, et une jupe en satin noir, et, par-dessus, une	Aqui, um cinto com lantejoulas para um vestido azul, e sua saia de cetim preto e, por cima uma	

tunique violette, et une blouse en lamé or, une tunique de dentelle, ou bien, regarde, là, une blouse en satin noir avec du tulle. Xénia regardait le dessin. Qu'est-ce que tu en penses ? [...] p. 33	túnica violeta e uma blusa de lamê dourado, ou uma túnica de renda, ou então, olhe ali, uma blusa de cetim preto com tule. Xénia olhava para o desenho. O que é que você acha? [...] p. 34	Omissão
Le 'comme d'habitude' était du miel dans son coeur, cela voulait dire qu'on continuerait, elle en a ressenti une telle gratitude que des larmes ont débordé de ses yeux, et elle s'est détournée pour que Xénia ne s' en rende pas compte. p. 35	O 'como hábito', pondo-lhe mel na alma, deixava claro que aqueles encontros continuariam. Sentiu <i>por isso</i> uma gratidão tão grande que lágrimas lhe rolaram dos olhos, e ela virou o rosto para Xénia não perceber. p. 36	Correspondência formal Omissão
Des fêtes qu'ils donnaient, où tout le monde alentour pouvait venir, nobles et fermiers, des soldats, des artisans e des artistes. Elle en parlait avec feu, [...] p. 35	Das festas que a família dava, às quais toda a vizinhança podia ir, nobres e agricultores, soldados, artesões e artistas. Falava <i>disso</i> com ardor, [...] p. 37	Correspondência formal
Elle découvrait cette faiblesse, elle s' en voulait, [...] p. 36	Descobria essa fraqueza em sim, recriminava-se por senti-la.	Paráfrase
De la jalousie simplement. Xénia avait mis ce poison en elle. Elle en ressentit du dépit, de la colère envers elle-même. [...] p. 37	Simplesmente ciúme. Xénia havia instigado esse veneno nela. E <i>isso</i> a fez indignar-se consigo, sentir raiva de si mesma. [...] p. 39	Paráfrase
Elle parlait de toutes ces choses avec un peu de condescendance, elle laissait entendre qu'elle en savait long sur les hommes, [...] p. 38	Era com um pouco de condescendência que ela falava dessas coisas, dando a entender que sabia muito sobre os homens [...] p. 40	Omissão
Elle avait noté dans un carnet des idées, des historiettes, des choses entendues à la maison ou dans la rue. Elle devait en parler avec Xénia. [...] p. 39	Num caderno que mantinha, anotava ideias, historietas, coisas que ouvia em casa ou na rua. Punha-se a falar <i>daquelas coisas</i> com Xénia [...] p. 41	Correspondência formal
Tu sais, Ethel, la vie réelle est déjà bien assez difficile comme ça, on n'a pas besoin d' en remettre. [...] p. 39	Sabe, Ethel, a vida real já é bem difícil em si, melhor <i>não piorar ainda mais as coisas</i> . [...] p. 41	Paráfrase
'C'est une folie alors', a tranché Xénia. Et elles n' en ont plus jamais reparlé. [...] p. 43	'Então é doida'. E nunca mais tocaram <i>no assunto</i> . [...] p. 45	Paráfrase
Alexandre en arrivant de Maurice avait en effet accompli ses études de droit, mas il n' en avait rien fait. [...] p. 47	Ao chegar da ilha Maurício, Alexandre de fato tinha se formado em direito, <i>mas o diploma não lhe servira para nada</i> . [...] p. 51	Paráfrase

[...] une partie de la ménagerie vivante de Mlle Decoux, compossés surtout de chats errants qu'elle recueillait et nourrissait, avant de les donner à qui <i>en</i> voulait. p. 49	[...] eram parte da bicharada viva de mademoiselle Decoux, composta sobretudo de gatos de rua que ela recolhia e alimentava, antes e dá-los a quem <i>os</i> quisesse. p. 53	Correspondência formal
Quand il entra dans le salon, elle regardait cette sorte de halo de lumière rouge qui entourait son visage, elle <i>en</i> ressentait de la joie [...] p. 52	Quando ele entrava no salão, ela via uma espécie de halo de luz vermelha que lhe contornava o rosto <i>e a enchia de alegria</i> , [...] p. 57	Paráfrase
Ethel n' <i>en</i> avait plus jamais parlé. [...] p. 54	Ethel nunca mais tocou <i>no assunto</i> . [...] p. 59	Paráfrase
On sentait une sorte de hâte, comme si on se dépêchait d' <i>en</i> finir. [...] p. 55	Sentia-se uma espécie de afobação, como se todos estivessem com pressa de acabar <i>com aquilo</i> . [...] p. 59	Correspondência formal
— Évidemment tout le monde l'a laissé tomber, on s' <i>en</i> lave les mains, c'est comme à Locarno. [...] p. 55	— Evidentemente todos os abandonaram, todos lavam as mãos, como em Locarno. [...] p. 60	Omissão
Il était revenu régulièrement, mince et élégant, tellement différent des autres jeune gens qu'Ethel croisait dans Paris, tellement étranger qu'il <i>en</i> était étrange. [...] p. 62	Aparecia regularmente, delicado e elegante, e era muito diferente dos outros jovens com os quais Ethel cruzava em Paris, sendo estrangeiro quanto estranho. [...] p. 67	Omissão
Elle n' <i>en</i> avait pas parlé à Xénia. La mort de Samuel Soliman, ça n'était rien à côté de la mort du comte Chavirov. [...] p. 65	Ela nunca contou a Xénia <i>o ocorrido</i> . A morte de Samuel Soliman não era nada, em comparação com a morte do conde Chavirov. [...] p. 72	Paráfrase
'C'est-à-dire que nous n' <i>en</i> avons pas vraiment parlé, mais sa mère et moi avons pensé qu'il fallait simplifier les procédures, et que vu son âge... [...]' p. 66	'A bem dizer, não chegamos propriamente a discutir <i>o assunto</i> , mas tanto eu quanto a mãe achamos que convinha simplificar o processo e, tendo em vista a idade dela [...]' p. 73	Paráfrase
'Je n t' <i>en</i> ai pas parlé, tu sais à quel point ton grand-oncle t'aimait, tu étais pour lui comme sa petite-fille, il avait toujours souhaité te laisser une grande partie de son patrimoine, [...]' p. 66	'Não lhe falei, mas você sabe como o seu tio-avô gostava de você, sabe que para ele você era como uma neta. Ele sempre quis lhe deixar boa parte do seu patrimônio, [...]' p. 74	Omissão
Et pourtant Ethel se souviendra plus tard avoir cru à cet instant que son père avait décidé de continuer la construction de la Maison mauve, et qu'elle <i>en</i>	Ethel se lembrará mais tarde de ter acreditado, naquele instante, que o pai decidira continuar com a construção da Casa Malva, <i>com o que</i> sentira uma	Paráfrase

avait senti une onde de bonheur. [...] p. 67	onde de felicidade. [...] p. 75	
La situation est précaire, personne n'a l'air de s' <i>en</i> soucier mais le krach nous guette [...] o. 72	A situação anda incerta, ninguém parece se preocupar <i>com isso</i> , mas a quebradeira é uma ameaça [...] p. 82	Correspondência formal
L'or s'en va quand Blum arrive. [...] De toute façon le Front n' <i>en</i> a plus pour longtemps. [...] p. 72	Quando Blum aparece, o ouro some. [...] Seja como for, muito tempo é que o front não aguenta [...] p. 83	Omissão
Parlez- <i>en</i> de votre Hitleur. [...] p. 72	Falem então desse tal Hilter [...] p. 83	Omissão
Ah oui, parlons- <i>en</i> de l'âme boche ! [...] p. 73	Melhor falar da alma dos boches! [...] p. 83	Omissão
En attendant, il y <i>en</i> a qui font des affaires, [...] p. 73	Enquanto isso, alguns vão tocando seus negócios. [...] p. 84	Paráfrase
'En cas de guerre, croyez-moi, ce sont les avions qui feront la différence. Mais personne en France n'a l'air de s' <i>en</i> rendre compte' [...] p. 82	Em caso de guerra, acreditem, os aviões é que vão fazer a diferença. Mas ninguém parece se dar conta <i>disso</i> na França! [...] p. 94	Correspondência formal
Un accident ! Les avions aussi, il <i>en</i> tombe tous les jours ! [...] p. 82	Um acidente! Com os aviões também,, todos os dias <i>cai algum</i> . [...] p. 94	Paráfrase
Plus tard, elle avait cherché un nom pour cet inconnu, cet intrus. Quand elle <i>en</i> avait parlé à Alexandre, il avait fait semblant de ne pas s' <i>en</i> souvenir. [...] p. 87	Mais tarde, ela procurara um nome para aquele intruso, aquele desconhecido. Quando ela mencionara <i>o assunto</i> a Alexandre, ele fizera de conta que não se lembrava. [...] p. 99	Paráfrase Omissão
Cela s'était passé il y avait des années, et pourtant elle <i>en</i> tremblait encore. [...] p. 88	Acontecido muitos anos antes e ela ainda se aterrorizava. [...] p. 100	Omissão
'Mais si, je suis au courant, bien sûr, papa m' <i>en</i> a parlé quand j'ai signé le pouvoir, [...]' p. 95	'Quer dizer, estou a par, sim é claro. Papai me falou quando assinei a procuração, [...]' p. 107	Omissão
Xénia s'est souvenue tout d'un coup, elles <i>en</i> avaient parlé longuement, au printemps de l'an passé. [...] p. 95	De repente Xénia se lembrou <i>do que</i> elas tanto haviam comentado na primavera do ano anterior. [...] p. 107	Paráfrase
Pendant des semaines, après ce jour-là, pendant ces mois, Ethel a porté ce trou au fond d'elle même. C'était une douleur, un vide. Parfois, elle <i>en</i> perdait l'équilibre. [...] p. 99	Durante semanas, depois daquele dia, durante meses, Ethel carregou no fundo de si aquele buraco. Era uma dor, um vazio. Às vezes a fazia perder o equilíbrio. [...] p. 112	Omissão
Mais elle voyait bien que les choses ne se passaient pas comme il avait prévu, au fur et à	Ela porém percebia claramente que as coisas não se passavam como ele tinha previsto; à	

mesure des mois les difficultés se multipliaient, on avait jeté un mauvais sort à ce projet. Les fondations n' <i>en</i> finissaient. [...] p. 102	medida que os meses transcorriam, as dificuldades se multiplicavam, o projeto estava com mau-olhado. As fundações não terminavam nunca. [...] p. 115	Omissão
On l'a évacué à la décharge, il n'y avait rien à récupérer là-dedans. Comme Ethel protestait, voulait <i>en</i> savoir davantage, [...] p. 103	Foi tudo embora como entulho, não dava para aproveitar nada. Como Ethel reclamasse, querendo saber <i>detalhes</i> , [...] p. 116	Paráfrase
Mais il ne pouvait pas être question d'espionage, et il s'excusait tout de suite : 'Oublie tout ça, même si tu <i>en</i> entends parler, oublie-le. Ce sont des bêtises, tu n'as pas à t' <i>en</i> mêler'. [...] p. 110	Mas, por não querer bancar o espião, logo em seguida ele se desculpava: 'Ah, esqueça isso. Mesmo se ouvir falar a respeito. É melhor esquecer. São bobagens, você não tem que se meter'. [...] p. 123	Omissão Omissão
Personne d'autre ne s'y intéressait, mais d'entendre Alexandre <i>en</i> parler, avec sa voix grave, ses accents, ses trémolos, jusqu'à s'emporter, elle avait eu envie d'y croire [...] p. 115	Mais ninguém se interessava <i>pelo assunto</i> , porém ela de tanto ouvir Alexandre falar <i>no assunto</i> , com sua voz grave, seu sotaque, seus tremolos, cheio de entusiasmo, teve vontade de acreditar <i>naquilo</i> . [...] p. 129	Paráfrase
C'était un peu avant l'été. Ethel s' <i>en</i> souviendra, il faisait une langueur anormale, la ville semblait endormie. Alexandre, remis à peu près de son accident, avait repris ses sorties. [...] p. 118	Foi um pouco antes do verão. Ethel haverá de se lembrar, reinava um langor anormal, a cidade parecia adormecida. Alexandre, já quase refeito do acidente, retomara suas saídas. [...] p. 132	Omissão
Le mariage avec Daniel n'avait pas eu lieu. Elle <i>en</i> était sûre. La famille du futur hésitait. Leur fils était un prix précieux qu'il fallait mériter. Et lui <i>en</i> avait-il envie ? [...] p. 119	O casamento com Daniel não se concretizara. Ela tinha certeza. A família do futuro hesitava. O filho do casal era um trunfo precioso que era preciso merecer. E teria ele vontade? [...] p. 133	Omissão Omissão
La ruine, l'angoisse, du futur, la maladie d'Alexandre, l'incapacité où étaient ces deux femmes de s' <i>en</i> sortir. [...] p. 120	A ruína, a angústia com o futuro, a doença de Alexandre, a incapacidade daquelas duas mulheres de encontrar uma saída. [...] p. 134	Paráfrase
Couchée dans le sable des dunes, elle les regardait filer à toute vitesse, légers, libres. Elle rêvait à l'espace qu'ils avaient parcouru, l'étendue des océans, le champ des vagues, avant	Deitada na areia das dunas, ela as via passar muito velozes, leves livres. Imaginava a distância que tinham percorrido, a extensão dos oceanos, a vastidão das ondas,	Omissão

d'arriver jusqu'à elle. Ils glissaient, pas très haut, en petites boules blanches qui parfois se herutaient, s'unissaient, se divisaient. Il y en avait de fous, qui [...] p. 125	antes de chegar até ela. Não muito alto, elas deslizavam como bolotas brancas que às vezes se chocavam, se uniam, se dividiam. Algumas, loucas, [...] p. 141	
Laurent restait silencieux à reprendre son souffle, il allait s'excuser, toujours aussi gauche, presque honteux, mais Ethel ne lui en laissait pas le temps. [...] p. 131	Laurent ficou em silêncio, recuperando o fôlego, já ia se desculpar, sempre desastrado, quase envergonhado, mas Ethel não lhe deu tempo. [...] p. 148	Omissão
Après tout, M. Juge, l'huisier de justice qui avait procédé au premier inventaire, n'avait-il pas empoché la collection de petites cuillers en vermeil, sans sourciller, disant d'une voix douceuse. 'Ne vous en faites pas mademoiselle, je ferai un inventaire tout à fait en votre faveur'. [...] p. 134	Afinal de contas, senhor juiz, o oficial de justiça que procedera ao primeiro inventário não embolsara a coleção de colherinhas em vermeil, sem pestanejar, dizendo com uma voz açucarada: 'Não se preocupe, senhorita, vou fazer um inventário totalmente a seu favor'. [...] p. 150	Omissão
C'était bien le moment d' en parler, sur ce quai bondé de gens apeurés, affairés, qui ne s'occupaient que de sauver leurs meubles et leurs hardes, comme si qui que ce soit au monde pouvait en vouloir, [...] p. 144	Bom momento para tocar <i>no assunto</i> , na plataforma apinhada de pessoas com medo atarefadas, que só se ocupavam de salvar seus móveis e trapos, como se houvesse alguém no mundo que pudesse querê-los, [...] p. 167	Paráfrase Correspondência formal
Ils en avaient parlé souvent avec Laurent, un voyage parfumé [...] p. 146	Ela e Laurent tinham falado muito <i>nisso</i> , uma viagem perfumada, [...] p. 169	Correspondência formal
Puis, quand ele était à bout de répertoire, <i>Minuit Chrétiens</i> , <i>Jungle Bells</i> , et même <i>O Tannenbaum</i> puisque désormais l'on vivait en Bochitude et qu'il fallait bien s'entraîner à en parler la langue ! [...] p. 147	Depois, quando o repertório já estava se esgotando, <i>Minuit Chrétiens</i> , <i>Jungle Bells</i> e até <i>O Tannenbaum</i> , já que agora eles viviam na Bochelância e era preciso praticar para falar a língua! [...] p. 169	Omissão
Justine digne et droite, chapeauté, gantée, pour mieux en remonter aux boches. [...] p. 149	Justine aprumada e digna, enchapeada, enluvada, para melhor <i>se impor</i> aos boches. [...] p. 171	Paráfrase
Du gris, du terne. Nice, autrefois, quand les tantes mauriciennes en parlaient [...] p. 152	Cinzento, fosco. Nice, antigamente, quando as tias mauricianas falavam <i>da cidade</i> , [...] p. 177	Paráfrase
Ethel a passé des journées entières au soleil, dans les	Ethel passou dias inteiros ao sol, nas angras do bairro do	

criques du quartier du Lazaret. Elle <i>en</i> avait besoin [...] p. 152	Lazare. Precisava <i>daquilo</i> [...] p. 178	Correspondência formal
Les officiers italiens <i>en</i> avaient occupé un étage jusqu’au jour où – car il existait des catégories même dans la race des seigneurs – ils <i>en</i> avaient été délogés par l’armée allemande [...] p. 159	Os oficiais italianos haviam ocupado um de <i>seus</i> andares, até o dia em que – pois mesmo na raça dos senhores existiam categorias – foram desalojados pelo Exército alemão [...] p. 185	Paráfrase Omissão
La pièce avait un plafond bas, il faisait gris, ça sentait la pisse de chat ela misère. Justement, il y <i>en</i> avait, des chats. [...] p. 162	O quarto tinha teto baixo, estava escuro, o cheiro era de pobreza e de urina de gato. <i>Gatos</i> , de fato, havia ali <i>em profusão</i> [...] p. 187	Paráfrase
Il y a ici des sauvages qui les attrapent pour les vendre à la vivisection. On m’ <i>en</i> a déjà tué deux, [...] p. 162	Por aqui há uns selvagens que os pegam para vendê-los para vivissecção. Já mataram dois, [...] p. 188	Omissão
Enfin, petit à petit, d’autres raisons s’étaient fait jour, sans qu’elle s’ <i>en</i> rende compte. [...] p. 162	Enfim, pouco a pouco outras razões despontaram sem que ela se desse conta. [...] p. 189	Omissão
Et le souvenir d’une présence, au sein de la famille, un fantôme de présence, mais ça n’avait pas été un secret pour Ethel, même si personne n’ <i>en</i> parlait devant elle. [...] p. 163	E a lembrança de uma presença no seio da família, o fantasma de uma presença, coisa que nunca fora segredo para Ethel, embora na sua frente ninguém tocasse <i>no assunto</i> . [...] p. 189	Paráfrase
[...] du riz, du sucre, de la couenne de porc si dure qu’on aurait pu <i>en</i> faire des semelles, de la chicorée, des rations de graisse que les chats lapaient goulûment comme si c’étaient de la crème. [...] p. 164	[...] um pouco de arroz ou de açúcar, uns torresmos que de tão duros dariam para fazer solas de sapatos, chicória, rações de gordura que os gatos lambiam gulosamente como se fossem creme. [...] p. 190	Omissão
‘Tu vois, il m’ <i>en</i> reste encore’. Ou bien: ‘Justement, mas voisine, une pauvre vieille, <i>en</i> aura bien besoin’. Comme si elle n’était pas vieille, pas pauvre et qu’elle n’ <i>en</i> avait pas vraiment besoin. [...] p. 165	Mas eu ainda tenho um pouco, olhe só’. Ou então: ‘Ah, que bom, minha vizinha, que é uma velha pobre, bem que vai precisar <i>disso</i> ’. Como se ela também não fosse velha, nem pobre, nem estivesse tão necessitada <i>de ajuda</i> . [...] p. 191	Omissão Correspondência formal Paráfrase
Maintenant, elle n’ <i>en</i> doutait plus : la question qui la tourmentait, [...] p. 166	Ela agora não tinha mais dúvida: a questão que a tormentava, [...] p. 192	Omissão
Justine s’accrochait à ces informations, elle s’ <i>en</i> nourrissait, [...] p. 170	Justine, agarrando-se a essas informações, <i>delas</i> se nutria, [...] p. 196	Correspondência formal

Justine n' <i>en</i> parlait jamais. [...] p. 170	Justine nunca falava <i>disso</i> . [...] p. 196	Correspondência formal
On pouvait commencer l'histoire parce qu'on <i>en</i> faisait partie. [...] p. 171	Era possível comentar a história, porque <i>dela</i> as pessoas faziam parte. [...] p. 198	Correspondência formal
La vie a repris sans qu'elle s' <i>en</i> rende compte. [...] p. 173	A vida foi retomada sem que ela se desse conta. [...] p. 200	Omissão
Ethel voyait ces mêmes mouches qui se collaient à la jambe de sa mère, sur les bords de la plaie, elle <i>en</i> ressentait un haut-le-coeur, [...] p. 174	Ao ver aquelas moscas pousando em sua perna (da mãe dela – Justine), nas bordas das feridas, Ethel sentia uma profunda náusea, [...] p. 201	Omissão
Et Chemin? Et Talon? Ethel était bien sûre qu'ils s' <i>en</i> étaient sortis. [...] p. 183	E Chemin? E Talon? Ethel esta convencida de que haviam se safado. [...] p. 214	Paráfrase
'Les tourtereaux', quelque chose de ce genre. Ethel s' <i>en</i> souciait un peu : 'Tu te rends compte, ils croient que nous ne sommes pas mariés !' Mais lui s' <i>en</i> moquait, il faisait même exprès de se tromper [...] p. 187	'Ah aqueles pombinhos', ou qualquer coisa do gênero. Ethel estava pouco ligando: 'Você viu só? Estão achando que não somos casados!' Mas ele levava na brincadeira. Inclusive, fazia questão de se enganar [...] p. 218	Omissão Omissão
Je ne peux pas le voir, m' <i>en</i> approcher, tu comprends ? [...] p. 188	Não aguento vê-lo, chegar perto, você entende? [...] p. 219	Omissão
Ethel ne comprenait pas. Pourquoi n' <i>en</i> avait-elle rien su ? [...] p. 188	Ethel não entendia. Por que não soubera de nada? [...] p. 219	Omissão
Il n'avait jamais présenté Ethel à sa tante, par timidité, ou parce qu'il n' <i>en</i> avait pas eu l'occasion. [...] p. 189	Nunca apresentara Ethel à tia, por timidez ou por nunca ter tido ocasião. [...] p. 219	Omissão
Ils n' <i>en</i> ont pas parlé le reste de la journée, [...] p. 189	Não voltaram a falar <i>no assunto</i> nem no restante daquele dia [...] p. 220	Paráfrase
Arrêtés chez eux à l'aube, et conduits sans méfiance, inconscients de ce qui les attendait. À qui le policiers, bonhommes, avaient dit, vous <i>en</i> faites pas, juste un contrôle[...] p. 190	Apreendidos em casa ao raiar do dia e levados sem desconfiar de nada, inconscientes do que os esperava. A quem os policiais, fazendo de boa gente, haviam dito: não liguem, é apenas um controle, [...] p. 220	Omissão
L'arrêt de ses règles, Ethel n' <i>en</i> était pas encore vraiment sûre, elle n' <i>en</i> avait même pas parlé à Laurent. [...] p. 196	Sua menstruação estava atrasada, mas ela ainda não tinha certeza; nem mesmo falara sobre <i>isso</i> com Laurent. [...] p. 227	Omissão Correspondência formal

Y

L'Africain (O Africano)

Ocorrência	Tradução	Estratégia
Quelqu'un qui aurait gardé la mémoire photographique du lieu serait étonné de ce qu'un enfant de huit ans pouvait y voir. p.18	Alguém que houvesse conservado a memória fotográfica do lugar se espantaria com o que um menino de oito anos era capaz de <i>aí</i> ver. p. 13	Correspondência formal
À l'autre bout du terrain, il devait y avoir les cases des serviteurs : [...] p.18	No outro extremo do terreno é que deviam ficar as choças dos serviçais: [...] p. 14	Omissão
[...] la première ville administrative était Abakaliki, à quatre heures de route, et pour y arriver il fallait traverser la rivière... p. 22	[...] a primeira cidade administrativa era Abakaliki, a quatro horas de viagem, e para ir até <i>lá</i> era preciso atravessar o rio... p.17	Correspondência formal
Puis nous avons frappé à coups de bâton les murs, les hautes tours, pour voir s'étrouler la terre poudreuse, mettre au jour les galeries, les bêtes aveugles qui y vivaient. p. 31	A pauladas, atacamos depois as torres altas, para ver a terra esfarinhada ruir, para expor à luz as galerias e os bichos cegos que viviam <i>lá</i> dentro. p. 25	Correspondência formal
[...] pour vivre en Afrique équatoriale, au bord d'une rivière boueuse, encerclés par la forêt. [...] Peut-être que nous avons pensé, comme tous les enfants, que nous allions y mourir. p. 35	[...] para viver na África equatorial, circunscritos pela floresta, à beira de um rio lamacento. [...] Talvez tenhamos pensado, como todas as crianças, que iríamos morrer <i>ali</i> . p. 29	Correspondência formal
[...] et cette sorte de distance ennuyée propre aux gros fumeurs l'isolaient dans un réduit où il s'enfermait à clef pour, justement, y fumer en paix son caporal. [...] p. 52	[...] e essa espécie de distanciamento entediado típico dos grandes fumantes o isolavam num reduto onde ele se fechava a chave, justamente para <i>aí</i> pitar seu mata-rato. [...] p. 45	Correspondência formal
Mon père est né dans la même maison que son oncle, à tour de rôle ils y ont grandi, [...] p. 58	Meu pai e seu tio nasceram na mesma casa e, <i>aí</i> crescendo cada qual por sua vez, [...] p. 52	Correspondência formal
[...] "il y a dix ans, j'y serais allé [...]" p. 62	[...] "Há dez anos, eu teria ido" [...] p. 57	Omissão
Comment n'y aurait-il pas pensé ? [...] p. 72	Como não pensaria <i>nisso</i> ? [...] p. 68	Correspondência formal

[...] jusqu'à la fin de sa vie il aura gardé la marque et la trace de ces collines, de ces forêts et de ces herbages, et des gens qu'il y a connus. [...] p. 82	[...] até o fim de seus dias há de ter conservado as marcas, vestígios daqueles morros, das florestas, dos matagais e pessoas que <i>por lá</i> conheceu. [...] p. 76	Correspondência formal
Les gens qui y vivent pour la plupart [...] p. 82	As pessoas que <i>ai</i> vivem, em sua maioria [...] p. 77	Correspondência formal
Mon père et ma mère y ressentent une liberté qu'ils n'ont jamais connue ailleurs [...] p. 83	Meu pai e minha mãe nunca conheceram alhures a liberdade <i>ai</i> sentida por eles. [...] p. 78	Correspondência formal
(à Kwaja) [...] Il y fait si humide qu'il faut mettre chaque matin les draps et les couvertures à sécher sur le toit [...] p. 86	A umidade era tanta que de manhã é preciso pôr os lençóis e as cobertas para secar no teto [...] p. 81	Omissão
(à Kwaja) Ils y restent une ou deux nuits, [...] p. 86	<i>Lá</i> eles passam uma ou duas noites, [...] p. 81	Correspondência formal
Je me souviens comme si je l'avais connu de l'assistant de mon père à Banso, le vieux Ahidjo, [...] Il n'était pas payé pour le travail qu'il faisait. Sans doute y gagnait-il du prestige, du crédit : [...] p. 93	Lembro-me, como se o tivesse conhecido, do ajudante de meu pai em Banso, o velho Ahidjo, [...] Pelo trabalho que fazia, não era pago. Ganhava, sem dúvida, prestígio e crédito: [...] p. 90	Omissão
Il partage l'ordinaire des Touareg qui accompagnent la caravane, il boit comme eux l'eau des oasis, une eau alcaline qui purge ceux qui n'y sont pas habitués. [...] p. 96	Partilha do trivial dos tuaregues que seguem na caravana e, como eles, bebe a água dos oásis, uma água alcalina que tem efeito purgativo em quem não está acostumado <i>com ela</i> . [...] p. 93	Correspondência formal
Les femmes et les enfants n'ont pas leur place dans la cour de l'hôpital, il est interdit d'y allumer du feu pour faire la cuisine. [...] p. 98	As mulheres e crianças não têm mais seu lugar no pátio do hospital, <i>onde</i> é proibido acender fogo para cozinhar. [...] p. 97	Paráfrase
Dans tel village, dit-on, non loin d'Obudu, les habitants ont coutume de tendre une corde en travers de la route, lorsqu'un voyageur isolé s'y aventure à bicyclette. [...] p. 102	Diz-se que em tal aldeia, não muito longe de Obudu, os habitantes costumam esticar uma corda pela estrada, quando <i>por ela</i> se aventura, de bicicleta, um viajante solitário. [...] p. 99	Paráfrase
À Obudu [...] mais il semble que, si on y regarde de plus près, on constate qu'il y a également à la vente des mains d'enfants. [...] p. 102	Em Obudu [...] embora se verifique, ao que parece, quando se olha de perto, que <i>ali</i> há mãos de crianças sendo igualmente vendidas. [...] p.	Correspondência formal

	100	
Mon père nous répète ces récits effarants, sans doute n'y croit-il qu'à moitié. [...] p. 102	Meu pai nos repete esses relatos espantosos, nos quais, sem dúvida, ele só crê em parte. [...] p. 100	Omissão
Puis il avait imaginé s'installer aux Bahamas, acheter un lopin à Eleuthera et y construire une sorte de campement. [...] p. 118	Imaginara depois instalar-se nas Bahamas, comprar em Eleuthera algum palmo de terra e lá montar uma espécie de acampamento. [...] p. 118	Correspondência formal
Je suis dans la case de passage d'Abakaliki, j'entre dans le cube ombreux de ma chambre [...] Ou bien, au moment où je m'y attends le moins, [...] je suis envahi par le parfum de la terre mouillé de notre jardin à Ogoja, [...] p. 119	E eis que estou na choupana de passagem de Abakaliki, eis que entro no cubo sombrio de meu quarto [...] Ou então, quando menos espero, sou invadido pelo perfume de terra molhada do nosso jardim em Ogoja [...] p. 119	Omissão

Pawana

Ocorrência	Tradução	Estratégia
Et moi, sur les quais de Nantucket, j'écoutais cela e je m'en souvenais moi aussi, comme si j'y avait été. [...] p. 28	E eu, no cais de Nantucket, ouvia o que contavam e me lembrava também, como se já tivesse ido lá [...] p. 18	Correspondência formal
Comme si le vent et le soleil avaient asséché l'eau des collines. Mais je sais que le vent n'y est pour rien. [...] p. 36	Como se o vento e o Sol tivessem secado a água dos morros. Mas eu bem sei que o vento não tem nada a ver <i>com isso</i> . [...] p. 25	Correspondência formal
Elles (les baleines) venaient au monde dans l'endroit où la vie avait commencé, dans le secret de la terre. Sans cesse recommencé, et il ne devait pas y avoir de fin. [...] p. 92	Vinham ao mundo no lugar onde a vida começou, no segredo da terra. Incessantemente recomeçado, e que <i>nele</i> não deveria ter fim. [...] p. 54	Correspondência formal

Ritournelle de la faim (Refrão da fome)

Ocorrência	Tradução	Estratégia
C'est comme un rêve. Quand elle y pense [...] p. 23	É como um sonho. Quando ela pensa <i>no assunto</i> [...] p. 22	Paráfrase

Elle a ajouté, et jamais Ethel n'y avait songé auparavant : [...] p. 31	E acrescentou algo que nunca ocorrera a Ethel: [...] p. 32	Omissão
[...] comme si elle y avait été et pourtant [...] p. 35	[...] como se tivesse estado <i>lá</i> , e no entanto [...] p. 37	Correspondência formal
Elle découvrait cette faiblesse, [...] mais elle ne savait pas y résister. [...] p. 36	Descobria essa fraqueza em si, [...] mas não sabia como <i>lhe</i> opor resistência. [...] p. 38	Paráfrase
Puis ils n'y avaient plus pensé, [...] p. 53	Depois eles não haviam mais pensado <i>no assunto</i> [...] p. 58	Paráfrase
Mais il n'y sont jamais allés, peut-être est-ce le temps qui a manqué. [...] p. 55	Só que nunca foram, talvez por falta de tempo. [...] p. 59	Omissão
Les choses se sont précipitées. Ethel, en y réfléchissant plus tard, réalisera que'elle n'a rien vu venir. [...] p. 64	As coisas se precipitaram. Ao refletir mais tarde <i>sobre a questão</i> , Ethel se dará conta de que não percebera o que se armava. [...] p. 73	Paráfrase
Ethel avait capté le sens du document, qui donnait à son père les pleins pouvoirs pour administrer, gérer et vendre son patrimoine, y compris celui d'y faire édifier toute construction et de souscrire tout emprunt nécessaire pour réaliser son projet. [...] p. 67	Ethel captou o sentido do documento, que dava a seu pai plenos poderes para administrar, gerir e vender o patrimônio dela, inclusive o de construir fosse o que fosse sobre o terreno e o de tomar os empréstimos necessários para a realização do projeto. [...] p. 74	Omissão
Une voie nouvelle ! Vous y croyez, vous ? [...] p. 75	Uma via nova! Eo senhor acredita <i>nisso</i> ? [...] p. 86	Correspondência formal
'Oui, toutes ces parlotes, ces cancans ! Il devait y avoir les mêmes dans le salon du <i>Titanic</i> quand il a coulé'. p. 77	'Ah , sim, todo aquele falatório aquela tagarelice! No salão do <i>Titanic</i> , quando o navio afundou, devia ser <i>a mesma coisa!</i> ' p. 90	Paráfrase
Son grand projet de construire un aéronef à ailes et hélices. Est-ce qu'il y croyait encore [...] p. 80	Seu grande projeto de construir uma aeronave com asas e hélices. Será que ainda acreditava <i>nele</i> ? [...] p. 93	Correspondência formal
Parlez pour vous! Moi, je n'y mettrai jamais les pieds, dans vos cigares volants ! [...] p. 84	Viaje o senhor, se quiser! Quanto a mim, jamais porei os pés nesses seus charutos voadores! [...] p. 96	Omissão
Sans doute de la fatigue, de part et d'autre, et Ethel avait imaginé que c'était Xénia qui se lassait les difficultés de la vie y étaient pour quelque chose. [...] p. 93	Um pouco de cansaço, sem dúvida, de parte a parte, e Ethel imaginara que era Xénia que estava cansada dela. As dificuldades da vida <i>também tinham certo peso</i> . [...] p. 105	Paráfrase
Une odeur de pauvre, une odeur d'âpreté, de nécessité	Um cheiro de pobre, um cheiro de aspereza, de necessidade de	Correspondência formal

d'y arriver. [...] p. 95	chegar <i>lá</i> . [...] p. 108	
'Pourquoi pas l'Atlantide pendant que vous y êtes ?' En revanche ele avait obtenu que fût agrandie la loge de la future concierge, et qu'on y fit mettre un calorifère. [...] p. 102	'Por que nao A Atlântida, já que o senhor está <i>tomando conta do assunto</i> ?' Em compensação, conseguiu que o cubículo da futura zeladora fosse aumentado e que <i>nele</i> se instalasse um aquecedor. [...] p. 114	Paráfrase Correspondência formal
Au lieu de simples semelles, il fallait creuser des puits dans la roche calcaire pour y couler des piliers de béton, [...] p. 103	Em vez de cravar simples estacas, tornou-se necessário abrir furos na rocha calcária para <i>neles</i> verter pilares de concreto, [...] p. 116	Correspondência formal
Le chantier de la rue de l'Armorique a retenu son attention. Elle y avait jusqu'à trois fois par jour, [...] p. 107	O canteiro de obras da Rue de l'Armorique monopolizou sua atenção. Ia <i>lá</i> até três vezes por dia [...] p. 120	Correspondência formal
Il s'engageait à réparer les dommages causés à chacun, 'dusse-je, disait-il, y sacrifier mas vie, mas famille, mon bonher personnel'. [...] p. 112	Comprometeu-se a reparar os danos causados a cada um, 'ainda que <i>para isso</i> eu tenha de sacrificar minha vida, minha família e minha felicidade pessoal'. [...] p. 126	Correspondência formal
Personne d'autre ne s'y intéressait, mais d'entendre Alexandre <i>en</i> parler, avec sa voix grave, ses accents, ses trémolos, jusqu'à s'emporter, elle avait eu envie d'y croire [...] p. 115	Mais ninguém se interessava <i>pelo assunto</i> , porém ela de tanto ouvir Alexandre falar <i>no assunto</i> , com sua voz grave, seu sotaque, seus tremolos, cheio de entusiasmo, teve vontade de acreditar <i>naquilo</i> . [...] p. 129	Paráfrase Correspondência formal
Ethel avait bien pensé à l'atelier de la rue Geoffroy-Marie, mais elle n'avait pas eu le courage d'y retourner. [...] p. 121	Ethel bem que pensara no ateliê de costura da Rue Geoffroy-Marie, mas não tivera coragem voltar <i>lá</i> . [...] p. 135/136	Correspondência formal
Ethel a ironisé malgré elle: la Société de prospection du trésor de Klondike rachetée par une compagnie de taxis, il doit y avoir une morale à cette histoire! [...] p. 123	Ethel não se furtou a ironizar: a Companhia de Prospecção do Tesouro de Klondike comprada por uma empresa de táxis, devia haver uma moral nessa história! [...] p. 138	Omissão
Ces noms farfelus, inventés, pailletés, de la petite noblesse de Maurice, auxquels elle était plus ou moins rattachée par l'histoire de la famille Brun (au moins, celle-là n'avait pas cru bon y rattacher une	Aqueles nomes extravagantes, inventados, rutilantes, da pequena nobreza de Maurício, aos quais ela estava mais ou menos ligada pela história da família Brun (que pelo menos não achara de bom-tom munir o	Paráfrase

particule). [...] p. 129	<i>próprio nome</i> de uma partícula). [...] p. 146	
Alexandre mélangeait les feuilles de carotte séchées au tabac des rations, il prétendait qu'il y trouvait un petit goût sucré de Virginie. [...] p. 154	Alexandre misturava folhas secas de cenoura ao tabaco racionado, fazendo de conta que sentia o gostinho açucarado de um Virgínia. [...] p. 179	Omissão
Boîtes de conserve sur le bord du soupirail ... Ethel y trempait les lèvres, [...] p. 164	Latas de conservas na beirada do respiradouro... Ethel, mal <i>o punha nos</i> lábios, [...] p. 190	Omissão
Ethel, en sortant de chez elle, avait eu un léger haut-le-coeur à l'idée que dans ce bric-à-brac il pouvait y avoir une bague ou des boucles d'oreilles données autrefois par Alexandre, [...] p. 167	Ao sair da casa dela, Ethel tivera uma leve sensação de repulsa diante da ideia de que naquele bricabreque pudesse haver um anel ou brincos presenteados outrora por Alexandre, [...] p. 193	Omissão
'Tu n'iras pas chez Maude ?' a-t-elle demandé. 'E pourquoi tu n'y vas pas toi-même ?' [...] p. 167	'Você não vai ver Maude?' perguntou-lhe. 'Por que você não vai?' [...] p. 193	Omissão
Le pont provisoire faisait un dos-d'âne en amont, là où le fleuve est plus étroit, mais la route qui y conduisait ressemblait à une ornière dans la terre dela berge. [...] p. 178	A ponte provisória se erguia em dois planos com uma aresta no meio, no ponto quem o rio é mais estreito, mas a estrada que levava <i>até ela</i> mais parecia um vinco feito por rodas no terreno da margem. [...] p. 205/206	Correspondência formal
Ethel a fait semblant d'y croire. [...] p. 186	Ethel fingiu que acreditava. [...] p. 216	Omissão
Mais l'esprit n'y était plus. [...] p. 195	Mas o espírito já não estava presente <i>ali</i> . [...] p. 226	Correspondência formal
Il faudrait aller partout, connaître chacun de ces lieux, comprendre comment la vie y a repris, les arbres qu'on y a plantés, [...] p. 203	Seria preciso ir por toda parte, conhecer cada um desses lugares, enteder como a vida foi <i>ali</i> retomada, as árvores que <i>lá</i> se plantaram. [...] p. 237	Correspondência formal Correspondência formal

II ANEXO – CORPUS DA ANÁLISE DE DADOS

Casos de Omissão

- (1) Ethel avait changé son caractère [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 39).
 (1.1) Ethel mudara de caráter [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 41).
- (2) Je garde le souvenir cuisant de ma première rencontre avec les fourmis [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 36).
 (2.1) Guardo a pungente lembrança do meu primeiro encontro com as formigas [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 30).
- (3) Des orages tels que je n'en ai jamais vu ni rêvé depuis [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 20).
 (3.1) Temporais como depois nunca vi, nem sequer em sonho [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 15).
- (4) Des musées, tu pourras toujours *en voir*, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 18).
 (4.1) Museus você sempre vai poder ver, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 16).
- (5) Un accident ! Les avions aussi, il *en* tombe tous les jours ! [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 82).
 (5.1) Um acidente! Com os aviões também, todos os dias *cai algum*. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 94).
- (6) Mais il ne pouvait pas être question d'espionnage, et il s'excusait tout de suite : 'Oublie tout ça, même si tu *en* entends parler, oublie-le. Ce sont des bêtises, tu n'as pas à t'*en mêler*'. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 110).
 (6.1) Mas, por não querer bancar o espião, logo em seguida ele se desculpava: 'Ah, esqueça isso. Mesmo se ouvir falar a respeito, é melhor esquecer. São bobagens, você não tem que se meter'. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 123).
- (7) Justine digne et droite, chapeauté, gantée, pour mieux *en* remonter aux boches. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 149).
 (7.1) Justine aprumada e digna, enchapeada, enluvada, para melhor *se impor* aos boches. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 171).
- (8) Une voie nouvelle ! Vous y croyez, vous ? [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 75).
 (8.1) Uma via nova! E o senhor acredita *nisso*? [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 86).
- (9) La pièce avait un plafond bas, il faisait gris, ça sentait la pisse de chat et la misère. Justement, il y *en* avait, des chats. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 162).
 (9.1) O quarto tinha teto baixo, estava escuro, o cheiro era de pobreza e de urina de gato. *Gatos*, de fato, havia ali *em profusão* [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 187).
- (10) Parlez pour vous ! Moi, je n'y mettrai jamais les pieds, dans vos cigares volants ! [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 84).
 (10.1) Viaje o senhor, se quiser! Quanto a mim, jamais porei os pés nessas seus charutos voadores! [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 96).

(11) Ethel, en sortant de chez elle, avait eu un léger haut-le-coeur à l'idée que dans ce bric-à-brac il pouvait y avoir une bague ou des boucles d'oreilles données autrefois par Alexandre, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 167).

(11.1) Ao sair da casa dela, Ethel tivera uma leve sensação de repulsa diante da ideia de que naquele bricabreque pudesse haver um anel ou brincos presenteados outrora por Alexandre, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 193).

(12) La tranche de pain fondant, nuageux, que j'enforce dans ma bouche et à peine avalée j'*en* demande encore, encore, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 11)

(12.1) A fatia desse pão farelento, que se desmancha, que enfio na boca e do qual, assim que a engulo, peço mais e sempre mais; [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 10).

(13) Il est allé chercher dans sa pharmacie un flacon d'alcool à 90°, il *en* a aspergé le scorpion et a gratté une allumette. [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 40).

(13.1) Foi buscar no seu armário de remédios um vidro de álcool de 90°, derramou um pouco na fêmea de escorpião e riscou um fósforo. [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 34).

(14) [...] du riz, du sucre, de la couenne de porc si dure qu'on aurait pu *en* faire des semelles, de la chicorée, des rations de graisse que les chats lapaient goulûment comme si c'étaient de la crème. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 164).

(14.1) [...] um pouco de arroz ou de açúcar, uns torresmos que de tão duros dariam para fazer solas de sapatos, chicória, rações de gordura que os gatos lambiam gulosamente como se fossem creme. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 190).

(15) L'or s'en va quand Blum arrive. [...] De toute façon le Front n'*en* a plus pour longtemps. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 72).

(15.1) Quando Blum aparece, o ouro some. [...] Seja como for, muito tempo é que o front não aguenta [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 83).

(16) Il y a ici des sauvages qui les attrapent pour les vendre à la vivisection. On m'*en* a déjà tué deux, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 162).

(16.1) Por aqui há uns selvagens que os pegam para vendê-los para vivissecção. Já mataram dois, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 188).

(17) Bien entendu, il ne nous *en* parlait jamais. (LE CLÉZIO, 2004, p. 107).

(17.1) Claro está que ele nunca nos falou a respeito *disso*. (LE CLÉZIO, 2007, p. 107).

(18) Je ne t'*en* ai pas parlé, tu sais à quel point ton grand-oncle t'aimait, tu étais pour lui comme sa petite-fille, il avait toujours souhaité te laisser une grande partie de son patrimoine, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 66).

(18.1) Não lhe falei, mas você sabe como o seu tio-avô gostava de você, sabe que para ele você era como uma neta. Ele sempre quis lhe deixar boa parte do seu patrimônio, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 74).

(19) Mais si, je suis au courant, bien sûr, papa m'*en* a parlé quand j'ai signé les pouvoir, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 95).

(19.1) Quer dizer, estou a par, sim é claro. Papai me falou quando assinei a procuração, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 107).

(20) Laurent restait silencieux à reprendre son souffle, il allait s'excuser, toujours aussi gauche, presque honteux, mais Ethel ne lui *en* laissait pas le temps. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 131).

(20.1) Laurent ficou em silêncio, recuperando o fôlego, já ia se desculpar, sempre desastrado, quase envergonhado, mas Ethel não lhe deu tempo. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 148).

(21) L'entrée dans Obudu, je m'*en* souviens bien : la route sort de l'ombre de la forêt et entre tout droit dans le village, en plein soleil[...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 14).

(21.2) Da entrada em Obudu, lembro-me bem: a estrada sai da sombra da floresta e penetra diretamente na aldeia, em pleno sol [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 9).

(22) Faisait-il chaud vraiment ? Je n'*en* ai aucun souvenir (LE CLÉZIO, 2004, p. 29).

(22.1) Fazia realmente calor? Não, não me lembro mesmo (LE CLÉZIO, 2007, p. 23).

(23) Y avait-il des fourmis avant Ogoja ? Je ne m'*en* souviens pas (LE CLÉZIO, 2004, p. 35).

(23.1) Antes de Ogoja, já havia formigas? Não me lembro. (LE CLÉZIO, 2007, p. 29).

(24) L'affreuse impression, la hantise d'être mangé vivant. Cela dure quelques secondes, des minutes, un temps aussi long qu'un cauchemar. Je ne m'*en* souviens pas, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 37).

(24.1) A terrível impressão, o pavor de ser devorado vivo. Tudo dura alguns segundos, talvez minutos, um tempo tão extenso quanto o de um pesadelo. Não me lembro mais, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 30).

(25) C'était un peu avant l'été. Ethel s'*en* souviendra, il faisait une langueur anormale, la ville semblait endormie [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 118).

(25.1) Foi um pouco antes do verão. Ethel haverá de se lembrar, reinava um langor anormal, a cidade parecia adormecida [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 132).

(26) C'est ce qu'ils disaient, ils racontaient tous cet endroit, comme s'ils l'avaient vu. Et moi, sur les quais de Nantucket, j'écoutais cela e je m'*en* souvenais moi aussi, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 28).

(26.1) Isso era o que eles diziam todos descreviam este lugar como se o tivessem visto. E eu, no cais de Nantucket, ouvia o que contavam e me lembrava também, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 18).

(27) C'est ce qu'ils disaient, ils racontaient tous cet endroit, comme s'ils l'avaient vu. Et moi, sur les quais de Nantucket, j'écoutais cela e je m'*en* souvenais moi aussi, [...] Et maintenant, tout a disparu. Je m'*en* souviens, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 28).

(27.1) Isso era o que eles diziam todos descreviam este lugar como se o tivessem visto. E eu, no cais de Nantucket, ouvia o que contavam e me lembrava também, [...] Agora, tudo desapareceu. Lembro-me, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 18).

(28) Nous avons abordé sur la plage et nous avons couru à travers les dunes jusqu'à ce que nous soyons face à la pleine mer. C'était la fin de l'après-midi, au mois de juin, je m'*en* souviens très bien, [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 31).

(28.1) Atracamos na praia e corremos pelas dunas até diante do mar aberto. Era um fim de tarde, no mês de junho, e eu me lembro muito bem, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 20).

(29) La tombe était si étroite que les bras restaient accrochés aux cailloux, je m'*en* souviens, [...] (LECLÉZIO, 1992, p. 86).

(29.1) Uma cova tão estreita que os braços ficaram agarrados nos seixos, eu me lembro, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 47).

(30) Le mariage avec Daniel n'avait pas eu lieu. Elle *en* était sûre. La famille du futur hésitait. Leur fils était un prix précieux qu'il fallait mériter. Et lui *en* avait-il envie ? [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 119).

(30.1) O casamento com Daniel não se concretizara. Ela tinha certeza. A família do futuro hesitava. O filho do casal era um trunfo precioso que era preciso merecer. E teria ele vontade? [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 133).

Casos de Correspondência Formal

(31) en Guyane anglaise, comme médecin itinérant sur les fleuves. Il *en* est reparti au début des années cinquante, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 45).

(31.1) Meu pai chegou à África em 1928, após dois anos passados na Guiana Inglesa como médico itinerante nos rios. Saiu *de lá* na década de 1950, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 39).

(32) Puis nous avons frappé à coups de bâton les murs, les hautes tours, pour voir s'étrouler la terre poudreuse, mettre au jour les galeries, les bêtes aveugles qui y vivaient (LE CLÉZIO, 2004, p. 31).

(32.1) A pauladas, atacamos depois as torres altas, para ver a terra esfarinhada ruir, para expor à luz as galerias e os bichos cegos que viviam *lá* dentro (LE CLÉZIO, 2007, p. 25).

(33) [...] pour vivre en Afrique équatoriale, au bord d'une rivière boueuse, encerclés par la forêt. [...] Peut-être que nous avons pensé, comme tous les enfants, que nous allions y mourir (LE CLÉZIO, 2004, p. 35).

(33.1) [...] para viver na África equatorial, circunscritos pela floresta, à beira de um rio lamacento. [...] Talvez tenhamos pensado, como todas as crianças, que iríamos morrer *ali* (LE CLÉZIO, 2007, p. 29).

(34) [...] et cette sorte de distance ennuyée propre aux gros fumeurs l'isolaient dans un réduit où il s'enfermait à clef pour, justement, y fumer en paix son caporal [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 52).

(34.1) [...] e essa espécie de distanciamento entediado típico dos grandes fumantes o isolavam num reduto onde ele se fechava a chave, justamente para *aí* pitar seu mata-rato [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 45).

(35) [...] jusqu'à la fin de sa vie il aura gardé la marque et la trace de ces collines, de ces forêts et de ces herbages, et des gens qu'il y a connus [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 82).

(35.1) daqueles morros, das florestas, dos matagais e pessoas que *por lá* conheceu [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 76).

(36) Je me souviens comme si je l'avais connu de l'assistant de mon père à Banso, le vieux Ahidjo, [...] Il n'était pas payé pour le travail qu'il faisait. Sans doute y gagnait-il du prestige, du crédit: [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 93).

(36.1) Lembro-me, como se o tivesse conhecido, do ajudante de meu pai em Banso, o velho Ahidjo, [...] Pelo trabalho que fazia, não era pago. Ganhava, sem dúvida, prestígio e crédito: [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 90).

(37) Ethel avait bien pensé à l'atelier de la rue Geoffroy-Marie, mais elle n'avait pas eu le courage d'y retourner. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 121).

(37.1) Ethel bem que pensara no ateliê de costura da Rue Geoffroy-Marie, mas não tivera coragem voltar *lá*. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 135-136).

(38) Ethel les regardait attentivement, elle cherchait à les rattacher au passé, au temps de son enfance. Mais l'esprit n'y était plus [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 195).

(38.1) Ethel olhava-as atentamente, procurando ligá-las ao passado, à época de sua infância. Mas o espírito já não estava presente *ali* [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 226).

(39) Il faudrait aller partout, connaître chacun de ces lieux, comprendre comment la vie y a repris, les arbres qu'on y a plantés, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 203).

(39.1) Seria preciso ir por toda parte, conhecer cada um desses lugares, entender como a vida foi *ali* retomada, as árvores que *lá* se plantaram. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 237).

(40) Elles (les baleines) venaient au monde dans l'endroit où la vie avait commencé, dans le secret de la terre. Sans cesse recommencé, et il ne devait pas y avoir de fin. [...] (LE CLÉZIO, 1992, p. 92).

(40.1) Vinham ao mundo no lugar onde a vida começou, no segredo da terra. Incessantemente recomeçado, e que *nele* não deveria ter fim. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 54).

(41) Mon père est arrivé en Afrique en 1928, après deux années passées en Guyane anglaise, comme médecin itinérant sur les fleuves. Il *en* est reparti au début des années cinquante, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 45).

(41.1) Meu pai chegou à África em 1928, após dois anos passados na Guiana Inglesa como médico itinerante nos rios. Saiu *de lá* na década de 1950, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 39).

(42) *En* parlait-il ? [...] D'où me vient cette instinctive répulsion que j'ai ressentie depuis l'enfance pour le système de la Colonie ? (LE CLÉZIO, 2004, p. 69).

(42.1) E ele falava *disso*? De onde me vem essa repulsa instintiva que desde a infância eu senti pelo sistema colonial? [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 64).

(43) Je mange le Spam américain. Longtemps après, je garde les boîtes de métal ouvertes à la chef, pour *en* faire des navires de guerre [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 12).

(43.1) Eu como o Spam americano. Muito tempo depois, guardo as latas abertas com uma chave para transformá-las em navios de guerra [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 10).

Casos de Paráfrase

(44) Une anecdote, une simple anecdote. D'où vient que j'*en* garde la marque, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 37).

(44.1) Uma historieta, uma simples historieta. Por que terei conservado então suas marcas, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 31).

(45) Mon père fait donc imprimer les fameuses cartes (j'*en* ai encore un exemplaire) [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 48).

(45.1) Meu pai então manda imprimir esses famosos cartões (um exemplar dos quais ainda tenho comigo) [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 42).

(46) [...] il y a une photo qui m'émeut particulièrement, parce que c'est celle qu'il a choisi d'agrandir pour *en* faire un tableau. [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 71).

(46.1) [...] há uma que me comove particularmente, porque foi a que ele escolheu para ampliar e pôr num quadro. [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 68).

(47) Il y avait un archaïsme dans cette façon, cela ne ressemblait pas à ce que connaissaient mes camarades. J'ai dû *en* ressortir endurci, [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 111).

(47.1) Havia, nesse modo de agir, certo arcaísmo, algo que não se assemelhava ao que era conhecido por meus colegas. Devo porém ter ficado calejado, [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 111).

(48) [...] (le pain) et si ma grand-mère ne le rangeait pas dans son armoire fermée à clef, je pourrais le finir en un instant, jusqu'à *en* être malade. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 11).

(48.1) [...] (o pão) Se minha avó não o guardasse no armário fechado e chave, num instante eu acabaria com tudo, até passar mal. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 10).

(49) Elle avait fixé la nouvelle venue, impossible d'*en* détacher son regard, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 30).

(49.1) Fixava a recém-chegada, não conseguia desviar o olhar e, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 31).

(50) Il était revenu régulièrement, mince et élégant, tellement différent des autres jeune gens qu'Ethel croisait dans Paris, tellement étranger qu'il *en* était étrange. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 62).

(50.1) Aparecia regularmente, delicado e elegante, e era muito diferente dos outros jovens com os quais Ethel cruzava em Paris, sendo estrangeiro quanto estranho. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 67).

(51) Les hommes restaient un peu à l'écart, sans rien dire. Puis, il y *en* a eu quelques-uns pour creuser une tombe, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 86).

(51.1) Os homens ficaram mais afastados, sem dizer nada. Depois alguns se dispuseram a cavar uma cova, [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 47).

(52) De la jalousie simplement. Xénia avait mis ce poison en elle. Elle *en* ressentit du dépit, de la colère envers elle-même. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 37).

(52.1) Simplesmente ciúme. Xénia havia instigado esse veneno nela. E *isso* a fez indignar-se consigo, sentir raiva de si mesma. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 39).

(53) Tu sais, Ehel, la vie réelle est déjà bien assez difficile comme ça, on n'a pas besoin d'*en* remettre. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 39).

(53.1) Sabe, Ethel, a vida real já é bem difícil em si, melhor *não piorar ainda mais as coisas* [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 41).

(54) Alexandre en arrivant de Maurice avait en effet accompli ses études de droit, mais il n'*en* avait rien fait. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 47).

(54.1) Ao chegar da ilha Maurício, Alexandre de fato tinha se formado em direito, *mas o diploma não lhe servira para nada*. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 51).

(55) La ruine, l'angoisse, du futur, la maladie d'Alexandre, l'incapacité où étaient ces deux femmes de s'*en* sortir. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 120).

(55.1) A ruína, a angústia com o futuro, a doença de Alexandre, a incapacidade daquelas duas mulheres de encontrar uma saída. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 134).

(56) Et Chemin ? Et Talon ? Ethel était bien sûre qu'ils s'*en* étaient sortis. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 18).

(56.1) E Chemin? E Talon? Ethel esta convencida de que haviam se safado. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 214).

(57) Ils n'*en* ont pas parlé le reste de la journée, [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 189).

(57.1) Não voltaram a falar *no assunto* nem no restante daquele dia [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 220).

(58) C'est comme un rêve. Quand elle y pense [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 23).

(58.1) É como um sonho. Quando ela pensa *no assunto* [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 22).

(59) Les femmes et les enfants n'ont pas leur place dans la cour de l'hôpital, il est interdit d'y allumer du feu pour faire la cuisine. [...] (LE CLÉZIO, 2004, p. 98).

(59.1) As mulheres e crianças não têm mais seu lugar no pátio do hospital, *onde* é proibido acender fogo para cozinhar. [...] (LE CLÉZIO, 2007, p. 97).

(60) Elle découvrait cette faiblesse, [...] mais elle ne savait pas y résister. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 36).

(60.1) Descobria essa fraqueza em si, [...] mas não sabia como *lhe* opor resistência. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 38).

(61) 'Oui, toutes ces parlotes, ces cancans ! Il devait y avoir les mêmes dans le salon du *Titanic* quand il a coulé'. (LE CLÉZIO, 2008, p. 77).

(61.1) 'Ah, sim, todo aquele falatório aquela tagarelice! No salão do *Titanic*, quando o navio afundou, devia ser *a mesma coisa!*' (LE CLÉZIO, 2009, p. 90).

(62) Sans doute de la fatigue, de part et d'autre, et Ethel avait imaginé que c'était Xénia qui se lassait les difficultés de la vie y étaient pour quelque chose. [...] (LE CLÉZIO, 2008, p. 93).

(62.1) Um pouco de cansaço, sem dúvida, de parte a parte, e Ethel imaginara que era Xénia que estava cansada dela. As dificuldades da vida *também tinham certo peso*. [...] (LE CLÉZIO, 2009, p. 105).

III ANEXO – TABELAS

TABELA 1 – Exemplos de tradução de *en*

L'Africain (O Africano)

EN

Ocorrência	Tradução	Estratégia
Je m' <i>en</i> souviens bien [...] p. 14	[...] lembro-me bem: p.9	Omissão
Des orages tels que je n' <i>en</i> ai jamais vu ni rêvé depuis [...] p.20	Temporais como depois nunca vi,nem sequer em sonho [...] p.15	Omissão
Il est difficile d' <i>en</i> parler aujourd'hui, après tant de catastrophes et d'abandon.	Hoje é difícil falar dela, depois de tanto abandono, tantas catástrofes. p. 16	Correspondência formal
J'étais seulement un enfant, la puissance de l'Empire m'indifférait assez. Mais mon père <i>en</i> pratiquait la règle [...] p. 28	Eu era um menino, não mais que um menino, e o poderio do império me era muito indiferente. Mas suas regras eram postas em prática por meu pai [...] p. 22	Paráfrase
Faisait-il chaud vraiment ? Je n' <i>en</i> ai aucun souvenir. p. 29	Fazia realmente calor ? Não, não me lembro mesmo. p. 23	Omissão
Nous frappions à nouveau jusqu'à <i>en</i> avoir mal aux mains [...] p. 32	Voltávamos a golpeá-las, até sentir as mãos doendo [...] p. 25	Omissão
J'ai pensé qu'il <i>en</i> aurait été autrement si nous étions restés à Ogoja, [...] p. 34	Pensei que tudo seria bem diferente se tivéssemos ficado para sempre em Ogoja, [...] p.29	Omissão
Nous ne savions pas que nous allions <i>en</i> repartir. p. 35	Não sabíamos que haveria um regresso. P. 29	Omissão
Je ne m' <i>en</i> souviens pas. p. 35	Não me lembro. p. 29	Omissão
Je n'ai pas remarqué le cratère qui signale l'entrée de la fourmilière. Tout d'un coup, sans que je m' <i>en</i> sois rendu compte, [...] p. 36	Não notei a cratera que assinala a entrada do formigueiro. De repente, sem que eu me tenha dado conta, [...] p. 30	Omissão

TABELA 2 – Exemplos de tradução de *y**L'Africain**Y*

Ocorrência	Tradução	Estratégia
Quelqu'un qui aurait gardé la mémoire photographique du lieu serait étonné de ce qu'un enfant de huit ans pouvait y voir. p.18	Alguém que houvesse conservado a memória fotográfica do lugar se espantaria com o que um menino de oito anos era capaz de <i>aí</i> ver. p. 13	Correspondência formal
À l'autre bout du terrain, il devait y avoir les cases des serviteurs: p.18	No outro extremo do terreno é que deviam ficar as choças dos serviçais: p. 14	Omissão
[...] la première ville administrative était Abakaliki, à quatre heures de route, et pour y arriver il fallait traverser la rivière... p. 22	[...] a primeira cidade administrativa era Abakaliki, a quatro horas de viagem, e para ir até <i>lá</i> era preciso atravessar o rio... p.17	Correspondência formal
Puis nous avons frappé à coups de bâton les murs, les hautes tours, pour voir s'étrouler la terre poudreuse, mettre au jour les galeries, les bêtes aveugles qui y vivaient. p. 31	A pauladas, atacamos depois as torres altas, para ver a terra esfarinhada ruir, para expor à luz as galerias e os bichos cegos que viviam <i>lá</i> dentro. p. 25	Correspondência formal
Peut-être que nous avons pensé, comme tous les enfants, que nous allions y mourir. p. 35	Talvez tenhamos pensado, como todas as crianças, que iríamos morrer <i>ali</i> . p. 29	Correspondência formal
[...] et cette sorte de distance ennuyée propre aux gros fumeurs l'isolaient dans un réduit où il s'enfermait à clef pour, justement, y fumer en paix son caporal. [...] p. 52	[...] e essa espécie de distanciamento entediado típico dos grandes fumantes o isolavam num reduto onde ele se fechava a chave, justamente para <i>aí</i> pitar seu mata-rato. [...] p. 45	Correspondência formal
Mon père est né dans la même maison que son oncle, à tour de rôle ils y ont grandi, [...] p. 58	Meu pai e seu tio nasceram na mesma casa e, <i>aí</i> crescendo cada qual por sua vez, [...] p. 52	Correspondência formal

TABELA 3 – Lugar dos pronomes complementos em uma frase no francês

I	II	III	IV	V	VI
<i>je</i>					
<i>tu</i>					
<i>il</i>	<i>me</i>				
<i>elle</i>	<i>te</i>	<i>le</i>	<i>lui</i>		
<i>on</i>	<i>se</i>	<i>la</i>	<i>leur</i>	<i>y</i>	<i>en</i>
<i>nous</i>	<i>nous</i>	<i>les</i>			
<i>vous</i>	<i>vous</i>				
<i>ils</i>					
<i>elles</i>					

TABELA 4 – Quantitativo de omissão

ESTRATÉGIA	EN		Y	
	Com referência	Sem referência	Com referência	Sem referência
OMISSÃO	34 ocorrências	33 ocorrências	7 ocorrências	9 ocorrências

TABELA 5 – Quantitativo de Correspondência formal

ESTRATÉGIA	EN	Y
CORRESPONDÊNCIA FORMAL	23 ocorrências	31 ocorrências

TABELA 6 – Quantitativo de Paráfrase

ESTRATÉGIA	EN	Y
PARÁFRASE	32 ocorrências	11 ocorrências

TABELA 7 – Quantitativo isolado de *en***EN**

Estratégias	Ocorrência	Valor quantitativo
Omissão	67 casos	54,9%
Correspondência formal	23 casos	18,9%
Paráfrase	32 casos	26,2%

TABELA 8 – Quantitativo isolado de *y***Y**

Estratégias	Ocorrência	Valor quantitativo
Omissão	16 casos	27,6%
Correspondência formal	31 casos	53,5%
Paráfrase	11 casos	18,9%